

bc  
BIBLIOTECA CARIOCA

# ESTAÇÃO RIO

Maria Augusta Machado da Silva

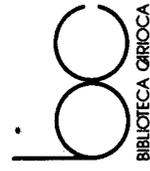
### **ESTAÇÃO RIO**

de Maria Augusta Machado da Silva

Estação sugere paragem, pausa necessária para que o leitor observe melhor os vários episódios que se desenrolam neste Rio e imprimem à sua história: emoções, mistérios e sentimentos contraditórios dos personagens que nele desembarcam.

Com a simplicidade que caracteriza a técnica do bom contador de histórias, Maria Augusta Machado faz do humor presença marcante em muitos dos casos narrados, como em "O *kitsch* imortal", "A com desfecho imprevisível", "Afronta", "A difícil confissão" e outros. A criação de tipos simplórios e até ingênuos, como em "Portador de confiança" e "Biscateiro", também se reveste desse humor que culmina no incrível e tragicômico "Papai está aqui".

Destacam-se personagens femininas; algumas de forte personalidade tornam-se especiais como em "Justiceira", "Pivô da crise", "Monarquista acima de tudo" e "Perigo à vista". Presentes os solitários e misteriosos como o inglês em fase de extinção de "*Saturday evening*" e a viúva de deslumbrantes olhos verdes de "Os convidados do Além".



# ESTAÇÃO RIO

**Maria Augusta Machado da Silva**

Ilustrações de  
**Zoravia Bettiol**



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro  
Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes  
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural  
Divisão de Editoração

Coleção *BIBLIOTECA CARIOCA*  
Volume 23

Organizador  
Afonso Carlos Marques dos Santos

Copyright © Maria Augusta Machado da Silva, 1992

Direitos desta edição cedidos ao  
Departamento Geral de  
Documentação e Informação  
Cultural da Secretaria Municipal de  
Cultura, Turismo e Esportes.  
Proibida a reprodução, total ou  
parcial, e por qualquer meio, sem  
expressa autorização.  
Impresso no Brasil - *Printed in Brazil*  
ISBN 85-85096-32-2

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de  
Processamento Técnico do CT/DGDI/DEB

---

586 Silva, Maria Augusta F. Machado da  
Estação Rio / Maria Augusta  
F. Machado da Silva; ilustração de  
Zoravia Bettiol. - Rio de  
Janeiro: Secretaria Municipal de Cul-  
tura, Turismo e Esportes, Departamen-  
to Geral de Documentação e  
Informação Cultural, Divisão de  
Editoração, 1992.  
124 p. (Biblioteca Carioca; v. 23)  
I. Contos brasileiros. I. Bettiol,  
Zoravia, il. II. Título. III. Série.

CDD - B869.3

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
Marcello Alencar

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES  
Carlos Eduardo Novaes

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CULTURAL  
Helena Corrêa Machado

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO  
Paulo Roberto de Araujo Santos

#### CONSELHO EDITORIAL

*Presidente*

Afonso Carlos Marques dos Santos

*Membros*

Helena Corrêa Machado

Paulo Roberto de Araujo Santos

Sandra Horta Marques da Costa

Samira Nahid de Mesquita

Maurício de Almeida Abreu

Maria Augusta F. Machado da Silva

Evelyn Furquim Werneck Lima

Elhana Rezende Furtado de Mendonça

Maria Isabel de Matos Falcão

Edição e revisão de texto: Ana Lucia Machado de Oliveira, Célia Almeida Cotrim,  
Diva Maria Dias Graciosa  
Da Divisão de Editoração do CT/DGDI

Capa e projeto gráfico da coleção: Ivone Barros  
Arte-final da capa: Vera Camisão  
Do Centro de Pesquisa e Comunicação Social/SMCT

1992

Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes  
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural  
Rua Afonso Cavalcanti, 455 – sl. 201  
Cidade Nova – Rio de Janeiro – CEP 20211-110 – Tel.: 273-9390

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 7  
MARIA AUGUSTA, POR ELA MESMA, 9

ESTAÇÃO RIO, 13

*Saturday evening*, 17

Justiceira, 23

Orgulho de machão, 27

Monarquista acima de tudo, 30

Isca, 32

Preconceito, 33

Portador de confiança, 37

Harmonioso Quarteto, 39

Presente muito especial, 41

Gratidão do nomeado, 44

O dia da Ira, 47

Os convidados do Além, 49

Competência em conflito, 51

Papai está aqui, 54

O coroamento da descoberta, 57

Prega no tempo, 60

O casamento do ano, 62

Biscateiro, 66

O *kitsch* imortal, 71

Pivô da crise, 73

O valor da indenização, 75

O custo da rejeição, 77

Maionese de lagosta, 79

O que fugiu para o temporal, 82

Afronta, 84

Festival do grátis, 88

Eparê! Eparê! Eparê!, 92

A revelação, 95

A proposta, 98

Concessão ao preconceito, 100

Perigo à vista, 104

A calcinha da Malvina, 106

Carta anônima, 108

A difícil confissão, 110

O milagre da boa hora, 112

Bola de sabão, 115

A guerra dos *gluglus*, 117

Encomenda dos miúdos, 119



## APRESENTAÇÃO

A autora deste livro é, ela mesma, uma das mais encantadoras personagens da vida cultural da cidade do Rio de Janeiro. Museóloga e pesquisadora, atuou em importantes instituições de memória desta cidade, onde se dedicou aos estudos de sua história republicana, do folclore, do problema dos museus regionais, das religiões populares e suas origens, da especificidade das leituras museológicas a partir de objetos e conjuntos e, mais recentemente, da figura admirável do maestro Villa-Lobos (homem, tempo e espaço). Sua trajetória profissional e seu belo *curriculum vitae* confundem-se com a história da museologia brasileira no século XX e com os percalços das nossas instituições culturais. Contudo, o encontro marcado nessas páginas não será com a pesquisadora, mas com uma outra dimensão da sensibilidade da autora.

Maria Augusta Machado da Silva, que também se assina Maria Augusta Machado, reúne neste livro um delicioso conjunto de "historinhas", como ela própria as denomina. São narrativas curtas que dificilmente poderão ser enquadradas do ponto de vista dos gêneros literários. Por vezes parecem contos, ou ainda crônicas; na verdade, são textos alimentados pela memória de quem viveu temporalidades diversas e soube apreendê-las com humor e perspicácia.

Das páginas de *Estação Rio* surge uma cidade viva surpreendida pela pena de Maria Augusta que é, ao mesmo tempo, autora e personagem dessas pequenas histórias. Sobre os aspectos os mais simples da vida, ela lança o seu olhar inteligente, entremeando as narrativas com observações sagazes e espirituosas. Das mais recuadas no tempo às mais recentes, as histórias de Maria Augusta, como a sua ligeira autobiografia, nos permitem acompanhá-la em passeios no tempo e no espaço carioca. E estas viagens têm a marca principal da autora, o interesse por tudo que é humano, atributo daqueles que sabem saborear a vida.

**Afonso Carlos Marques dos Santos**  
Presidente do Conselho Municipal de Proteção  
do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro



## MARIA AUGUSTA, POR ELA MESMA

Conheceu e participou de muitos mundos. Foi contemporânea de mutações que se processaram em ritmos que foram dos aceleradíssimos aos alucinantes. Através do conhecimento do ontem, aprendeu a compreender o hoje. Vivenciou a explosão gerada pelos meios de comunicação de massas. Situa-se entre os dois grandes divisores que fracionaram o século XX. De tanto sobreviver às derrocadas do que lhe foi proposto como imutável em seus valores básicos, fez-se atemporal.

Sua história pessoal é simples, embora um tanto ou quanto singular.

Nasceu no então vilarejo paulista de Serrinha, que se tornaria a próspera Serrana.

Não conheceu a sua terra. Logo a trouxeram para o Rio de Janeiro, onde iria despontar para a vida nos bairros de Copacabana e Botafogo.

Não conheceu seus pais. Apenas completara dois anos quando a tuberculose e a gripe espanhola os vitimaram.

Conheceu, isto sim, sua família paterna e foi modelada segundo os valores dominantes na sua classe social.

Juntamente com três irmãos, foi criada por uma tia solteira que ultrapassara o meio século de vida. Ela lhes deu amor, presença, dedicação e um lar. Não lhes pôde dar experiências, porquanto, em seu tempo o destino da mulher solteira nada tinha de glorioso.

A babá, negra e digna como um soba, que lhe revelou muitas coisas da cultura africana e nutria pelo avô Conselheiro, que assinou a Lei do Ventre Livre, um profundo respeito, foi a figura forte que marcou a sua infância.

Pouco antes de completar seis anos, a tia que a criava mudou-se para Petrópolis. No novo cenário, encontrou estranhas co-existências. Cidade hibernada no inverno e cheia de novidades no verão. Tardia *Belle Époque* alimentando remanescentes monárquicos. Domínio absoluto do catolicismo ultraconservador. Elites em veraneio aumentando o custo de vida, vivenciando a moda do momento e escandalizando comportados vitorianismos. Bons colégios. Classes sociais se defrontando, sem se interpenetrarem. Neste contexto passou da infância para a adolescência.

Com a real chegada do século XX ao Brasil, na esteira da vitoriosa revolução de 30, a aristocrática Petrópolis popularizou-se.

Conheceu e provou o poder de uma mutação sócio-política alterando a vida de todos.

Duas viagens a Santa Catarina, que acenderam a sua imaginação. Retorno ao Rio de Janeiro, precedido de maravilhoso e irresponsável pouso no bairro niteroiense de Icaraí. Durante três anos sua vida se centrou em praia, amigas, passeios, espetáculos, brincadeiras. Total alheamento do que ocorria nos distantes cenários onde a História se preparava para jogar a grande partida do século. De produtivo, apenas o trabalho voluntário no Instituto de Proteção à Infância, onde descobriu o universo formado por pessoas diferentes da sua preservadíssima classe social. Como novidade maior, proporcionada pela Casa do Estudante do Brasil, a correspondência com um desconhecido finlandês que lhe revelou os mistérios dos países escandinavos e a alertou sobre o conflito que se formava.

Bagagem cultural modesta, mas repleta de aglutinações hibernadas. Estudos regulares no Colégio Santa Catarina, em Petrópolis (educandário de freiras alemãs, caracterizado pelo espírito liberal e sem os requintes vigorantes nos colégios direcionados pela cultura francesa).

Vários e diversificados cursos de enriquecimento cultural. Formação extracurricular sempre movida pela curiosidade e lubrificada pelo entusiasmo. Muita leitura. Imaginação solta. Cinema como grande vetor de transformações sociais. Descoberta dos espetáculos. Acima de tudo, o gosto cigano de viajar e conquistar espaços.

Formação profissional imposta pela necessidade de ingressar no mercado de trabalho, que então se apresentava como solução desejável para moças que não eram ricas e não encontraram maridos. Nenhum entusiasmo e muito medo.

Tempo de guerra, sem vivenciamentos. Em cada esquina um estrategista. Opiniões se subdividindo. Costumes sendo liberados. Trabalho monótono, funcionando apenas como ganha-pão.

De repente, a grande oportunidade vinda através da sua nomeação para o Museu Histórico da Cidade, órgão do recém-criado Departamento de História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal.

Paixão súbita pelo universo do ontem e acompanhamento interessadíssimo pela cidade em transformação urbana.

Quando Gustavo Barroso a escolheu para ingressar no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, onde se formaram todos os museólogos que alicerçaram a museologia brasileira, seu caminho se iluminou.

Anos dourados do pós-guerra. Tempo de estudos. O mundo chegando ao Rio de Janeiro e transformando contornos e estruturas.

Entre as muitas disciplinas estudadas, sua escolha recaiu sobre o folclore e as religiões negras que, na época, eram esmagadas pelos preconceitos e, ao mesmo tempo, vislumbradas

com intensa curiosidade. Como escolha complementar, as civilizações pré-colombianas que um dia iria conhecer, guiada por grandes mestres, de forma então insuspeitada.

Na pesquisa museológica encontrou o caminho que buscava, onde tudo se renova, tudo se explica e tudo é passível de ser relacionado.

Vivências particulares abriram trilhas secundárias em seu campo profissional.

Tempo de viagens. Longas permanências na Bolívia, onde se deparou com um universo paralelo e complementar ao que conhecia.

Outra vez o Brasil. Tempo de domesticidade determinada pelo nascimento do seu filho.

Quando retornou com força plena às suas atividades,

encontrou pulverizado o mundo que outra vez julgara estável.

Volta ao Museu da Cidade do Rio de Janeiro. A cidade vive em clima de euforia e abundância. Festeja, com grande pompa, o seu quarto centenário de fundação. Deixou de ser a capital do país para se tornar a Belacap. O Departamento de História e Documentação se transforma no Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara: Portugal, que tanto colaborou para o brilho das comemorações, oferece bolsas de estudos na área da cultura.

Foi agraciada com bolsa concedida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e Instituto de Alta Cultura. Estudou museologia regional e integração de bens culturais tombados.

Paralelamente, vivenciando e estudando Portugal, entendeu muito o que é o Brasil.

O seu pouso de regresso é o Arquivo Histórico da Cidade do Rio de Janeiro. Encontra documentos da maior importância e aquilata o seu imenso potencial informativo. Em profissionais da área de História, atuando ou servindo-se do Arquivo para os seus trabalhos, encontra mestres que a conduzem para além dos limites convencionais da museologia. Uma chefia lhe proporciona a oportunidade de pôr em prática várias de suas idéias, sendo que uma delas foi a semente da vitoriosa atividade "Museu vai à Escola".

Quando está no pique das suas atividades, a aposentadoria dá um novo rumo à sua vida. Interrompe atividades regulares e ganha o tempo necessário para dedicar-se à pesquisa museológica.

Amplia a que realizou a partir da coleção de ex-votos cênicos da igreja de Nossa Senhora da Pena, em Jacarepaguá. Estuda as muitas e paginantes vertentes que se inserem nas devoções populares brasileiras. São Jorge, encarado como arquétipo, santo e orixá, gera um ensaio ainda inédito. A pluralidade do culto a Nossa Senhora de Copacabana lhe fornece material para um pequeno ensaio de divulgação cultural. Trabalha, como divulgadora cultural, nas Galerias Intercontinental e Luiz Buarque de Hollanda. Faz palestras e conferências. Escreve artigos. A revista *Cultura-Mec* publica cinco de suas pesquisas. O Museu Histórico Nacional, em

convênio com a UERJ e a Fundação MUDES, publica o seu ensaio "Ex-votos e orantes no Brasil". Cooperou em curadorias de exposições. Integra-se em Grupos de Trabalho, formados em diferentes órgãos.

De quando em quando, por razões familiares, viaja para a Argentina, onde passa longos períodos.

Atendendo a convite de Arminda Villa-Lobos, no ano de 1983, retorna ao profissionalismo regular. O Museu Villa-Lobos, recém-incorporado à Fundação Pró-Memória, moderniza-se e requer alguém com vocação especulativa e conhecedor da história carioca.

Ultrapassa os limites das suas atribuições. Torna-se escriba e narradora. Divulga a história do homem Villa-Lobos em programas organizados pelo museu ou a ele solicitados.

Com a implantação do Plano Único de Carreira, transformando em funcionários públicos os integrantes das fundações extintas, aposentadoria compulsória por limite de idade afastou-se dos quadros do Museu Villa-Lobos.

Paralelamente às suas atividades técnicas, sempre gostou de contar histórias. Nos seus muitos anos de vida, conheceu pessoas e situações diversificadíssimas. Todas elas refletindo, com precisão, valores relacionados com o psiquismo dos seus animadores, com suas condições sociais e com suas condutas determinadas pelo meio ambiente e tempo de ocorrência.

Tem plena consciência de que não é uma literata. É apenas alguém que muito viveu e gosta de contar histórias divertidas. Apenas estas. "As amargas, não", dizia Alvaro Moreyra. O conselho foi aceito.

ESTACÃO RIO

Na estação Rio de Janeiro desembarca  
toda a sorte de gente. Integra-se  
na vida da cidade e nela imprime as  
marcas da sua cultura

Aos que não viveriam o  
tempo em que no Rio de Janeiro  
toda gente tinha um caso  
para contar



## SATURDAY EVENING

Mr. John Mac-Evans não compareceu ao escritório na manhã de segunda-feira. Não mandou bilhete. As duas últimas pessoas que o viram foram a chefe do Departamento do Pessoal e a faxineira que fechou o escritório às 12:30h de sábado.

– Não é do feitio de mr. John. Quem sabe está doente?

Mr. John Mac-Evans não compareceu ao trabalho durante toda a semana. Terá viajado?

– Não parece. Saiu para o trabalho na manhã de sábado. Não levou mala.

– Nenhuma carta. Nenhuma chamada telefônica. Ninguém o procurou. Saiu na hora de costume. Tomou o ônibus de sempre. No horário de sempre. Não aparentava preocupação. Não parecia doente. Saiu no sábado e voltou no domingo. Onde costumava mr. John passar as noites de sábado para domingo? Não saía com mala.

Na terça-feira mr. John Mac-Evans não atendeu à campainha. A faxineira tocou durante muito tempo e desistiu. Passou resmungando e dizendo que não ia perder o dinheiro do dia.

– É. Desde sábado, o inquilino do 703 não passa pela portaria. Sei quem é. O inglês alto, calado e sempre metido em roupa de lã grossa.

Chegou a polícia. Arrochou todo mundo. Arrombou a porta do 703.

Tudo em perfeita ordem. Apenas, mr. John Mac-Evans não estava em casa.

Nenhum atropelado com as características descritas. Nenhum corpo conferido.

– O homem não pode ter sumido. Para algum lugar ele foi. Não levou mala. O que houve com mr. John Mac-Evans?

– Para mim foi seqüestro.

– Seqüestro nada. O homem não era rico. Não era importante. Seqüestrar para quê?

– É. Mas tinha pinta de turista desavisado. Com aquela roupa de lã... Cruz credo!

– Se mr. John Mac-Evans era chegado a vícios? Aqui, ninguém nunca viu nada de suspeito. Não entrava ninguém. Nem para visitar. Nem para cobrar nada. Só a faxineira vinha duas vezes por semana.

– Nunca se sabe... Nunca se sabe...

- Não estava com jeito de doente. Se estava aflito, disfarçou bem.
- Não consultou nenhum médico. Não comprou remédio. O que terá acontecido com mr. John Mac-Evans?
- Coitado! Um cavalheiro. Homens como ele já não existem. Quem poderia imaginar um sumiço desses?
- Quem me dera descobrir um jeito de derreter mr. John Mac-Evans. Nome lindo! Aristocrático. Quem sabe ele não é aparentado com a família real? Ninguém sabe da sua vida na Inglaterra. Tão romântico! Até me casava com um homem assim. (Três suspiros profundos.) Também, como é que se pode derreter um homem que veste terno de casimira grossa, quando todo o mundo está morrendo de calor?
- Homem sem mulher... Cruz credo! Imagine. Só a faxineira entrava no apartamento dele. Ela diz que trabalhar para mr. John é o mesmo que arumar casa de defunto.
- Que foi que aconteceu com o Bacalhau? Sumiu? Que barato. Cozinhou dentro da roupa e acabou sendo comido.
- Moleque sem respeito. Quer que chame a polícia? Quer?
- Vira a boca pro lado. Vou tirar o time.
- Mr. John sempre foi um bom freguês. Não era dado a reclamações. Queria sempre as mesmas coisas.
- Tenho para mim que foi paixão recolhida. Coitado! Deve ter amado muito. Foi traído... Será que ela morreu? Paixão recolhida dá nisso.
- Qual nada. Ele deve ter ficado cheio de mulher aporrinhando. Deu o fora e entrou na tranca.
- Mr. John Mac-Evans? Não! Perfeitamente másculo.
- Que mania de se meter na vida dos outros. Deixa o homem com os segredos dele. Para ser como ele, só tendo segredo.
- Fofoqueira.
- Quem é fofoqueira? Quem defende ou quem fofoca? Está chegando a faxineira. Diz que vem pedir as contas.
- Gentes, não voltou! Como era "seu Jone"? Até que podia ser bonito e simpático. Fazia a faxina no apartamento dele. Duas vezes por semana. Homem esquisito. Morava só. Nunca vi visita. Não chegava carta. Não recebia recado. Não usava o telefone da portaria. Bem, isso é melhor perguntar para o porteiro. Não tinha televisão. O homem não tinha nem radinho de pilha. Qualquer pobre pode ter radinho de pilha, não pode? Paga em prestação. Radinho ajuda no trabalho. Tira o medo de ficar só. "Seu Jone" era "home deferente". Parecia até que perdeu a fala. Só dava ordem em papelzinho. Faxineira pra ele, só sabendo ler.
- Mr. John? Não dava trabalho. Cumpria o regulamento. Não era procurado por ninguém. Não recebia cartas. Telefonemas, também não. Ótimo inquilino! Pagamento sempre em dia. Conjugado em perfeita ordem. Nenhuma reclamação dos vizinhos.

— Mr. John Mac-Evans frequentava alguma igreja? Não é possível. Um inglês de cinquenta anos sempre frequenta uma igreja.

— Será que tinha família na Inglaterra?

— Não agoura o homem. Ele está desaparecido, só isto.

— Seqüestrado! Que barato! Já pediram o resgate?

— Deixa o segredo do homem ficar com ele. Que intronmetimentos!

— Quem diria... Um edifício de classe. Pequeno, mas de classe. Publicidade desagradável.

— O homem já apareceu?

— Aquilo lá é homem? Punhado de cinzas, isso sim. Se algum dia pegou fogo, foi há muito tempo.

— A faxineira contou para a empregada do 303 que contou para a do 104. Todo mundo já sabe. A empregada do 104 espalhou para todo o prédio. No apartamento do "seu Jone" não entra garrafa de uísque. Inglês que não bebe uísque... Para mim, tem coisa.

— Mr. John Mac-Evans. Ótimo funcionário. Pontual. Cumpridor dos deveres, metódico. Executa ordens como ninguém. Com eficiência e discrição. Não indaga. Executa. Trabalho limpo. Funciona como um relógio de alta qualidade.

— Mr. John Mac-Evans foi submetido, como todos os funcionários da firma, ao exame médico anual. Nenhuma anormalidade foi constatada. Não procurou o departamento médico em outra ocasião.

— Sim. Na tarde de sexta-feira chamei mr. John Mac-Evans ao departamento do pessoal. Sua ficha precisava ser refeita. A estagiária fez uma bagunça danada nos fichários. Mais de dez fichas sumiram ou foram arquivadas em lugar errado. Parece incrível. Com diploma universitário e sem saber ordem alfabética. Entre as dez fichas sumidas estava a de mr. John Mac-Evans. Toda gente sabe que é inglês, solteiro e radicado no Brasil. Só isso. Preciso de maiores dados para preencher uma segunda via.

— Como o pessoal do escritório se relacionava com mr. John Mac-Evans?

— O Bacalhau-ao-forno? Sabia trabalhar bem. Só isso.

— O Consulado já foi avisado?

O dono da banca de jornais forneceu a segunda pista.

Todos os sábados, por volta das treze horas, o inglês parava na banca e comprava o *Herald Daily*.

Caminhava até a praça e entrava no restaurante.

— Um senhor alto, magro, sempre vestido com um terno de lã grossa... Aparecia aos sábados. Chegava entre 1:45h e duas horas. Saía do restaurante. Andava devagar e com grande solenidade. Sentava sempre no mesmo banco. Acendia o cachimbo. Abria o jornal e

ficava lendo. Não aparecia nos dias de chuva. Ficava lendo no restaurant.

- No sábado... Chegou às duas horas. Leu o jornal. Quando já estava no fim, apareceu o primeiro gringo. Cumprimentaram-se e ficaram esperando pela chegada dos dois outros gringos. Era sempre a mesma coisa, no mesmo dia da semana, na mesma hora. O último a chegar, também gringo, nem sentava. Cumprimentava os três e saíam juntos para tomar o carro que ele estacionava sempre no mesmo lugar. Dava até para acertar relógio.

- Os gringos? Os gringos do sábado? O carro é o fusquinha preto com quatro portas. Pára no mesmo lugar durante dez minutos. Dão sempre a mesma grana.

O mistério começou a se aclarar.

No último sábado em que mr. John Mac-Evans foi visto, ocorreram os seguintes fatos.

O relógio do escritório marcou 12:30h. Saíram com muita pressa todos os funcionários da firma. Mr. John Mac-Evans, sem nenhuma pressa, fechou as gavetas da sua escrivaninha.

Claro que o servente sabia quem era ele. O cara que parecia não ter pressa e atrapalhava a vida dele.

- O homem parecia ter alguma coisa com os sábados. Caprichava no terno. Entrava no xadrezinho. (Quente como o outro.) Mudava a gravata. Saía como se não tivesse pressa. Não parecia ele mesmo. Andava que nem pai de noiva em cortejo de casamento.

No restaurante da praça, também foram colhidas informações. Sentou à mesma mesa. Foi servido pelo mesmo garçom. Comeu as mesmas coisas. Carneiro assado com vinho tinto e purê de maçã. Pudim de pão e chá. Deu a mesma gorjeta de sempre. Esqueci de dizer. Chegou na mesma hora.

O sorveteiro e o pipoqueiro também lembraram. No último sábado... Viram sim. Os quatro gringos dos sábados.

O primeiro a chegar foi mr. John Mac-Evans. Na hora de sempre. Sentou no banco de sempre. Acendeu o cachimbo. Abriu o jornal e leu da primeira à última página.

Por volta das três horas chegaram os outros. Cumprimentaram-se e ficaram esperando o gringo do carro.

O olheiro deu outros informes.

- O fusca preto dos sábados? Deixe lembrar o nome deles ... Não dá. Falavam língua engrolada. O número do carro é que lembro. DC-54392-RJ.

- Licença do carro? "Peraí", vou ver.

DC-54392-RJ. Proprietário: Edward Smithson.

Henry Browning. Quarenta e oito anos. Inglês radicado no Brasil. Funcionário. Correto, misterioso, solitário. Solteiro.

Há dez anos foi apresentado a mr. John Mac-Evans.

Thomas Sitwell. Cinquenta e seis anos. Inglês radicado no Brasil. Funcionário. Correto, misterioso, solitário. Solteiro.

Há sete anos foi apresentado a mr. John Mac-Evans.

Edward Smithson. Quarenta e oito anos. Inglês radicado no Brasil. Funcionário. Correto, misterioso, solitário.

Alguns dados interessantes sobre mr. Edward Smithson. Viúvo. Continuou morando no mesmo apartamento de janelas abertas para o mar. Nada modificou em casa. Conservou o carro de que a mulher tanto gostava.

Há cinco anos foi apresentado a mr. John Mac-Evans.

Os quatro ingleses formais e solitários entraram no apartamento com janelas abertas para o mar.

Como de costume, garrafas de uísque e pratinhos com amins doins estavam sobre a mesa. O balde logo recebeu o gelo.

Dominando o ambiente, na parede voltada em direção ao mar, o retrato da família real da Inglaterra.

O dono da casa serviu às primeiras doses de uísque aos convidados. Todos se colocaram de pé. Cumprindo um ritual, mr. Edward Smithson enche o seu copo. Concentra-se. Volta-se para o retrato da família real britânica. Eieva o copo e saúda a majestade.

— *God save the queen!*

Todos os copos se tornam vasos rituais.

— *God save the queen!*

A sessão de brindes à família real se inicia. De quatro horas de sábado às quatro horas de domingo.

— Por que mr. John Mac-Evans não voltou para o seu apartamento na tarde de domingo?

— Mr. John Mac-Evans saiu cedo, quebrando sua rotina. *Yes*, na madrugada de sábado para domingo.

— Mr. John Mac-Evans participou sua resolução de retornar à Inglaterra e prestar vassalagem a Sua Majestade, a rainha.

*God save the queen!*

Sua decisão foi acatada. Comentários seriam impertinentes. Quebra de intimidade intolerável. Ninguém se opôs e ele saiu sem maiores esclarecimentos. Os brindes continuaram, como sempre, até as quatro horas de domingo. Exatamente às quatro horas, a sessão foi encerrada. Cidadãos britânicos devem se apresentar perfeitamente sóbrios em seus trabalhos.

O corpo deu na praia. Quase irreconhecível.

— Por que morreu? Quando morreu? Quem era? Crime ou suicídio? Desastre? Talvez queda...

O corpo foi identificado pelo terno de xadrezinho.

Um bêbado encerrou a sindicância.

Na madrugada de sábado um gringo esquisito chegou à praia. Vestido com roupa de lã grossa. De xadrezinho. Falando engrolado. Não dava para entender nada.

Atravessou a areia. Chegou à beirinha do mar. Fez reverências como se estivesse saudando Iemanjá. E foi entrando na água.

Ele viu. Não pôde fazer nada. Suas pernas não obedeciam. Pediu socorro. Contou e ninguém acreditou.

Rio de Janeiro, 1963.

## JUSTICEIRA

Como Tita nunca ouviu falar na Grécia e o episódio ocorreu no ano de 1954, é história que dá para pensar.

Ela nasceu numa cidadezinha de Minas Gerais. Família honrada e pobre. Gente trabalhadeira por necessidade e convicção.

Tita é negra, alta, feita, ossuda. Tem jeito de boneca de mola. É trabalhadeira. Ainda pequenina pegou no cabo da enxada. Ajudou a criar os irmãos.

Tita foi vista quando saía do banho no córrego. Tinha gosto e água entrando na pele. Ria satisfeita. Sua alegria solta perturbou o roceiro que passava. Homem mal afamado. Mulherengo. Não gostando de trabalho.

Ela não resistiu à viola do roceiro. Fez-se boba, doce, namorada, toda dengue.

Mulher trabalhadeira é arranjo bom na vida de homem que gosta de encosto.

Falaram em casamento. A honrada e trabalhadeira família se alarmou. O homem não valia o feijão que comia.

Tita obediente, desobedeceu pela primeira vez. Queria casar. Gostava do moço.

A mãe deu conselho. Junta. O homem não presta para casar.

Tita juntou. Teve dois filhos. Comeu da banda podre. O desalmado não era mesmo de trabalho. Ela precisou trabalhar para sustentar quatro bocas. Quando o malvado pegava um biscate, corria atrás de rabo de saia. Só voltava quando acabava o dinheiro.

Tita sofria. Um dia o amor acabou. A paciência foi embora. Apanhou o conselho da mãe. Quando o desenvergonhado voltou, ela o expulsou de casa.

Ficou solteirinha da silva e com dois filhos. Coração de mãe não se engana.

Tita liberta, sente a asfixia dos limites da roça. Deixou os filhos com a mãe e veio para a cidade grande.

No começo tudo foi difícil. Dividiu as despesas do barraco. Trabalhou duro. O que ganhava como lavadeira deu para viver e juntar um pouco. Fez barraco só para ela. E logo arranjou homem.

Sentiu-se bem plantada no morro. Tinha freguesas boas e caprichava na lavagem.

Foi buscar os filhos em casa da mãe. Os bichinhos do mato que sabiam manejar bem o cabo da enxada. No morro eles ficaram vivos

e espertos, como qualquer garoto. Filho de mãe trabalhadeira e pai ocasional.

Só o que não corria bem era a malandragem do companheiro. Bom de cama e frouxo de trabalho. Tita desnoiteou. Malandro como o primeiro... As noites compensavam o trabalho duro de muitas trouxas de roupa. Tita amava e se sentia feliz.

Um dia veio notícia ruim. "Seu" Mané enrabichado por crioula peituda e bunduda. Tita não acreditou. Gente malvada. Pra levantar falso não custa.

A coisa ficou roendo o coração de Tita. E se for verdade... O outro era também enrabichado por mulher.

De repente, a verdade. Tita viajava no bonde bagageiro quando viu "seu" Mané e a crioula peituda e bunduda sentados no banco da praça. Era tanto chamego que dava para incendiar todos os barracos do morro. Não pensou duas vezes. Desceu do bonde. Caminhou resoluta, equilibrando na cabeça a trouxa de roupa lavada. Chegou até o banco. Arriou a trouxa, acabou com o chamego e foi avisando:

— Dona, esse home tem dona. Na primeira vez aviso. Na segunda não fica assim, não.

Voltou para casa. Esperou o seu homem. A raiva era tanta que esqueceu de cozinhar a comida dos moleques. Quando eles chegaram e não viram nada para comer, foram pegar as sobras na casa do vizinho.

Tita não pensava nos filhos. Queria ajustar contas com "seu" Mané.

A noite chegou e nada do desenvergonhado. Tita esperou, esperou.

De madrugada chegou "seu" Mané. Vinha de cavername cheio. Emborcou na sala e Tita teve que engolir a raiva.

Enquanto "seu" Mané curtia a bebedeira, o desejo pelo homem foi tomando conta de Tita. Ela esqueceu a crioula peituda e bunduda. Deixa prá lá. Ela já deu aviso.

Não dá vinte dias as coisas se complicam. "Seu" Mané voltou a encontrar a crioula. O chamego é tanto que até pode dar polícia. Tita viu com os olhos que a terra há de comer. Chegou junto dos dois. Bem pertinho. Mediu forças. E começou o ataque.

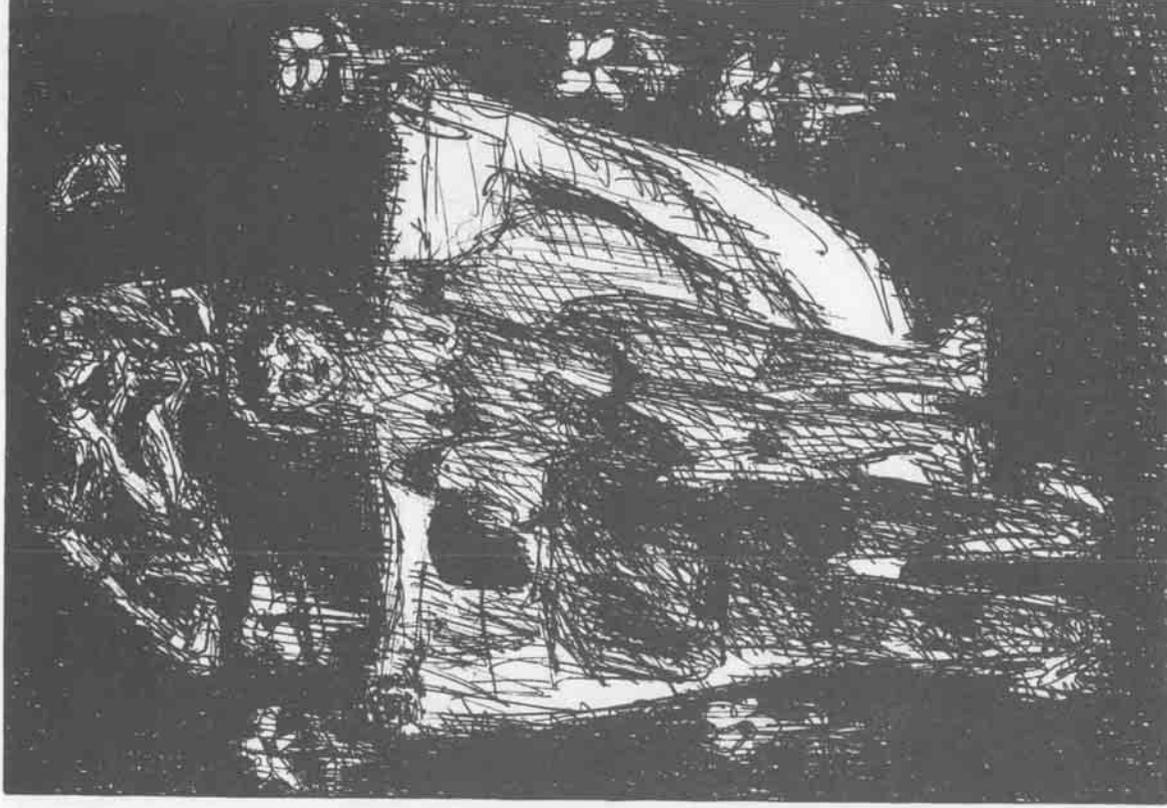
Bofetões, tapas, pernadas. Os seus anos de enxada lhe deram fortaleza. Os seus anos de lavadeira tornaram ainda mais rijos os músculos dos braços.

"Seu" Mané apanhou uma surra de criar bicho. Juntou gente. Tita, indiferente à platéia, viveu o seu minuto de glória.

Jogou "seu" Mané, reduzido a um trapo sangrento, nos pés da crioula.

— Tu qué, fica com ele. Home que apanha de muié num me serve.

Como não havia polícia por perto, Tita se afastou em triunfo. Foi até o armário. Comprou o mais bonito quimono que encontrou. De cetim cor de rosa e cheio de rendas. Custou os olhos da cara. O preço de muitas trouxas de roupa.



Subiu o morro. Arrumou o barraco como para uma festa. Preparou banho. Pôs cheiro. Saiu limpa e perfumada. Em cima da pele, apenas o quimono de cetim cor de rosa.

Sentou na soleira da porta. Esperou. Três horas se passaram. Tita estava imune ao consaço. Esperava, apenas isto.

"Seu" Mané apontou. Vinha fulo de raiva. Chegou disposto a tudo. Tita entrou em casa. "Seu" Mané entrou atrás dela.

– Qui é que tu vem fazê?

– Tê matá.

Num gesto grandioso, Tita abre o quimono rosa e exhibe a nudez perfumada.

– Mata.

"Seu" Mané hesita. Os braços caem inúteis.

Tita cresce. O desprezo se desprende dela.

– Óia bem. Tu vai matá muié. Tu não vai matá galinha.

"Seu" Mané está inteiramente desarmado. Tita ganha a batalha.

Avalia o homem. Traste inútil. Segura o seu braço. Aos bofetões, joga "seu" Mané fora do barraco.

– Home frouxo. Num tem corage nem pra matá muié.

Rio de Janeiro, agosto de 1954.

## ORGULHO DE MACHÃO

O cenário foi uma tranqüila rua do Jardim Botânico. A ação, ocorrida no ano de 1951, contou com vários participantes.

Seu ponto referencial foi uma gata angorá, branca e linda, de propriedade duma senhora recém-desquitada e relativamente jovem. Mulher inteligente, dinâmica, instruída, responsável e profissionalmente bem-sucedida.

Como personagens de apoio atuaram criancinhas de baixa idade, habituadas ao convívio com a gata mansa e dengosa.

Quatro personagens animaram a função: uma senhora, moradora no prédio onde vivia a gata; o encarregado do edifício; um leiteiro, ocasionalmente no local; e um juiz aposentado, também morador no prédio.

O vilão da história foi um cachorro vadio.

A peça teve quatro atos. No primeiro, a muito atarefada dona da gata esqueceu de revalidar a vacina anti-rábica; no segundo, a gata entrou no cio, fugiu de casa e foi ao encontro dos seus muitos e aflitos pretendentes; no terceiro, um cachorro vadio atacou a fujona quando ela voltava para casa; no quarto, articularam-se trama e clímax.

Ao invés de voltar para casa feliz e realizada, a gatinha fujona chegou miando doloridamente e puxando uma perninha.

O cão vadio fincou os dentes em sua coxinha tenra e comprometeu até a beleza do seu pêlo branco e macio.

Ofendida e magoada, a gatinha aninhou-se em sua cesta. Depois do medo, veio a tristeza.

Sua dona a tratou com carinho, mas não julgou necessário levá-la ao veterinário.

A gatinha passou a rejeitar alimentação e água. Foi-se tornando esquiva e buscou esconderijos.

Quando menos se esperava, uma estranha metamorfose se operou nela. Tornou-se uma fera.

Fugiu de casa e ficou de tocaia no jardim do edifício.

Uma criança a viu e chamou outras crianças que, alvoroçadamente, foram ao encontro da gatinha que fazia parte das suas brincadeiras.

Terrível surpresa as aguardava. A gata reagiu e atacou. Cinco criancinhas foram arranhadas e mordidas.

Choros, gritos, correrias... Mães e babás correram para resgatar as crianças apavoradas. Quinze delas haviam sido atacadas. A dócil gatinha parecia endemoniada.

O encarregado do prédio, munido duma vassoura, tentou enxotá-la. A gata o afrontou e mordeu os seus braços.

O leiteiro que atendia à sua freguesia correu em seu auxílio e também não conseguiu deter a fúria da gata. Saiu mordido nos braços e arranhado no rosto.

Entrou em cena uma moradora do prédio, senhora duma sólida inteligência prática. Tomando como ponto referencial o fato de o edifício possuir duas entradas, independentes entre si, articulou um meio de cessar o massacre.

Avisou os moradores para que interditassem suas portas de serviço. Chamou o encarregado, mordido e arranhado, combinando com ele uma armadilha para prender a gata na parte de serviço.

Quando a gata enraivecida e acuada entrou no edifício, a moradora puxou a cordinha que ligara à porta, usando o recurso da janelinha da cozinha.

A fúria do animal preso aumentou e, em desespero, ele corria alucinadamente pelas escadas de serviço.

O Instituto Pasteur foi avisado. Considerou importante o isolamento do animal suspeito. No dia seguinte um funcionário viria recolhê-lo. Caso o encontrasse morto, a raiva estava comprovada.

Em tensas expectativas as horas se escoaram. Durante muito tempo o animal jogou-se contra paredes e portas. Encontrando aberta a porta do quarto do encarregado, usou o espaço como palco do seu desespero final.

Pela madrugada os insones moradores do prédio deixaram de ouvir ruídos.

A dona da gata chorava quando os funcionários do Instituto Pasteur recolheram o cadáver.

O diagnóstico se confirmara.

Arranhados e mordidos deviam iniciar imediatamente os seus tratamentos. Os locais por onde passara o animal deveriam ser rigorosamente desinfetados.

Diariamente duas caminhonetes recolhiam as vítimas para levá-las ao Instituto Pasteur. Quinze crianças e o encarregado do edifício.

Uma das vítimas, no entanto, recusava-se terminantemente a receber o tratamento salvador.

Era o leiteiro. O homem valente e desprendido, que tentara dominar a gata raivosa, mostrava-se irreduzível. Considerava humilhante, para um homem forte e corajoso, sujeitar-se a um tratamento que o igualava a criancinhas.

Nada e ninguém o demoviam do seu ponto de vista.

Sua contra-argumentação era sempre a mesma. Um homem macho, como ele, não se sujeitava. Ora, ora... Ficar no mesmo plano que criancinhas... Nunca!

O prazo fatal se aproximava. Era preciso, a qualquer custo, salvar o leiteiro orgulhoso e machão.

Quem resolveu o caso foi um homem pequenino, frágil e quase velho. Um juiz aposentado, morador no prédio.

Alegando o crime de suicídio, obteve uma ordem de prisão para o rebelde.

Diariamente, escoltado e chegando em carro de polícia, o leiteiro comparecia ao Instituto Pasteur.

Conseguiu sobreviver.

Rio de Janeiro, abril de 1951.

## MONARQUISTA ACIMA DE TUDO

Por não se conformar com a queda da monarquia, a nobre senhora agredia o regime republicano, vestindo-se com luto rigoroso. Mas rigoroso ainda do que usou quando ficou viúva.

Cada ano, na véspera do dia comemorativo da proclamação da República, acompanhada pela filha solteirona e dócil, mergulhava em jejum penitencial e silencioso. No dia do aniversário da execração, comparecia à missa de réquiem que mandava celebrar em memória da extinta monarquia.

Durante muitos anos viveu o drama do seu protesto político. Possuindo bens móveis e imóveis, passíveis de serem transformados em renda, recusava-se a vendê-los. Preferia viver em pobreza camuflada por hábeis malabarismos orçamentários.

O filho único, não podendo derrubar o esquema montado pela mãe, afastou-se. Casou, prosperou e entrou para a carreira diplomática.

Numa das suas vindas ao Brasil, conseguiu demover a mãe do seu propósito de jamais vender a senhorial e dispendiosa casa onde vivia, em companhia da filha.

Com a venda do imóvel, duas situações penosas se solucionaram, tendo como resultado a mudança para outra cidade e uma renda razoável que garantisse a sobrevivência.

Os anos foram se acumulando e puxando para a velhice a nobre senhora. Aos poucos ela se foi dando conta que o seu tempo se aproximava do fim. Começou então a arquitetar uma despedida gloriosa. Velório e enterro realizados com grande pompa. Seu corpo seria vestido e adornado como o de uma rainha. Usaria suas mais preciosas jóias. Na cabeça, a tiara de diamantes.

Faria as determinações necessárias. Para que nenhuma dúvida pairasse sobre elas, buscou uma folha de papel personalizado com o seu nobre brasão.

Detalhe por detalhe articulou o cerimonial fúnebre. Chamou a filha e lhe deu para ler os seus últimos desejos. Depois, cuidadosamente, dobrou o papel e o colocou em um envelope. Fechou-o com lacre e sobre ele imprimiu o seu timbre.

A morte veio discretamente, mas a nobre morta não sairia da vida com a mesma discrição.

Logo após seu passamento, a filha dócil e amorfa buscou o envelope lacrado. Leu atentamente as determinações da mãe e tratou de cumpri-las religiosamente.

Foi em busca de uma velha caixa amarelecida e dela retirou um luxuoso e antiquado traje, cheirando a mofo e naftalina.

O nobre cadáver foi vestido e adornado. O corpo mingüado acomodou-se num mar de flores. Na frente faiscava em muitos reflexos a tiara dos diamantes.

A família, que pouco a acompanhara, após sua viuvez monárquica, compungidamente compareceu ao velório.

O filho e a nora viajaram apressadamente para assistir às cerimônias fúnebres. Suas muitas e importantes relações sociais vieram apresentar-lhes condolências.

Em torno do esquife, onde repousava a principessa morta, reuniu-se uma pequena corte.

A toaleta da morta causava impacto e provocava murmurações. O filho e a nora não escondiam seu pasmo e descontentamento.

Discretamente chamaram a irmã dócil e amorfa e a criticaram. Ela limitou-se a exibir as determinações recebidas, declarando-se disposta a cumpri-las rigorosamente. Ela, a dócil e amorfa, não aceitou os argumentos do irmão e da cunhada.

Marido e mulher confabularam. Aceitavam o enterramento com o velho e luxuoso traje de baile, mas não se conformavam em que jóias valiosíssimas lhes fossem sonegadas.

Surgiu, por fim, a solução desejada.

O irmão, que desaparecera discretamente do velório, voltou triunfante com uma ordem judicial.

A morta seria velada como determinara em sua carta-testamento. Quando o caixão fosse fechado, as jóias seriam retiradas e divididas entre os seus dois herdeiros.

A inconformada filha abriu mão das que lhe couberam. A nora herdou todas as jóias usadas pela sogra em seu velório.

Rio de Janeiro, 1950.

## ISCA

Tomou o ônibus e sentou-se ao lado de uma senhora gorda, bovina e ávida de comunicação.

Sentiu-se examinada, conferida, julgada e, finalmente, eleita. O que não sentia era disposição para conversar.

Uma voz pastosa e desorando intimidade penetrou em seus ouvidos.

– A senhora é irmã do dr. Andrade?

Temendo um interminável monólogo em torno de coisa nenhuma, cortou o assunto.

– Não, senhora.

Novamente a isca foi lançada.

– Não é possível. A senhora é igual ao dr. Andrade. Bonita como ele, simpática como ele. Tem mesmo certeza de que não é irmã do dr. Andrade?

Novamente desfez o equívoco.

A sondagem continuou.

– O dr. Andrade mora no Leblon. É um homem muito rico. Tem muitas propriedades no Leblon.

Para encerrar o assunto, amarrou resolutamente todas as iscas.

– Não, senhora. Não sou irmã do dr. Andrade. Não sou bonita. Não sou rica. Não tenho propriedades e não moro no Leblon. Não conheço sequer o dr. Andrade.

Seus esclarecimentos foram apanhados no ar e logo transformados em gancho para uma nova tentativa de conversa.

– Pois é. Pode não ser irmã do dr. Andrade, mas é bonita como ele. Olha-se para a senhora e logo se vê que tem muito boa ginecologia.

– Ginecologia?

– Sim. Ginecologia das mais importantes.

O cerco foi rompido. Até o fim da viagem ouviu conversa tola que revelava a dolorosa trama da total inadaptação aos tempos atuais.

Rio de Janeiro, 1983.

## PRECONCEITO

Muitos anos se passaram amortalhando uma historinha em mudanças de costumes e alterações de cenários.

Com uma prega no tempo, de uns sessenta anos, é possível resgatá-la como se fora uma flor recém-desabrochada.

O primeiro cenário foi uma cidadezinha, quase um povoado, na região dos lagos fluminenses.

Aí vivia uma menina graciosa, esperta, teimosa e, sobretudo, muito preconceituosa. Cheia de audácia para o que deseja fazer e espantosamente tolhida pelo medo do julgamento de pessoas que integravam o seu mundinho.

Onde as meninas se casavam, ainda meninas, ela que era tão cheia de encantos chegara aos 18 anos sem ter namorado e nem ter quem a despertasse no desejo de ser mulher.

A gente da terra já começa a prognosticar-lhe a triste sina de solteirona. Quando sairiam os doces?

O fato é que ela não se sentia atraída por nenhum dos rapazes disponíveis e não tomava conhecimento das articulações paternas para casá-la. Suas amigas e conhecidas iam se casando e ela, para desespero dos pais, não tinha sequer um namorado.

Foi então que, de forma imprevista, chegou o seu momento.

Vindo da cidade grande, em viagem de trabalho, chegou um homem de 42 anos. Hospedou-se no único e modestíssimo hotel, deseioso de cumprir quanto antes a missão que lhe fora confiada. O lugarêjo, embora lindo, não apresentava nenhum atrativo para ele. Poucos habitantes, a pracinha dos passeios dominicais, os modestos edifícios públicos, um restaurante, dois botequins e, como fantasia de épocas remotas, a igreja branca de severa arquitetura.

Um domingo interrompeu o seu trabalho e, com aborrecimento, verificou que somente poderia regressar na segunda-feira.

O dia amanheceu lindo. Um vento morno e acariciante ondulou as águas plácidas da grande lagoa e, brincação, lambia as epidermes douradas pelo sol.

O homem desconhecido e solitário acordou bem-humorado. Chegou à janela e comeu o espetáculo da pracinha em festa. Casais sentados nos bancos de madeira, crianças correndo pelas alamedas, velhos se aquecendo ao sol, vendedores de quinilhas e doces em plena atividade. A missa acabara de ser celebrada e os fiéis tomaram de assalto o espaço comunitário da pracinha, exibindo elegâncias domingueiras.

Chamou-lhe a atenção, pela repetição do que vira em muitas outras cidadezinhas, frisos de rapazes aguardando o passeio das

moças descompromissadas. O jogo do namoro, em sua forma preliminar, era exatamente o mesmo.

O homem se preparava para voltar ao seu hotel quando algo de magnético o impeliu na direção de um grupo, formado por três mocinhas, que passeavam para lá e para cá. Todas três com vestidos evidentemente novos e olhando, de soslaio, os grupos dos rapazes que balizavam o território comunitário da praça.

Seu coração começou a badalar como se fora um sino en-doidado. Sentiu, antes mesmo de ver, a presença da mulher da sua vida. Uma menina, apenas uma menina...

Ela, a quem nenhum homem ainda perturbara, captou a mensagem do macho atraído pela fêmea.

Trocaram olhares e, em ambos, acenderam-se as centelhas do amor e do desejo.

O homem desconhecido se acercou do grupo. As três meninas, totalmente intimidadas, riram e se sentiram lisonjeadas. O homem era, além de desconhecido, um adulto já distanciado da adolescência. Trocaram palavras tímidas e banais.

O viajante não partiu no dia previsto. Telegrafou para o seu escritório, pretextando dificuldades imprevisíveis e ganhou uma semana para tentar a conquista da menina por quem se apaixonara.

Ela, movida pela audácia, fugia de casa para encontrá-lo. Ele, cada vez mais enamorado, pediu-a em casamento.

Para seu espanto, ela não tomou conhecimento da proposta. Perguntou apenas qual era a sua idade. Quando soube que ele tinha 42 anos, recusou terminantemente o pedido.

Não era possível que uma moça de 18 anos se casasse com um homem de 42 anos. O que diriam as pessoas? Chegara aos 18 anos sem ter namorado e só conseguira, para marido, um velho. Impossível aceitar o seu pedido. Impossível, sentenciava o seu componente preconceituoso.

Mas... Como fugir ao amor, que se articulara em desejo, pelo homem que a despertara como mulher? Impossível, sentenciava a sua natural audácia.

O homem precisava partir e ela não se conformava com a sua perda. Preconceito e audácia se digladiavam em seu íntimo.

Na véspera da partida, o homem novamente a pediu em casamento. Desejava falar com os seus pais e formalizar o compromisso do noivado. Identificar-se e dar-lhes garantias de que seria um bom marido para a filha.

A menina reagiu horrorizada. O que pensariam seus pais de semelhante pretendente? Um homem velho para uma menina nova... Que diriam suas amigas? Que diriam os conhecidos? Que diriam os rapazes que nunca a cortejaram?

Sentiu-se perdida. De um lado, a atração que sentia pelo homem; do outro, o pânico pelo julgamento alheio.

Passou a noite sem conseguir dormir. Pela madrugada uma luz iluminou seu cérebro. Encontrara a solução. Não se casaria com um

velho, mas viveria com ele na qualidade de amante. Ninguém diria que se casara com um velho.

No encontro da despedida, novamente recusou o pedido de casamento e apresentou a sua contraproposta.

O homem, perplexo, aceitou-a.

Levando poucas coisas e deixando uma carta de despedida para os pais, a menina fugiu de casa e nunca mais voltou.

Foi uma união feliz. Homem e mulher se adoravam e se complementavam. Criaram juntos o seu pequenino mundo que, aos poucos, foi-se enriquecendo materialmente.

Todos os anos, por ocasião do aniversário da sua fuga, o homem propunha-lhe a legalização de união tão bem-sucedida. Ambos eram livres, maiores, solteiros e sem compromissos.

A mulher, que se comprazia em satisfazer os menores desejos do seu homem, neste ponto era irredutível. Jamais se casaria com um velho.

Nasceu-lhes um filho que a ambos deixou submersos em felicidade.

O homem, cujo pedido de casamento fora tantas vezes recusado, ousou timidamente alicerçar um novo pedido, apoiando-se na importância do casamento para o filho que ambos adoravam.

Nem esse argumento a convenceu. O filho, com os anos, compreenderia que lhe era impossível tornar-se a esposa de um homem velho.

O menino cresceu num lar bem constituído, embora não legalizado.

Quando chegou a época da sua escolarização, o homem ponderou que, pelo filho, impunha-se que a união dos pais se legalizasse.

A mulher continuou irredutível.

Os anos se passaram. A menina entrou na maturidade e o homem embarcou na canoa da velhice.

O filho casou. Vieram os netos. De tanto ser repetido, o pedido de casamento diluiu-se no mar das rotinas. Não obtinha sequer um comentário.

A velhice também chegou para ela. Seus cabelos embranqueceram e suas formas bonitas e esguias foram se caricaturando com gorduras supérfluas.

O homem continuava a amá-la e nenhuma importância dava às alterações que engoliam a beleza da sua linda menina.

A idéia de legitimar sua união foi-se tornando obsessiva à medida que os anos passavam.

Quando lhe chegou o tempo da aposentadoria, reforçou o seu pedido, argumentando que desejava colocá-la como pensionista e reforçar, desta forma, sua situação financeira.

Nada conseguiu. Ela se declarou satisfeita com o que tinha e abriu mão da pensão a que teria direito na qualidade de viúva.

Um dia o homem sentiu-se mal. O médico foi chamado, examinou-o e providenciou sua imediata hospitalização.

Seu coração, que tanto amara, estava cansado e doente.

Quis saber sua situação real. O médico, sentindo-o forte e seguro, não o enganou. Seu tempo de vida estava contado, podendo se prolongar um pouco mais por um constante tratamento.

O homem não sentiu pânico e sim preocupação. Estava velho e condenado. Fora feliz ao lado da mulher que amava. Juntos tiveram um filho que só lhes trouxe alegrias. Tinham netos. Que mais desejava? Faltava-lhe apenas a realização do seu grande sonho. Queria casar-se com a mulher que amava e legalizar uma união de quarenta anos.

Quando, solícita e carinhosamente, ela se acercou do seu leito de enfermo hospitalizado, com voz fraca o homem recordou os muitos anos de felicidade vividos juntos e lhe pediu que o aceitasse como seu esposo.

Ela o acariciou e novamente recusou o seu pedido. Se o recusara quando ele tinha 42 anos, com mais razão o recusava quando ele chegara aos 82 anos. Casada com um velho? Nunca, nunca mesmo.

O doente desistiu de vencer a mulher. Duas circunstâncias o preocupavam. Queria comparecer perante Deus segundo os mandamentos da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana e queria deixar plenamente amparada, com substancial pensão, a mulher que amava.

Pediu a presença de um padre para confessar-se.

O sacerdote, velho amigo do casal, aconselhou-o a casar-se antes de morrer. Vida tão exemplar não poderia ficar marcada com o pecado do concubinato.

O homem, em lágrimas, pediu ao padre que convencesse a mulher a aceitar o casamento.

O padre também fracassou.

Um advogado amigo, visitando o enfermo, recebeu o encargo de convencer a mulher a aceitar o casamento para eliminar dificuldades jurídicas e poder receber a pensão a que teria direito como esposa legítima.

Também fracassou. A mulher, além de irredutível, reagiu como se tivesse sido gravemente ofendida.

Não se venderia casando com um velho. Que o Estado ficasse com a pensão a que teria direito, na qualidade de viúva.

Seu homem não a deixaria desamparada. Tinha casa própria, bens, jóias, apólices. O suficiente para viver sem necessitar casar-se com um velho.

A morte chegou de mansinho e lhe arrebatou o companheiro de quarenta anos de um viver feliz.

Ela chorou lágrimas sentidas. Isolou-se do mundo e passou a viver com as lembranças dos seus muitos anos de felicidade.

Manteve, no entanto, com orgulho, a convicção de que jamais se casaria com um velho.

Rio de Janeiro, outubro de 1970.

## PORTADOR DE CONFIANÇA

Depois de vinte anos trabalhando como jardineiro, "seu" Augusto conseguiu juntar quarenta mil cruzeiros. Dinheiro poupado para mandar vir, de Portugal, a rapariga com quem casou na igrejinha da sua aldeia.

Vinte anos de separação. Será que "seu" Augusto tem idéia que o tempo rolou e que a sua rapariga deixou de ser uma flor recém-desabrochada?

"Seu" Augusto conseguiu juntar quarenta mil cruzeiros e passou a viver um drama. Como enviar o dinheiro para Portugal? Como fazê-lo chegar às mãos da sua Maria? Sempre foi um homem desconfiado. Não acredita em bancos, em remessas para o exterior e em consulados. Para ele, só dinheiro vivo e guardado debaixo do colchão.

Os meses se foram passando e a solução, para o envio do dinheiro que traria a sua Maria até ele, não foi encontrada.

Numa tarde de domingo, em pleno horário de corridas, no Jóquei Clube, avistou um homem que atravessava a praça Santos Dumont.

Um patricio! Tão português que até usava calças de veludo. Aproximou-se dele e o convidou para tomarem juntos um copo de vinho.

Enquanto bebiam, num bar bem discreto, confiou ao desconhecido, conferido como sendo patricio pelas calças de veludo e pelo sotaque, o problema que o atormentava.

O patricio declarou que ele seria a solução. O navio em que viajava, vindo de Santos, partiria naquela mesma noite para Portugal. Oferecia-se para levar os quarenta mil cruzeiros e entregá-los pessoalmente à Maria, em sua aldeia.

"Seu" Augusto sentiu-se em êxtase. Logo, logo a rapariga dos seus sonhos viria se juntar a ele. Mulher tantos anos ausente e que ele não conseguia esquecer.

Convidou o patricio para acompanhá-lo até à sua casa, onde lhe entregaria o dinheiro e lhe daria o endereço da sua Maria.

Tomaram um táxi. A demora foi pouca. O dinheiro, cuidadosamente guardado, foi entregue e o endereço anotado.

No mesmo táxi o homem das calças de veludo voltou, alegando que o seu navio partiria dentro de uma hora.

Na manhã seguinte "seu" Augusto escreveu para a Maria, dando-lhe a boa nova de que o dinheiro já estava a caminho. Ordenou-lhe que começasse a ajeitar a sua vida para vir encontrá-lo, no Brasil.

Mudança definitiva que deveria ser feita assim que ela recebesse o dinheiro.

Maria não respondeu. Um mês se passou. Maria escreveu para "seu" Augusto, dizendo que ninguém a procurara para lhe entregar o anunciado dinheiro.

"Seu" Augusto começou a ficar inquieto. E se o gajo estivesse tão ocupado que não encontrou tempo para ir até à sua aldeia?

Escreveu para a mulher dizendo que tivesse paciência, que fizesse tudo, conforme ele mandara.

Dois meses se passaram. "Seu" Augusto ficou nervoso, irritadiço, inquieto. Confidenciou com um amigo o caso da remessa do dinheiro. O amigo o aconselhou a dar queixa à polícia.

"Seu" Augusto ainda esperou mais um mês.

Nova carta da Maria o informou que o dinheiro ainda não lhe fora entregue.

"Seu" Augusto decidiu-se. Foi ao Distrito Policial para apresentar queixa.

Narrou o ocorrido. Como dados para a investigação forneceu os seguintes subsídios: que o gajo era seu patrício, que usava calças de veludo, que lhe disse estar viajando para Portugal, vindo de Santos. Não perguntou o nome do navio.

— O nome do gajo? Parece que era um tal de João de Sousa Pinto. Foi este o nome que lhe deu.

Tristeza sem tamanho tomou conta de "seu" Augusto. Continuou trabalhando e juntando dinheiro para mandar buscar a sua Maria.

Se alguém comentava com ele o caso do dinheiro que não foi entregue, limitava-se a dizer:

— Não confio mais em calças de veludo.

Rio de Janeiro (Parque da Cidade), setembro de 1951.

## HARMONIOSO QUARTETO

Eu a conheci em três etapas da sua vida.

Na primeira, ela era uma mulher gorda, respeitável, enfeitadíssima e segurando a sua longínqua mocidade com uma imponente cabeleira oxigenada. Todos diziam que era mal casada, que o marido não lhe dava nenhuma importância e estava sempre bêbado. Todos diziam, menos ela.

O casal não tinha filhos. Ele gostava dos bares e botequins. Ela, de igreja. Como as preferências não eram idênticas e nada mais tinham a dizer um ao outro, raramente eram vistos juntos.

Dizia-se que o casal passava por grandes dificuldades financeiras e que todo o dinheiro, ganho pelo marido, transformava-se em bebidas e agradados para ocasionais amantes.

Um dia a agência de correios recebeu uma nova funcionária. Gorda, enfeitada e com assanhados cabelos de um louro exiginado.

Quem arranjou o emprego? Mulher casada não devia trabalhar fora do lar.

Na cidade pequena o diz-que-diz rolou de boca em boca. Houve quem suspeitasse da sua fidelidade. Houve os que garantiam que o marido fora afastado do seu cargo por embriaguez contumaz. Houve os que levantaram a suspeita de que o marido gastava o dinheiro da casa com as amantes. Houve também quem descobrisse a verdade de que o dinheiro, pouco, ganho pela nova funcionária, passou a representar a sobrevivência do casal.

Funcionária zelosa, embora pouco inteligente, logo se impôs na preferência de todos. Sabia atender ao público com eficiência e boas maneiras. Ganhava o seu dinheiro, sustentava a casa, as cada vez menos discretas bebedeiras do marido e... continuava a amá-lo.

Na segunda etapa ela abandonara o trabalho e a cidade pequena onde vivia.

Uma cirrose de fígado matou o marido. Providencial pensão lhe deu um pequeno e seguro lastro de sobrevivência.

Vestiu-se de luto fechado, apenas clareado pela massa ondulante dos cabelos oxigenados.

E começou a sonhar que fora mulher amada de um homem extraordinário.

Sua memória apagou todos os vestígios da difícil vida de casada que teve ao lado do marido bêbado, irresponsável e que não lhe dava a menor importância.

Registrou apenas a lembrança do homem com o qual imaginou ter sido casada. Cheio de virtudes e amante carinhoso.

Foi morar numa pensão barata e sua vida se foi colorindo com novos interesses.

Nada, porém, a fazia calar quando resolvia entoar loas ao seu inesquecível falecido.

Na terceira etapa estava novamente casada, vivendo numa excelente casa situada no bairro das Laranjeiras, usando boas roupas e muitas jóias. Apenas a cabeleira ondulante, farta e oxigenada, compunha a velha imagem.

O que acontecera? Teria encontrado amor tardio? Recebeu herança?

Consegui ter acesso ao novo capítulo duma história marcada por frustrações e sonhos.

História simples e com ajustes finalmente perfeitos.

Dois viúvos se encontraram. Ele, homem bem situado na vida, não se conformava com a perda da mulher, a quem muito amara e por quem fora muito amado. Não se conformava e todos os seus pensamentos giravam em torno da esposa morta.

Inicialmente admirado, foi-se tornando um solitário convivendo apenas com o seu passado.

Tinha filhos e netos, mas a continuidade da vida não o afetava. Bloqueara o coração e não queria que outros afetos competissem com o amor que dedicava à sua adorada falecida.

Família, amigos e relações foram se afastando.

Ela necessitava de amparo, afeto e, sobretudo, de alguém que a ouvisse falar sobre as virtudes do seu inesquecível falecido.

O casamento foi a solução para ambos. Duas solidões se complementavam em infindáveis diálogos.

Foram felizes. Dois vivos e dois mortos, em perfeita convivência, articularam o Harmonioso Quarteto.

Rio de Janeiro, 1950.

## PRESENTE MUITO ESPECIAL

A melhor aluna da turma foi perdendo o pique da glória. Tornou-se pensativa, tensa, angustiada, silenciosa. Suas notas, sempre nas alturas, começaram a baixar.

Seguramente ela atravessava uma fase difícil.

Ela, que sempre conciliara os horários do seu trabalho com os das aulas, chegava sempre atrasada. Ela, que sempre fora a mais atenta, de quando em quando, mergulhava no mundo das reflexões. Imaginou-se um caso de amor machucado. Imaginou-se problema econômico. Imaginaram-se alterações domésticas. Ela nada dizia.

Um dia, sua tensão chegou a limites tão asfixiantes que abriu as comportas da sua preocupação.

Colegas e professores tomaram amplo conhecimento do caso, que se centrava numa vaca.

A vaca que veio duma fazenda, de excelente gado leiteiro, para dar início a um plantel em um sítio ainda não adquirido. Um sítio apenas sonhado.

A presenteada morava num segundo andar de um velho edifício, em pleno centro urbano.

O nexó da história se foi estruturando, como riacho nutrido por duas fontes. A da primeira aluna e do presente.

Ela, moça vinda de Campos. Filha de tradicional família ligada à produção açucareira e ao ensino. Gente respeitável e, sobretudo, muito benquista.

Safras ruins e negócios mal conduzidos determinaram a mudança da família, que empobrecera em níveis críticos, para o Rio de Janeiro.

Muitos filhos e agregados. Dinheiro quase nenhum. Empregos sendo buscados como soluções imediatas. Coragem muita.

A família alugou um sobrado, na rua Primeiro de Março.

A mãe, mulher bonita e forte, lembrou-se dos doces que a tornavam famosa em toda a cidade de Campos. Resolveu profissionalizar-se como doceira. Comandando agregados, vindos da fazenda que fora vendida para pagar dívidas, criou uma vasta e selecionadíssima clientela. Seus "chuviscos", arrumados como cachos de uvas, faziam sucesso em festas de casamentos.

A família sobreviveu. Os empregos foram alcançados e a situação deixou de ser periclitante.

A primeira aluna da turma fizera concurso para o IPASE e se classificou em primeiro lugar. Passou a ter uma pequena economia própria. Acomodou suas seis horas diárias de expediente, de modo a

continuar estudando. Escolheu a museologia. Trabalhando e estudando, foi colorindo o seu mundo.

Num fim de semana, em companhia de amigos, foi conhecer Atibaia.

Sabendo que lá as terras estavam sendo vendidas por preços muito baixos, pensou em aplicar as suas poucas economias na compra de um sítio.

Contou à mãe o que estava planejando. Por falta de tempo, o seu entusiasmo foi esfriando e a questão do sítio acabou sendo esquecida.

Num dia, a família recebeu uma visita, chegada sem anúncio. Visita dum fazendeiro rico, de inteligência amoraçada e quase analfabeto. Visita longa, conversa girando lentamente em torno das mesmas coisas poucas. Visita que se foi prolongando pela tarde adentro, acarinhada com provas de doces em elaboração e goles de café.

Todos os assuntos se foram esgotando. A conversa já não continha mais assunto e o homem não pensava em sair.

Os doces para o casamento foram feitos sem a supervisão da doceira emérita. O visitante não saía e a visitada não ousava romper as cadeias da boa educação.

Para alimentar uma conversa, que já nem era conversa, contou que a filha estava pensando em comprar um sítio, em Atibaia.

Já era noite quando o fazendeiro saiu, deixando o rastro da sua cordialidade amiga e uma sensação de alívio em toda a família.

Passou-se uma semana.

Chegou, em nome da primeira aluna, um aviso vindo do Departamento de Encomendas da Central do Brasil.

No dia seguinte, quando terminou o seu expediente de trabalho, foi ver do que se tratava.

A encomenda, vinda de Campos, era um presente do fazendeiro rico. Uma vaca para iniciar o plantel em sítio inexistente.

O que fazer com uma vaca, em pleno Centro da cidade? O que fazer com uma vaca no segundo andar de um velho sobrado?

A sociedade de lazer ainda não se estruturara. O mundo rural não se confundia com o urbano.

Durante dois dias a vaca permaneceu no depósito da Central do Brasil. A sua dona pagou armazenagem e taxa especial para cobrir as despesas com a alimentação e os cuidados requeridos pela vaca.

Depois de muitas buscas, ela conseguiu descobrir um estábulo e levou a vaca para lá. Pagou um dinheirão de transporte e assumiu o compromisso do alojamento e da alimentação da vaca.

A vaca consumia tempo e dinheiro. Os estábulos se organizavam como pequenas sociedades fechadas. E ninguém estava interessado em comprar a vaca. Ela já pensava em doar a vaca para uma instituição de caridade, quando um colega lhe apresentou uma solução.

Morava em casa grande, na estrada da Gávea, encastoadada em um grande terreno. Ofereceu-se para hospedar a vaca, em caráter provisório.

O convite foi considerado como tábua de salvação. A vaca foi retirada do estábulo, na Zona Norte, em caminhão fretado para conduzi-la ao novo domicílio.

A vaca, vinda das vastidões duma fazenda de gado leiteiro, sentiu-se em liberdade. Durante um mês pastou à sombra de mangueiras, comeu quanta grama pôde e destruiu canteiros floridos.

A situação começou a tornar-se desagradável para os hospedeiros da vaca.

De comum acordo, hospedeiros e proprietária condenaram a vaca a se tornar churrasco.

Ninguém ousou assumir a função de magarefe.

Pensou-se em soltar a vaca e deixá-la seguir o seu destino. A solução foi considerada conflitante com as posturas municipais.

Finalmente apareceu um comprador para a vaca. Era um sítiante morador na estrada do Pontal, no Recreio dos Bandeirantes.

Comprava a vaca. Pagava preço ínfimo e exigia que ela fosse entregue em seu domicílio.

A primeira aluna recuperou o seu pique. A compra do sítio, em Aribaia, foi colocada fora de cogitação.

Rio de Janeiro, 1945.

## GRATIDÃO DO NOMEADO

O episódio teve como personagem central um homem chamado Éolo, carregando a responsabilidade de um nome da mitologia clássica: Éolo, o deus dos ventos.

O Éolo humano era um homem baixo, roliço, com andar pesado e lento. Seu pensamento parecia atacado de permanente reumatismo. Faltavam-lhe condições mínimas para agüentar com o seu etéreo nome. O ser mitológico e o ser humano permaneciam em total confronto. O deus dos ventos, instável por natureza, podia ser brisa ou furacão. O homem que nada tinha de deus, estável por excelência, não passava de um empacador emérito. Quando conseguia meter uma idéia na cabeça, sempre vazia de idéias, não renunciava a ela por hipótese alguma.

O homem era apoucado, mas não antipático e intratável.

Quando se fez adulto, sem deixar de ser criança, o fim do seu destino doméstico foi decretado pelo pai. Militar de alta patente e tendo sido colega do recém-empossado prefeito, na qualidade de pai preocupado, expôs ao amigo o problema do filho tão pouco agraciado pela natureza.

Ou por amizade, ou por interesse político, o seu pedido de uma nomeação para o quadro da prefeitura obteve boa acolhida.

Como não havia nenhum concurso programado, a determinação do senhor prefeito teve um rápido encaminhamento.

Surgiu a primeira dificuldade. Sendo filho de quem era, qualquer cargo não servia.

O problema de fato se configurou quando o novo funcionário foi designado para servir na Secretaria de Educação e se constatou que ele não tinha condições mínimas para ocupar o cargo para o qual fora nomeado. Como solução salvadora foi-lhe dada a cômoda situação dos que ficam "à disposição do gabinete".

Inexplicavelmente, pai e filho não concordaram com a solução. O pai, por acreditar que o trabalho desenvolveria a mente retardada do filho e o afastaria de casa por algumas horas. O novo funcionário, encantado de se ver livre da compassiva e asfixiante tutela materna, sentia-se frustradíssimo. Queria trabalhar para ser livre.

Diante de tão grave impasse, o oficial administrativo que carregava o mitológico nome de Éolo foi designado para exercer a atividade de guarda de sala de exposição no Museu Histórico da Cidade.

A beleza do parque, onde se encastoa o museu, o deslumbrou. O trabalho o encantou. (Oficial administrativo e servente, dentro da sua cabeça, eram sinônimos da mesma atividade.) Gostava de ver o

museu cheio de visitantes e a todos atenda com impecável gentileza. Como não se aventurava a explicar o significado das peças expostas, posicionava-se de forma desejável.

O fato de ter sido nomeado pelo prefeito, colega e amigo do pai, começou a bulir com a imaginação de quem praticamente não tinha imaginação.

Iria receptionar S. Ex<sup>a</sup>, quando viesse ao museu, especialmente para vê-lo no desempenho das suas funções.

A perspectiva de receptionar a dádiosa autoridade o fazia tremer de emoção. Começou a elaborar fantasias. A visita seria num domingo. E se ele não estivesse de plantão... Para evitar tamanho desastre foi à chefe do serviço e lhe fez o estranho pedido. Queria trabalhar em todos os plantões. Como o plantão era por todos considerado como penosa obrigação, sua pretensão foi imediatamente aceita.

Éolo, o das poucas luzes, comparecia a todos os plantões e trazia sempre um misterioso embrulho, que entrava e saía intocado. Alguém garantiu que continha comida. O cheiro da galinha assada era inconfundível. Todos acreditavam que, após os plantões, ele iria se encontrar com alguém para comer a sua preciosa galinha.

O roliço Éolo tinha um costume estranho. De quando em quando examinava o livro do registro de visitantes, como se estivesse à espera de alguém. Os serventes plantonistas comentavam entre si que o viram, várias vezes, perguntando a um visitante se ele era o prefeito. Seguramente as muitas respostas negativas não o abalaram.

Num domingo chuvoso e quase na hora de fechar o museu, esclareceu-se o mistério do embrulho que cheirava a galinha assada. Parou um carro com placa de Porto Alegre. Seus ocupantes foram os últimos visitantes do dia.

Éolo, o persistente, dirigiu-se ao chefe da família e formulou a pergunta de sempre.

– O senhor é o prefeito?

Apanhado de surpresa o visitante abriu um sorriso radioso e apressou-se a lançar a isca do diálogo.

– Sou o prefeito de Porto Alegre. Você é do Sul ou será que os cariocas já me conhecem?

Em literal estado de graça, o gratíssimo Éolo convidou S. Ex<sup>a</sup> o prefeito e sua excelentíssima família para acompanhá-lo.

O homem acreditou que iria ser recepcionado pelo diretor do museu e sentiu-se confortavelmente satisfeito.

Foi conduzido à cozinha do museu. Com excepcional eficiência, o seu anfitrião promoveu a homenagem tantas vezes prorrogada.

Arrumou a mesa e, em triunfo, abriu o misterioso embrulho. Numa travessa metálica, cercada por dourada farofa, a galinha semanalmente renovada foi colocada em lugar de honra.

Como bom político, o prefeito de Porto Alegre mostrou-se encantado com a prova de apreço recebida.

A invasão da cozinha, capitaneada pelo funcionário gratíssimo, foi levada ao conhecimento da responsável pelo plantão.

Imediatamente ela foi ao encontro da desconfortável situação. Encontrou um clima de plena confraternização em torno da galinha assada. Não teve outra opção senão a de sentar-se ao lado do prefeito de Porto Alegre e também recepcioná-lo.

Rio de Janeiro, 1951.

## O DIA DA IRA

Uma crise administrativa, de grandes proporções, se instalou no Museu Histórico da Cidade e o colocou no nível da sobrevivência.

Num final de expediente, quando apenas dois funcionários o mantinham aberto à visitação pública, ela chegou.

Assinou no livro de registro de visitantes. Dirigiu-se à maquete da estátua de São Sebastião, glorificada em um nicho. Fitou-a demoradamente.

Percorreu as salas do andar térreo, sem demonstrar o menor interesse pelos objetos expostos.

Subiu a escada e tomou a direção da sala de onde vinham os ruídos duma máquina de escrever. Abriu a porta cautelosamente e ficou olhando para a funcionária que trabalhava.

Sentindo uma presença estranha, a funcionária interrompeu o seu trabalho para informar que a parte administrativa não estava franqueada ao público.

A mulher, que a fitava insistentemente, a assustou. Era alta, magra, pouco cuidada e parecia estar na casa dos trinta anos.

A funcionária perguntou o que desejava. A estranha visitante continuou a fitá-la, sem se mover.

O clima se tornou tenso. De repente um sorriso iluminou o rosto da visitante e, como que respondendo a si mesma, ela falou.

— É hoje que acabo com aquele miserável. É hoje. Safado! Eu era moça e virgem. Ele me enganou. Safado! É hoje que me vingo dele.

A funcionária sentiu-se apavorada. A mulher deveria ser doente mental. E se não fosse? Se o miserável fosse o servente que deveria estar na portaria?

Como afrontar situação tão insólita? Como? Apenas ela e o servente, em todo o casarão... Nenhum guarda, nenhum visitante. Para quem apelar? Pensou em usar o telefone. Talvez fosse arriscado... Melhor seria levar a visitante para o andar térreo e pedir o auxílio do servente.

Muito polidamente informou que o expediente se encerrara e que todos deveriam sair. Arrumou precipitadamente os seus papéis e apanhou a bolsa.

A mulher não se moveu. Continuou falando baixinho. Continuou dizendo que o dia da sua vingança chegara, que sua honra seria recuperada, que o safado não lhe escaparia.

A funcionária não entendia o que se passava. Como a visitante chegara ao andar superior, sem passar pela portaria? Será que o servente se ausentara? Provavelmente foi o que aconteceu. Talvez ele tenha entrado por outra porta... Talvez...

Novamente informou que o expediente se encerrara e o museu estava sendo fechado. A mulher nem parecia ouvi-la.

A funcionária pensou em tocar a campainha para chamar o servente. A mulher adivinhou sua intenção e lhe segurou a mão.

– Não toque. Quero atacar de surpresa.

A funcionária sentiu-se gelada. Percebeu que o seu único recurso seria a astúcia. Sem demonstrar o medo que sentia, perguntou-lhe se valeria a pena uma vingança sem testemunhas.

O argumento abalou a mulher. Pensou, hesitou e acabou concordando.

A funcionária conduziu-a até o patamar da escada e fê-la descer, acompanhando-a de perto.

Não queria pensar no que iria acontecer. Precisava apenas agir rapidamente e sem pensar no que seria o encontro da vingadora com o servente.

Seria uma louca ou uma pessoa desesperada? Estaria emocionalmente perturbada por um choque muito forte?

Esperava o pior, mas poderia haver uma saída. O servente poderia conter a mulher enfurecida e ela iria em busca de socorro. Seguramente seria ouvida por alguém.

O esperado não aconteceu. Indiferentemente a mulher passou pelo servente.

Com o rosto convulsionado pelo ódio, dirigiu-se para o nicho que glorificava o padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

Em atitude gozosa, flechado e seminu, são Sebastião parecia afrontá-la.

– Miserável! Miserável! Eu era moça solteira e séria. Estou desonrada por sua causa. É hoje que acabo com a sua raça.

A funcionária reforçou a sua proposta.

– Só duas pessoas para assistir a sua vingança? Nada disso. Valvique, vá chamar todo o pessoal que está no parque.

A vingadora resolveu adiar o seu Dia da Ira.

Rio de Janeiro, 1963.

## OS CONVIDADOS DO ALÉM

Foi um casamento feliz, monotonamente feliz.

Ela, egressa da mágoa e perplexidade que se seguiram à ruptura do seu longo noivado, reagiu aceitando a proposta de casamento de um homem muito mais velho, bem situado na vida, profissionalmente competente e dono duma firma de construção civil.

Ele, para quem o êxito profissional era muito mais importante do que as mulheres, apaixonou-se perdidamente pela moça alta, vistosa e dona de deslumbrantes olhos verdes.

Casaram e construíram uma vidinha pequenina e aconchegante. Não tiveram filhos, mas ambos recorreram às compensações. Como se fora um pai extremo, ele se ligou a um sobrinho órfão. Encaminhou-o na vida e na profissão. Quando sentiu-o suficientemente preparado, foi-lhe passando o controle da firma que fundara e dirigia. Ela, filha de antigos usineiros empobrecidos, optou pela criação de três meninas mulatinhas. Considerou-as como filhas, quando eram criancinhas; como afilhadas, quando se tornaram meninas; como agregadas ao serviço da casa, quando se fizeram adolescentes. Procurou-lhes maridos entre os empregados da firma do marido e considerou encerrada a sua missão.

A velhice foi chegando e nada fazia supor o que os esperava.

Os negócios da firma não iam bem e o tio-pai resolveu reassumir a sua direção, após uma violenta discussão com o sobrinho.

A verdade veio à tona. O efficientíssimo sobrinho fundara uma nova firma, usando fartamente o capital desviado da firma do tio.

Veio a ruptura no campo profissional, mas não no humano. O tio limitou-se a contratar bons advogados.

Não chegou a tomar conhecimento de que a causa fora ganha. O câncer tomou conta do seu corpo e a morte o levou, antes que ele começasse a sofrer.

A viúva fez-se mais esquiua e encapsulou-se na solidão. Não distribuiu amor e não colheu amor.

Com a causa ganha, tornou-se uma viúva abonada. Aplicou bem o dinheiro recebido, manteve o luxuoso apartamento em que vivia e a acolhedora casa de campo que o marido construíra.

Tendo partido quase todos os elos com os vivos, procurou reatá-los com os mortos a quem amara e, sobretudo, em quem confiara.

Os espíritos povoavam sua luxuosíssima solidão. Os muitos empregados que a serviam foram se tornando peças de trabalho. Os que a procuravam, rompendo a barreira da incomunicabilidade que

erguera para proteger-se, eram considerados como importunos intrusos. Bastavam-lhe os seus espiritos.

Para eles ela organizava e oferecia a grande ceia da passagem do ano.

Viajava com seus empregados. Preparava sua casa de campo para torná-la um cenário lindo e acolhedor. Fazia arranjos florais. Preparava a mesa com o que de melhor possuía. Passava à cozinha e, como experiente anfitriã, examinava as iguarias e os vinhos que seriam servidos.

Quando a noite chegava, passava a cuidar da sua pessoa. Tomava um confortável banho perfumado com repousantes sais. Vestia-se como se fora para um banquete formal. Perfumava-se. Ornamentava-se com as suas melhores jóias e comparecia ao vestíbulo para receber os seus invisíveis convidados.

Depois de muitos sorrisos e cumprimentos, convidava-os a passarem para a sala onde seria servida a ceia. Designava lugares que permaneciam vazios para os outros, mas não para ela. Sentava-se à cabeceira e comandava o grande espetáculo das empregadas servindo à francesa os espiritos convidados.

Durante horas conversava com os seus amados mortos. Alta madrugada dava como encerrada a recepção que comemorava mais uma passagem de ano.

Sorridente e feliz, acompanhava até à porta os seus convidados muito especiais. Despedia-se de todos com uma frase amável.

Recolhia-se aos seus aposentos, exausta e feliz. Dormia serenamente até as dez horas da manhã.

Ao levantar-se, era outra mulher. Como que cumprindo penoso ritual para o retorno à vida, tomava o seu café da manhã. Comia e chorava.

Voltava ao quarto e vestia-se com roupa elegante e severa. Nenhuma jóia. Nenhum enfeite. Tudo nela era luto.

Saía sem dizer uma só palavra. Entrava no luxuoso carro, sem atentar para o sorriso profissional do motorista.

Viagem silenciosa. Voltava para o seu apartamento-sarcófago com o ânimo robustecido.

As empregadas, encarregadas de arrumar a casa, promoviam, para o almoço do primeiro dia do ano, um magnífico festim. Convidados vivos e seguramente menos requintados, se banquetevam com as iguarias servidas aos convidados mortos.

## COMPETÊNCIA EM CONFLITO

Tudo começou por conta da excessiva visitação que o Museu Histórico da Cidade, dominando o parque do mesmo nome, recebia em fins de semana e nos feriados.

Muito criteriosamente, o senhor diretor do departamento ao qual se filiava o museu optou por solucionar o problema de forma racional.

Como não dispunha de verba para a contratação de guardas de salas de exposição, lançou mão do material de que dispunha. Designou funcionários subalternos de serviços, também afetos à sua diretoria, para que, em regime de plantão, prestassem serviços no museu.

A medida desagradou profundamente os funcionários designados. A única e entusiástica aceitação correu por conta do Benedito que, sem sair do clima da infância, entrara na idade adulta.

Os plantões o deslumbravam. Por sua vontade seria definitivamente transferido para o quadro do museu.

Ninguém entendia o seu interesse em trabalhar, quando todos queriam folgar.

Em realidade, o Benedito não gostava do museu e sim do parque onde ele se encastouara.

Com muita habilidade montou o seu esquema de atividades. Quando o expediente se iniciava, assumia com grande competência a função de guarda-sala. Quando a visitação praticamente cessava, por conta da hora do almoço, encaminhava-se sorrateiramente para a cozinha, pretextando que ia tomar um café. Ganhava a liberdade, sem sequer ser notado.

Metia-se no mato e nele se integrava.

Uma hora antes de terminar o expediente, reassumia o seu posto. Como a sala sob a sua responsabilidade não tinha praticamente nenhuma importância, ninguém notava a sua ausência.

Numa das suas cautelosas escapadas, o Benedito realizou uma grande façanha. Aprisionou uma cobra cascavel e, com dedos de aço, segurou-a pela cabeça. (Segundo o que disse, havia extraído o veneno.)

A fantástica proeza o deslumbrou e ele sentiu a compulsiva necessidade de exibi-la.

Voltou apressadamente para o museu, carregando a sua presa que, em desespero, procurava escapar.

Os muitos visitantes entraram em pânico – circunstância que aumentou o autotriunfalismo do Benedito.

Foi um deus-nos-acuda. Todo mundo apavorado e querendo fugir. Falatório, gritaria, desespero.

Embragado com o seu sucesso, o Benedito exibiu a cobra, que executava uma estranha coreografia, tendo, como fundo musical, o som dos seus chocalhos.

O plantão estava sob a minha responsabilidade.

Quando ouvi os muitos barulhos que vinham do andar térreo, desci apressadamente a longa escada de madeira.

Com perplexidade constatei o que estava ocorrendo. Senti-me em desespero, mas consegui reagir. O problema tinha que ser resolvido imediatamente.

Hipóteses se confrontavam com hipóteses. Se a cobra se soltasse... Por quanto tempo o Benedito conseguiria mantê-la presa... Se ela escapasse e fosse para debaixo de um dos pesados móveis de jacarandá... Se picasse alguém... Se fosse levada para fora do recinto do museu... Havia uma enorme quantidade de crianças brincando por toda a área. Seria possível matá-la, antes que ela picasse alguém...

Lembrei que a prefeitura do Rio de Janeiro estava em plena campanha para conseguir povoar o serpentinário, do recém-transferido Jardim Zoológico para a Quinta da Boa Vista.

Lembrei também que, no depósito existente no forro do prédio onde se instalara o museu, existia uma velha caixa de madeira, adaptada para ser uma jaula. Nela, durante muito tempo, uma cobra não-venenosa era exibida na sede do Museu Central Escolar, quando instalado na praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana.

Mandei buscá-la. Dei a desnecessária ordem de evacuar o museu.

A cobra foi levada para fora do prédio e, com absoluto sucesso, realizou-se o seu aprisionamento no caixote-jaula. Como medida de prudência, a operação se efetuou com a ajuda de um algodão, fartamente embebido de éter.

Telefonei para a chefe do Serviço de Museus, dando-lhe ciência do ocorrido e submetendo à sua aprovação a possibilidade de encaminhar a cobra capturada ao Jardim Zoológico.

O oferecimento de mais uma cobra para o serpentinário encantou a direção do Zoológico.

Havia apenas um detalhe a ser resolvido. Por ser um domingo, a cobra somente poderia ser recolhida no dia seguinte.

Fiquei apreensiva. Como se comportaria a cobra durante a longa espera? Por quanto tempo duraria o efeito do éter?

O caixote-jaula permaneceu ao lado da escadinha que dá acesso à cozinha do prédio ocupado pelo museu. Comuniquei o fato à administração do Parque e um funcionário ficou encarregado de vigiar a presa do Benedito.

Na manhã seguinte, bem cedinho, tomei um táxi e fui para o museu. A hora marcada para a entrega da cobra, conforme o previsto, seria às sete da manhã.

Apenas cheguei, o guardião da cobra veio ao meu encontro. Dessorava preocupação. O que teria acontecido? A cobra fugira Picara alguém?

Ele me levou até o caixote-jaula. Estava vazio.

Nervosamente fui tomando conhecimento do que sucedera. O homem era só preocupação.

Consegui captar coerência no seu confuso relato.

O diretor do Parque da Cidade, ao ser informado do episódio da cobra, sentiu-se ofendidíssimo.

O prédio, dentro do parque sujeito ao seu controle, estava sendo arbitrariamente ocupado pelo Museu Histórico da Cidade que pertencia à Secretaria de Educação. Deveria, pela lógica, ser usado pela Secretaria de Agricultura.

A captura da cobra exemplificou o absurdo. O pessoal do museu exorbitara. A cobra pertencia à sua área de competência.

Como um general vitorioso, decretou a liberdade da prisioneira. Dois dos seus funcionários se apoderaram do caixote-jaula e o levaram até o gramado onde, com grande freqüência, as crianças costumam brincar de escorrega.

A cobra, liberta do efeito do éter, fugiu apressadamente e buscou o abrigo de uma moita bem copada, próxima de um regato.

Satisfeito por definir as áreas de competência das três Secretarias, declarou que a cascavel lhe pertencia e que ele a ninguém permitiria invadir os seus domínios.

O caminhão do Jardim Zoológico voltou vazio. O Benedito nunca mais foi escalado para plantões no Museu Histórico da Cidade.

A lição foi aprendida. Vigilância, sob a responsabilidade da Secretaria de Administração. Parque, sob o controle da Secretaria de Agricultura. Museu Histórico da Cidade – o indesejável intruso –, quisto administrado pela Secretaria de Educação.

Rio de Janeiro, 1950.

## PAPAI ESTÁ AQUI

A viagem, tantas vezes sonhada pelas duas solteironas, finalmente realizou-se.

Elas iriam conhecer a Europa. Iriam a Paris e tomariam o famoso "banho de civilização". (Tardia herança da *Belle Époque* que chegou ao Brasil.)

Sonho concretizado, mas não de forma desejável. O "banho de civilização" seria a busca do tratamento salvador, apenas possível pela qualidade da medicina francesa.

O velho pai estava gravemente enfermo e já desenganado. Elas, as tímidas e casadoiras moças sem dote, que haviam perdido a batalha com o tempo, estavam desorientadas.

A família se reuniu e decretou que o velho deveria se tratar na Europa. Ela, que jamais se comovera com o gradativo empobrecimento do velho, foi solidária e inflexível. O velho, acompanhado pelas duas filhas acomodadas em um tipo de solteirice em processo de extinção, foi embarcado em luxuoso transatlântico.

A viagem foi penosa. O velho fez-se exigente e caprichoso. Queria as filhas ao seu lado, durante todo o tempo. E elas o cercavam de cuidados, sem tomarem conhecimento das amenidades do cruzeiro marítimo.

Apenas o trio chegou a Paris, foi feita a consulta ao médico recomendado como sendo a maior sumidade da França.

Os exames confirmaram o diagnóstico e os prognósticos dos médicos brasileiros. A doença, além de incurável, progrediria muito. Estava, em realidade, em sua fase final. A morte era inevitável.

O que não se calculou foi o passamento motivado por uma pneumonia, adquirida durante uma violenta baixa de temperatura. O velho faleceu em um sanatório, horas depois de ter sido internado.

As filhas, perplexas e desorientadas, não sabiam que providências deveriam tomar. A própria direção do sanatório levou o problema ao Consulado do Brasil.

As duas filhas enlutadas apanharam na mala os vestidos de luto que haviam trazido, calculando que poderiam ser necessários. Vestiram-se com eles, mas não tiveram tempo e sossego para chorar a morte do pai.

Providências, relativas ao destino que seria dado ao corpo, deveriam ser tomadas rapidamente.

As opções martirizavam as duas senhoras inexperientes e inseguras.

O enterro, no estrangeiro, parecia-lhes um desterro. Quem iria visitar o túmulo do pai? Quem o enfeitaria, com flores, no dia de Finados? Deveriam ter consultado o moribundo, que afinal era o principal interessado, sobre suas derradeiras determinações. Deveriam, mas não o fizeram. Talvez, se ele tivesse sido consultado, escolhesse, como glória póstuma, repousar no cemitério *Père Lachaise*, ao lado das ilustres ossadas de Musset e Rimbaud. Deveriam ter consultado. Mas... Estaria ele em condições físicas de opinar?

Chegaram à conclusão de que deveriam embalsamar o corpo e levá-lo de volta ao Brasil. Quando tomaram conhecimento do custo dos serviços fúnebres e do transporte, verificaram que a alternativa mais desejável estava totalmente fora das suas possibilidades econômicas. A família, que providenciara a consulta salvadora, não previu a possibilidade da remoção de um corpo embalsamado.

A hipótese da cremação foi-lhes apresentada como solução. As duas irmãs, sendo católicas praticantes, devotas e seguindo sem contestações as diretrizes da Igreja Católica Apostólica Romana, não poderiam aceitar o que era formalmente proibido.

Por estarem totalmente impossibilitadas de tomarem uma decisão, alguém decidiu por elas. A cremação foi-lhes imposta e deixou-as perplexas.

Como autómatas, elas assinaram os papéis, acompanharam o féretro ao forno crematório e receberam a pequena urna, contendo as cinzas paternas.

Foram embarcadas dois dias depois. Recolheram-se à sua cabine, como haviam feito na viagem de ida. Na primeira, velaram o enfermo; na segunda, a urna com as suas cinzas.

Com o correr do tempo, elas começaram a se sentir perturbadas. A presença da urna funerária as asfixiava.

Resolveram alterar as horas de vigília. No segundo dia de viagem, consideraram que o confinamento na cabine estava lhes afetando a saúde e, sobretudo, os nervos. Confabularam e, depois de vários avanços e recuos, chegaram à conclusão de que lhes era impossível afrontar as pressões emocionais do velório solitário, confinado e prolongado.

Recolocaram a urna dentro duma maleta de mão e se foram integrando na alegre vida de bordo.

Vida tantas vezes descrita por amigos favorecidos, membros da família, as envolveu como um sonho escapado do passado que se corporificava.

Sempre conduzindo a maleta com a urna fúnebre, as duas senhoras foram amarradas na corrente que as levou até as amenas programações de bordo.

As enlutadas, que não se separavam da maleta de mão, começaram a ser alvo de comentários e suposições. Quem seriam? O que conteria a maleta?

Circulou a notícia de que eram jóias, recebidas na partilha de um inventário.

À medida que o tempo passava, os comentários se enriqueciam com muitos detalhes. A malaleta continha jóias valiosíssimas e documentos de propriedades na Europa.

Alheias à onda de curiosidade que as envolvia, as duas irmãs, que sempre haviam vivido na sombra, pularam para o sol.

Com a aproximação do porto do Rio de Janeiro, onde desembarcariam, intensificaram-se os comentários.

As multimilionárias herdeiras iriam desembarcar... Quem as esperava?

O transatlântico recebeu as visitas de praxe das autoridades policiais e sanitárias. Cumpridas as exigências legais, as duas senhoras recolheram-se à sua cabine e assumiram, em plenitude, o seu recente luto.

Ninguém as viu até que o navio atracou.

No cais, um luxuoso carro fúnebre aguardava o féretro.

Um membro da família enlutada, seguramente o de maior importância social, subiu a escada de bordo e dirigiu-se às filhas do morto.

Apresentou-lhes condolências, abraçou-as comovidamente e perguntou pelo féretro.

As duas senhoras enlutadas choraram copiosamente. A que segurava a malaleta apresentou-a ao parente que reclamava o corpo.

— Papai está aqui.

Rio de Janeiro, 1956.

## O COROAMENTO DA DESCOBERTA

Coisas da década de 30.

Tudo começou com a mania do bem-sucedido dentista. Nada o satisfazia tanto quanto percorrer depósitos de leilões e belchiores. Acabava sempre descobrindo uma pequena preciosidade. Como se fora uma criança surrupiando um doce, efetuava a compra e corria para casa.

Sentia-se empolgado em recuperar o objeto degradado. Aprendeu umas poucas técnicas de restauração e, em seus dias de folga, passava horas entretido em devolver-lhe a perdida dignidade.

Morava em excelente casa à beira-mar. Nunca ia à praia. Tinha grande clientela, mas sempre arranjava um jeito de alimentar a sua paixão. Era razoavelmente rico, mas os objetos comprados em antiquários e leilões, por mais sedutores que fossem, não satisfiziam a sua vocação de rastreador nato.

Numa das suas escapadas, em busca de objetos raros e degradados, encontrou uma pequena tela afogada em poeira.

O instinto o advertiu para não perdê-la. Embora a sujeira acumulada não lhe permitisse avaliar a peça, pagou o que lhe pediram.

Em sua primeira tarde de folga, dedicou-se à pinturinha maltratada. Uma limpeza superficial foi suficiente para revelar uma excelente pintura tendo, como tema, dois perus em um quintal. Nela dominavam os tons quentes, com o predomínio do ocre.

O quadrinho o perturbou. Tinha a impressão de ter visto, em um livro de arte, a reprodução de um quadro semelhante.

Passou toda a tarde tentando usufruir as suas mais recentes descobertas, sem o poder. O quadrinho dos perus o perturbava.

A noite foi, com a mulher e a filha, ao teatro. Ambas adoravam ópera e, para satisfazê-las, tomara três assinaturas de platéia.

O espetáculo eletrizava a todos, mas ele não conseguia integrar-se no entusiasmo geral.

Onde teria visto uma reprodução semelhante ao quadrinho, representando dois perus? Será que a sua pinturinha era uma cópia de algum quadro célebre?

A récita da *Tosca* terminou triunfalmente, debaixo duma tempestade de aplausos.

De repente conseguiu lembrar-se do livro onde vira a desejada reprodução. Sentiu-se eufórico. Mulher e filha falavam da ópera. Ele, em silêncio, pensava no quadro.

Pela madrugada a família chegou a casa. Mãe e filha foram dormir. Ele, pretextando insônia, foi diretamente para a biblioteca.

Encontrou o livro. Era uma *Enciclopédia de pintores flamengos*. Folheou-o nervosamente. Achou a figura que o perturbava. A cena representada não era igual, mas parecia ser obra do mesmo artista.

Leu o verbete. Artista flamengo, do século XVI, que se celebrou pintando, em pequenos quadros, animais domésticos. Sua obra, considerada das mais notáveis, encontra-se em museus e coleções particulares. Sabe-se que duas telas, representando perus, foram trazidas para a América do Sul. Ninguém conseguiu localizá-las.

A revelação levou o dentista ao êxtase. Tentou contar sua descoberta à mulher. Ela dormia profundamente. Abriu a porta do quarto da filha. Ela também dormia.

Quando as encontrou, na manhã seguinte, estava em literal estado de graça.

Bem cedo telefonou para a enfermeira do seu consultório, determinando que ela cancelasse as consultas do dia e apresentasse desculpas, alegando imprevisto de força maior.

Correu ao encontro da sua descoberta. Mandou fotografar o quadro, de modo a conseguir o maior número possível de detalhes. Entregou-o depois a um especialista, para que o submetesse a um ortodoxo processo de limpeza e refresco da tela. Pediu-lhe o laudo pericial.

Anexando esse material, escreveu uma carta ao Museu Britânico, falando sobre suas suspeitas.

A resposta custou a chegar. Sua expectativa beirava a limites intoleráveis.

Finalmente chegou a carta de resposta. Um grande especialista, em arte flamenga, anunciava sua próxima viagem com destino a Buenos Aires. Viriam fazer uma série de conferências, mas oferecia a opção de interromper sua viagem no Rio de Janeiro, a fim de examinar o quadro em questão. Obviamente os custos correriam por conta do consultante.

O dentista apressou-se em responder afirmativamente.

O navio chegou ao porto do Rio de Janeiro. O dentista e sua família esperaram o especialista. Hospedaram-no no melhor hotel da cidade e lhe proporcionaram os clássicos passeios turísticos.

O exame do quadro seria no dia seguinte.

Britanicamente, o especialista compareceu pontualmente a todos os compromissos assumidos, mostrando-se encantado com a hospitalidade dos seus anfitriões.

O exame da tela, embora necessitasse de complementações mais sofisticadas, revelou que a pista levantada pelo dentista estava correta. Tudo indicava que poderia ser um dos quadros trazidos para a América do Sul.

A pesquisa poderia ter tido um coroaamento perfeito, se um convite para jantar em casa do dentista não tivesse redundado num coroaamento menos perfeito.

E tudo por conta da copeira que sumiu, sem deixar vestígios.

A filha do dentista, famosa por seus dotes de grande dona de casa, sentiu-se em pânico. Como solução extrema, contratou uma mocinha jeitosa, vinda do interior e sem nenhuma experiência na nobre arte da copeiragem elegante.

Durante todo o dia, como aluna atenta, ela foi treinada para o serviço à francesa. Por medida de precaução, foi advertida insistentemente de que deveria estar atenta ao comando dos olhos das patroas.

Até o momento da sobremesa, o serviço foi impecável. Ao apresentar uma linda gelatina, coroadada com pêssegos em calda, gloriosamente entronizada em prato de cristal, a copeira em treinamento hesitou. Apresentou o prato ao convidado de honra, em posição errada.

Pelos olhares desaprovadores das patroas em pânico, sentiu que precisava corrigir imediatamente o erro. Com mãos trêmulas ergueu o prato à altura da luzidia careca do grande especialista. A também trêmula gelatina escapou pela borda do prato. Num festival de tonalidades rubras e amarelas, sua massa escorregadia corouu gloriosamente o nobre *sir*.

O constrangimento foi total. O primeiro a reagir foi o coroadado. Com impecável humor britânico, declarou-se indevidamente coroadado, alegando não possuir méritos que justificassem a degustação solitária de tão apetitosa sobremesa.

O convencional jantar foi interrompido para a recuperação física do coroadado e a remoção dos vestígios da fragmentada coroa.

Proseguiu em clima descontraído. Em lágrimas, a copeirinha serviu a nova sobremesa. Goiabada e queijo, no melhor estilo brasileiro.

Algum tempo depois, chegou o resultado da pesquisa efetuada na Europa. O especialista declarou o quadro como sendo autêntico. Tratava-se de uma das telas trazidas para a América do Sul.

Rio de Janeiro, década de 1930

## PREGA NO TEMPO

Somente no pós-guerra, as elites brasileiras se voltaram para o até então temível e proibidíssimo mundo das religiões negras. E o fizeram na esteira do fascínio que elas exerciam sobre intelectuais e artistas. Todos eles ávidos por descobrirem e vivenciarem a força de religiões, consideradas como bárbaras e inferiores, pelo fato de se vincularem com o animismo fetichista.

Embora pesquisadores nacionais e estrangeiros tivessem seus trabalhos divulgados, a abordagem se fazia medrosamente e, sobretudo, discretamente.

Poucas eram, em consequência, as pessoas não diretamente a elas vinculadas, disponíveis para a tarefa de ciceronear visitantes ilustres em visitas a terreiros.

Lá pelos idos de 1956, um pedido irrecusável foi encaminhado a uma pesquisadora, freqüentemente solicitada para essa tarefa.

O pedido chegou numa hora errada, tendo em vista que não coincidia com o calendário litúrgico.

O lote de visitantes, agrupado em torno de importante personagem da área cultural hispano-americana, incluía dois embaixadores, um secretário de embaixada, dois adidos culturais e vários aderentes.

Após muitos contatos, a pesquisadora foi informada sobre um terreiro que, em sessão privada, iria bater os seus atabaques. Localizava-se em uma favela que se formava, em plena mata do Corcovado e bem próxima do Parque Lage.

Os ilustres visitantes mostraram-se particularmente encantados com a situação ambiental que iriam conhecer de perto.

Prudentemente, todos deixaram os seus carros relativamente longe do ponto de encontro, vestiram roupas bem simples e calçaram sapatos confortáveis.

Em fila indiana – aliás, a única possível – iniciou-se a caminhada por uma picada estreita que golpeava a mata.

As mil vozes da noite, à medida que se subia, foram se ajustando ao acompanhamento ritmado dos atabaques.

Como luzes de gigantescos vagalumes iluminando a mata, surgiram os primeiros barracos.

O som dos atabaques dominava absoluto. A favela parecia estar semideserta.

"Pontos" cantados provocavam a descida dos orixás.

Nenhum dos invasores falava. Estavam todos em literal estado de graça e ninguém parecia sentir medo.

Iluminado como se fora um castelo misterioso, apareceu o terreiro. Os visitantes não podiam se queixar. Era, em pleno Rio de Janeiro, um terreiro de candomblé.

Apenas a caravana se aproximou, todos os ruídos cessaram. O "pejigã", como um soba ofendido, interrompeu a celebração ritual. Aproximou-se do grupo e perguntou severamente:

– Quem trouxe essa gente?

Buscando coragem no instinto de conservação, a pesquisadora adiantou-se e respondeu:

– Eu, meu pai. Vieram de muito longe para buscar luzes.

Um cumprimento "jeje", cruzando os ombros, selou o pacto.

O "pejigã" sentenciou:

– Quem veio buscar luzes, terá luzes.

Os atabaques voltaram a bater. Três "pontos" foram cantados. Baixou o primeiro orixá. Formou-se a "gira" e palmas a ritmaram.

Os visitantes, um a um, foram chamados para receber "passes" purificadores.

Quando o último foi dado, o "pejigã" ordenou que os visitantes saíssem e fossem acompanhados até a entrada do morro.

Formou-se uma procissão de velas acesas.

E foi assim que, em pleno século XX, um grupo de diplomatas estrangeiros viveu a emoção de compartilhar, com o esquife da Rainha Morta, a glória da procissão das luzes. Amostragem modesta da que dom Pedro, o Cru, fez realizar, para conduzir os restos mortais da sua amada Inês de Castro, de Coimbra para o mosteiro de Alcobaça.

Rio de Janeiro, setembro de 1956.

## O CASAMENTO DO ANO

Os noivos, ambos pertencentes à alta sociedade carioca, optaram por casamento em cenário rural.

Em fiacre branco, puxado por cavalos também brancos, chegaria a noiva. O noivo, também em trajes brancos, a esperaria numa curva da estrada. Como num conto de fadas, em carruagem ornada com guirlandas floridas, iriam ao encontro dos pais e dos seus jovens e numerosos padrinhos.

Em cortejo marchariam para o local onde fora instalado, com total luxo, o altar da cerimônia.

A tia da noiva, proprietária recente de uma bellissima fazenda, vibrou com a idéia da festa em que se afirmaria no papel de fazendeira-anfitriã.

Casa e cenário foram colocados à disposição dos noivos.

Durante dois meses a notícia do que seria o casamento do ano circulou em rodas sociais e, por várias vezes, compareceu como atração colunável.

Uma cerimônia de casamento em cenário campestre exige toaletes muito especiais. Requite disfarçado em simplicidade e romantismo. Cada mulher deverá se apresentar como se fora preciosa orquídea recém-colhida na mata.

Costureiros famosos e menos famosos se afogaram em encomendas.

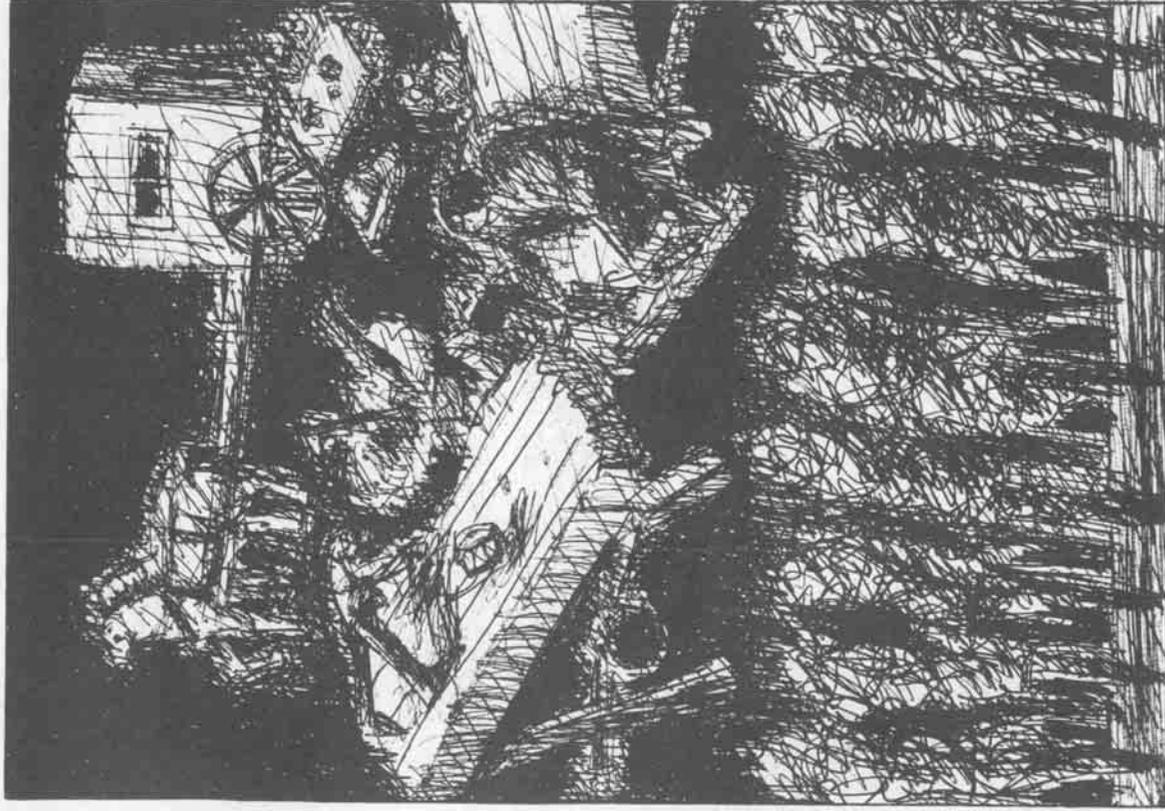
Os quatrocentos convites distribuídos propiciaram faturamentos altos em lojas especializadas em presentes.

Detalhe por detalhe articulou-se a grande festa.

O altar seria colocado à sombra de copadas árvores. Uma peça antiga, comprada em antiquário mineiro, repousaria em pequeno tablado de madeira coberto por precioso tapete oriental. Uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da fecundidade, presidiria a cerimônia (peça do século XVIII, adquirida em antiquário da Bahia). Os tocheiros seriam de prata colonial baiana. Duas jarras para flores da melhor fase do *Vioux Paris*. Flores abundantes e com predomínio dos tons rosados. Guirlandas de folhas, pontilhadas com raminhos de rosas, ornariam os genuflexórios de mogno e delimitariam o espaço sacralizado. (Para a cerimônia seria usada preciosa toalha de linho belga que pertencera à bisavó da noiva.)

O mais famoso decorador do país foi requisitado.

Em total estado de graça, a dona da fazenda passou-lhe o encargo de tornar realidade o que imaginara. Na mesma ocasião, de forma muito clara, recomendou-lhe que preservasse a integridade dos seus gramados.



Sempre hábil em resolver toda a sorte de problemas, o decorador propôs, como solução prática e bonita, a construção de um grande tablado de madeira. Ele funcionaria como se fosse um palco, durante o almoço que seria servido depois do casamento.

Mesas individuais, vestidas com toalhas vaporosas e floridas, dariam a impressão de terem sido trazidas pelo vento. As cadeiras seriam do tipo austríaco e estariam laqueadas de branco. Arranjos florais, em profusão, complementariam o cenário.

O casamento seria, como de fato foi, o grande acontecimento social da temporada. Apenas não o foi da forma prevista.

A cerimônia religiosa não poderia ter sido mais bonita. O decorador fora perfeito na composição do ambiente. O celebrante, amigo das duas famílias, excelente orador sacro e sempre requisitado para os atos religiosos envolvendo pessoas colunáveis, fez do seu sermão uma pequena obra-prima. Vozes celestiais acompanharam a cerimônia.

A noiva estava linda, sorridente e maravilhosa em seu traje nupcial. O noivo, comovido e feliz, primava pela elegância.

Pais e padrinhos formavam um friso festivo a dessorar contentamento.

Longas filas de cumprimentos se formaram.

Apenas os noivos e seu cortejo se encaminharam para o tablado onde seria servido o almoço, uma multidão de copeiros entrou em ação.

A solução do decorador, para preservar o precioso gramado, a todos encantava.

O almoço transcorria com impecável requinte, quando um estranho ruído denunciou algo de anômalo.

O chão afundou com incrível rapidez. O tablado não agüentou o excesso de peso. Mesas, cadeiras com pessoas sentadas, comidas, flores, cálices com preciosos vinhos... Tudo foi desabando. Farpas de madeira se transformaram em perigosas armas.

As apavoradas vítimas caíram em posições inaceitáveis pelos mais elementares códigos de elegância. Aconteceu de tudo. Fraturas, luxações, vestidos rotos, chapéus esmagados, jóias e bolsas perdidas, sapatos desaparecidos, louças e cristais quebrados, talheres voadores.

Os perplexos copeiros, que serviam *stroganoff*, não puderam conter a iguaria no sarcófago das sopeiras. E muitas vítimas foram ungidas pela papa dourada e aromática.

Alguém, num gesto de audácia, precipitou-se para salvar o que restou do bolo dos noivos.

Pelo simples fato de não terem tido acesso ao almoço da cerimônia, apenas as crianças pequenas e a criada que escaparam da catástrofe.

Todo o pessoal da fazenda foi convocado. Criados chamaram ambulâncias.

Cronistas sociais, também vítimas do desabamento, combinaram que não comentariam o ocorrido em suas colunas. Afinal, a matéria-prima do seu trabalho não poderia ser exposta ao ridículo.

Fotos e filmes, feitos durante a cerimônia religiosa e no início da recepção, salvaram o documentário.

Sem grandes avarias, os noivos se eclipsaram. No dia seguinte embarcaram para a lua-de-mel na Europa.

As famílias dos recém-casados e, em especial, os anfitriões da festa do casamento desculparam-se com os seus quatrocentos convidados. Esses, por sua vez, confraternizaram-se com os frustrados anfitriões perfeitos e prometeram bloquear a bem-sucedida carreira do que se tornara um ex-famoso decorador.

Obviamente o decorador não aceitou a culpa que lhe atribuíam. Transferiu-a para os carpinteiros que não souberam executar o trabalho. Eles também não assumiram a responsabilidade pelo ocorrido, transferindo-a para a serraria que fornecera a madeira. Tendo a seu crédito fornecimentos garantidos a fregueses muito importantes, os dirigentes da serraria declararam que a madeira era da melhor qualidade e não lhes cabia a responsabilidade pelo erro de cálculo cometido.

Avaliados danos e perdas, todos chegaram à conclusão de que seria menos oneroso e infinitamente mais discreto o esquecimento do episódio.

Durante algum tempo, vendo o seu gramado devastado, a dona da casa sofria com o fracasso da sua triunfal apresentação como fazendeira-anfitriã.

Com o piedoso crescimento da grama, desapareceram os últimos vestígios do constrangimento.

Rio de Janeiro, década de 1980.

## BISCATEIRO

Antônio das Neves, seu criado.

Biscateiro. Faz de tudo. Pinta, conserta, lava carro, pega faxina. Quando a grana encurta, defende o seu na ponta da feira.

Trabalhador como poucos. Só não gosta de emprego amarrado em horário. Patrão é ele mesmo. Trabalha onde quer e como quer.

Já experimentou emprego, sim. Prisão danada! O homem vai murchando, murchando. Horário bole com os nervos de qualquer vivente. Se o dia está bonito, fica sonhando com a pelada na praia ou no campinho. Se chove, pensa que é uma barbaridade obrigar um otário a se molhar todo, agüentar oito horas de trabalho, entrar na "minhoca" e ir chacoalhando. Central danada! Gente que não acaba mais. Tudo no empurrão. Chegar molhadão e cansado. Isto lá é vida?

Bom mesmo é vida de doutor. Só anda de automóvel. Pode agüentar chuva que não pega canseira e nem espirro. Fazer como as madama que aproveitam a molhadeira pra descolar uma tela.

Esse negócio de mulher levantando na madrugada pra preparar rango de marmita, não dá. Biscateiro sempre se arruma. Pega rango na casa das madama. A coitada, de tanto levantá na madrugada, fica velha. Perde o gosto. E só no lesco-lesco. Cadê tempo e disposição pra carinho e chamego?

Antônio dos Santos, seu criado. Homem responsável. Então, não é? Tirou carteira de autônomo. Desconta pra Instituto e Sindicato. Trabalha duro nos biscoates. Um dia pro doutor. Outro dia com a madama. Faz de tudo. Quando não sabe fazê, experimenta.

Quando fica durão, é a hora do pulo. Arranja mercadoria e vai pra ponta da feira. A mercadoria não é dele, não. Também não tem licença. Sabendo vender, sai tudo. A comissão fica garantida. Precisa é ter cuidado com o rapa. Sentir o cheiro do perigo. Se não der pra tirar o time, aplicar. Sabe como é. Oito filhos, doente, mulher inter-nada pra operação, atraso na prestação do BNH... Ninguém resiste. Ele não tem casa do BNH, não. Onde é que já se viu biscateiro agüentar com a tal da correção? Quem se mete no BNH acaba na corrida. Feijão subindo, prestação disparando. Uma porção de gente com carteira assinada por patrão está no atraso.

Viver no morro é que é bom. Escravo de patrão não é com ele.

Antônio das Neves é de boa paz. Desde moleque foi assim. Só vira bicho quando é xingado. Não é vadio, não senhor. Tem carteira de autônomo. Carteira quente e de muito respeito.

Não gosta de briga, mas não leva desaforo pra casa. Medo, só tem um. Passar pelo cemitério, quando escurece, não é bom. Segun-

da-feira então, dá arrepio. Aquela porção de vela no portão. É até provocação pras almas que estão sossegadinhas.

A campanha foi combinada. "APARTHEID X COMUNISMO". Para combater o comunismo? Para promover o comunismo? Alerta para o conflito de Angola?

Muita discussão de é, não é.

APARTHEID, no Brasil, é besteira. Não é o APARTHEID. É o que ele comunica. Besteira grossa, sim senhor. E as mulatas? E a glória das escolas de samba com os grifões nos destaques de luxo? E o futebol engrandecendo o nome do Brasil em todo o mundo? Imaginem só. APARTHEID em dia de Fla-Flu. APARTHEID na praia. Besteira. Não pega. Viva a bagunça!

Opiniões se dividem. Os intelectualizados pontificam.

– APARTHEID, sim. Mostra que somos participantes. Que já não somos subdesenvolvidos. Que conhecemos problemas sul-africanos e norte-americanos. A questão de Angola está quente. Bem defronte do Brasil. O povo precisa ser conscientizado.

É escolhido o *slogan*. COMUNISMO X APARTHEID. Direto, comunicante, carregado de intenções. Talvez advertências. Técnico, enxuto, perfeito.

Antônio das Neves pegou a pior. Gripe da braba. Corpo moído e pedindo cama. Febre de cozinhar ovo.

É sempre assim. Doença de biscateiro esvazia panela. Logo agora que o feijão deu pra subir que nem doido.

O corpo ainda dói. Não tem outro jeito. A grana precisa pintar. Um arrepio, que não é o anúncio de febre, sacode o Antônio. E se o doutor já arrumou outro lavador de carro? Saber se virar, ele sabe. Tem sempre gente precisando de coisas. Fogão entupido, taco solto, pintura de geladeira, aquecedor enguiçado.

Quinze dias de doença comeram toda a grana, que era pouca como carne cobrindo esqueleto de doente.

Está fodido. Já não tem cara pra descolar uns trocados com os amigos. Paga quando puder.

Antônio das Neves vai à luta. Acomoda a dor no corpo. Agüenta a "minhoca" chacoalhando. Quando chega na avenida Antônio Carlos, topa com o doutor da lavagem do carro.

– Que é que houve? Você sumiu? Por quê? Está melhor? É... Já arranjei outro lavador. Foram quinze dias em que você não apareceu. O carro não podia ficar sujo.

Pernas, fracos pela gripe prolongada, desfalecem. Antônio das Neves se derrete em preocupação. Acabou o biscate do carro. E a panela sem feijão...

Um moço, com jeito de esperar condução, ouviu a conversa. Pescou o desânimo do Antônio das Neves e entrou com o seu jogo.

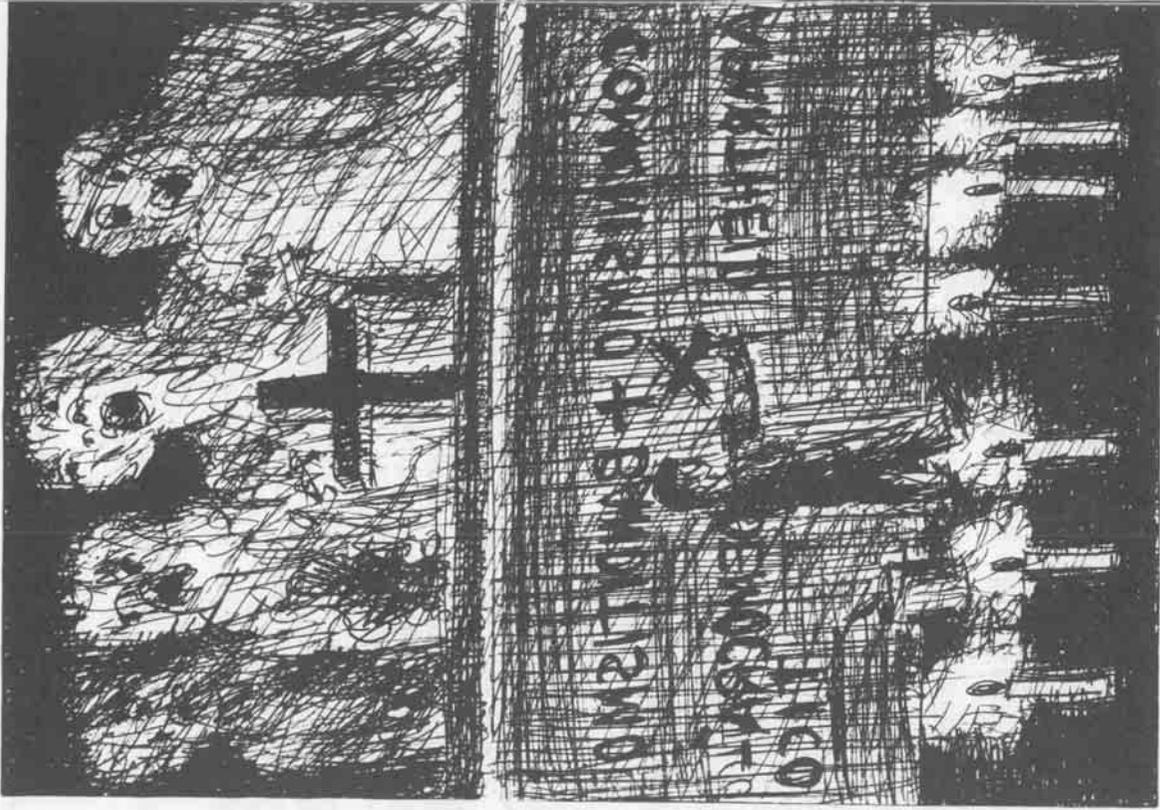


Ilustração de um homem e um edifício, ambos quase completamente ocultos por uma densa rede de linhas e rabiscos.

lhando. Não precisa pegar biscate de escrever em língua de gringo, na escondida da noite e com medo dos "zome". Vem cá, Tônico! A vida aqui é sossegada, muito sossegada. Quando você cansar de tanto sossego, é só encarnar em vivo que está nascendo.

Antônio das Neves, gelado e vendo tudo branco, é puxado por sete rosas vermelhas. De lansa. Da morte que entra e sai. Da Pomba-Gira que sabe essas coisas de cemitério muito bem. Se entrega a ela e mete o *spray* para funcionar.

A frase saiu direitinha. "COMUNISMO + BANDITISMO X APARTHEID DEMOCRÁTICO."

Pomba Gira soltou o medo. Antônio das Neves não agüenta mais.

Negócio de escrever briga de vivos, em muro de cemitério, não é com ele. Muito perigoso. O feijão pode esperar.

Antônio das Neves passou a ler a *Luta Democrática*. Deixou *O Dia* para o lado. Procura notícia dos gringos-bandidos que vão dividir o dinheiro com os pobres.

Fazendo biscate para doutor jornalista, ouve a tal palavra difícil. *Apartheid*. Pergunta o que é.

Pretos e brancos separados... Tá doido! Cospe de raiva. Pegou tamanho susto pra escrever isto. Merda.

Antônio das Neves reconhece, em um *poster*, o *spray* do biscate. Gringos complicados. Tanta coisa pra anunciá butique onde preto não entra.

WHITE POWER. (O doutor jornalista ensinou o significado das palavras usadas pelos gringos.) WHITE POWER... Por que branco entra em escola de samba, que é de preto?

Rio de Janeiro, primeiro semestre de 1967.

– Quer fazer um biscate? Mole, mole. Você sabe ler e escrever? Ótimo. Pouco, mas sabe. Já escreveu em paredes? Nunca fez, mas vai fazer. Apareça nesse endereço.

Pintou grana. Antônio das Neves agarrou o biscate. Aprendeu a escrever a frase compridona e complicada.

"COMUNISMO + BANDITISMO X APARTHEID DEMOCRÁTICO." Que troço é esse? Comunismo todo o mundo sabe o que é. Tira dos ricos e dá pros pobres. Boca rica, mas dá sempre cana. Assalto, só otário reage. Acaba empacotado. Apaga com pipoca de tesoitão. APARTHEID... APARTHEID... Eta palavra difícil! Que diabo de coisa é esse tal de APARTHEID? Coisa de estranja. Que é que gringo vem fazê aqui? Montar quadrilha? Tem ainda uma tal de democrático. Isso ele sabe o que é. Dá tudo quanto é notícia. Quem matou. Quem morreu. Desastres. Quando é coisa importante, vem até retrato. Será que a *Luta Democrática* vai avisar?

Deixa pra lá a briga dos outros. Ele não tem nada com isso. Não quer pegar cana. Quer é garantir a grana do feijão. Se puder, paga algum adiantado que descolou.

Em paz consigo mesmo, o honesto trabalhador-biscateiro que atende pelo nome de Antônio das Neves entra em serviço.

Pega o *spray*. Sai na madrugada por causa dos "zome". O moço mandou assim. Ele ainda tem metade da grana do biscate pra descolar.

Que diabo de negócio é esse? Bem que podia cobrar risco de vida. Diz que carteira assinada por patrão, dá.

Segue instruções. O primeiro muro é o do cemitério de São João Batista, na Real Grandeza.

Eta serviço pra dar nervoso. Escrever briga de vivo, no muro do cemitério, não é bom. As almas podem ficar descontentes e ele pegar um bruto atraso de vida. E se topa com vela acesa pra Omolu... Nem é bom pensar.

Sente-se gelado. Precisa de dinheiro. Já recebeu uma parte por conta. É homem de palavra. Gastou no feijão. Não pode ser frouxo.

Antônio das Neves treme. Avista o perigo. Sete velas para Omolu.

Reza em contrário para enganar o Dono do Cemitério. Pede morte para garantir a vida. Doença para segurar a saúde. Nem olha as velas. Não é bom. O mal pode pular em cima dele.

Que é aquilo dentro do cemitério? Antônio das Neves vê com os olhos que a terra há de comer. Uma porção de almas, todas de branco. Andando pelas sepulturas. Pulando e chamando.

– Tonico, vem cá! (Credo! Sua falecida mãe tratava ele por Tonico. Está morta...). Vem cá, Tonico. A vida aqui é sossegada. Não tem doença, não tem patrão, não tem a minhoca da Central chaco-

## O KITSCH IMORTAL

A noiva era filha dum casal de avançada idade. A viuvez da mãe e sua débil saúde, no entanto, não sobrecarregavam a mocidade da filha. Ela optou pela contratação de dama de companhia que logo se tornou indispensável.

Sem muito buscar, logo encontrou o seu tesouro. Senhora de excelente caráter, educada, eficiente, responsável e dona de um espantoso mau gosto.

Quando a noiva saiu de casa para constituir a sua própria família, sentiu-se tranqüila. A Mariquinha tomara conta da mãe. Amiga preciosa e esteio seguro, ela se integrara totalmente na vida da idosa senhora.

Para a menina que vira despontar como mulher e que logo sairia de casa, a Mariquinha desejou dar o mais lindo dos presentes.

Lançou mão de suas economias e foi em busca do sonhado presente.

Exultou quando o encontrou. Era um tigre de massa, pintado de forma horrenda e, ainda por cima, enorme.

Na exposição de presentes, no dia do casamento, nenhum superou em sucesso o tigre da Mariquinha. Todos eles eram lindos, ricos, requintados, mas não impactantes.

Os recém-casados foram morar em sua própria casa e, por razões óbvias, não puderam dispensar o tigre. Semanalmente a mãe da recém-casada, acompanhada sempre pela fiel Mariquinha, visitava a filha. E como a Mariquinha era uma gorda de coração terno e imaginação romântica, assim que chegava procurava localizar o tigre dos seus encantos.

A solução encontrada, para não ferir a sensibilidade da Mariquinha, foi a de pousar o escandaloso tigre em cima de um armário onde, de tocaia, ficava à espera da visita da sua doadora.

Por três vezes a jovem casada e mãe de um menino de seis anos mudara de casa. E o tigre sobreviveu a todas as mudanças.

O novo endereço foi uma cobertura no Flamengo, no mesmo prédio onde a Mariquinha continuava firme no seu posto.

O novo apartamento tinha um jardim e a dona do tigre imaginou que, entre plantas viçosas, o monstrengo ficaria menos agressivo. Sol e chuva, em pouco tempo, descascaram sua pintura. O tigre prescrito continuou feio, mas pelo menos sua feiúra deixou de ser colorida.

Ocorreu então o incidente, desejado durante sete anos. O menino, aprendendo a patinar, esbarrou no tigre e o espatifou em muitos pedaços.

O casal exultou com a proeza do filho. Os amigos congratularam-se com o fim da tortura visual. Com falsa mágoa, a dona do tigre participou o que ocorrera à boa e sensível Mariquinha.

A notícia a deixou desolada e ela até chorou. Quando conseguiu reagir ao sofrimento, fez-se misteriosa e sorridente. Por dias seguidos, em desacordo com os seus hábitos, saiu de casa. Não dizia o que ia fazer.

Finalmente esclareceu-se o mistério das suas saídas.

Ela não chegou de ônibus, conforme o seu costume. Veio de táxi. O motorista a acompanhou, carregando um enorme embrulho.

A Mariquinha foi direto à cobertura, onde vivia a sua menina. Com um sorriso luminoso, fez-lhe a entrega do presente renovado.

– Minha filha, o seu tigre voltou. Custei muito a encontrar um igual.

Rio de Janeiro, 1949.

## PIVÔ DA CRISE

Apesar de velha, maltrapilha e louca, era freqüentadora assídua do 1º Distrito de Puericultura, situado na rua do Resende. Todos, sem exceção, a auxiliavam. As crianças não lhe tinham medo. Dona Maria tinha, dentro da sua loucura, uma tal força de personalidade e uma tamanha capacidade de comunicação, que conseguia ser alguém muito especial. Seguramente não era um tipo de rua.

Ninguém sabia ao certo a sua história. Dizia-se... Sabe-se lá se com veracidade ou se esta suposta veracidade estava comprometida com os floreios da fantasia... Dizia-se que fora mulher rica e casada com político que a abandonou quando ela ficou louca – que o marido desinteressou-se por sua sorte, depois que ela conseguiu se escapar de dois sanatórios – que ficara louca porque o marido, rico e influente, a abandonara por outra – que ela fora apenas uma amante, apresentada como esposa – que fora descartada pelo amante quando ficou insana – que, em sua casa e sob o seu comando de mulher hábil e sedutora, muitas articulações políticas foram feitas – que o amante ciumento a abandonou quando descobriu que a sua capacidade de sedução muitas vezes escapava da mesa para a cama – que... quantas coisas se dizia da pobre coitada suja, louca, simpática e misteriosa.

Diariamente ela aparecia no Posto de Puericultura, por volta das 11 horas da manhã. Recebia as sobras da sopa que era distribuída às crianças da creche. O pessoal, lotado no Posto, diariamente se cotizava e lhe garantia a refeição do dia.

Um dos médicos pediátras, por sua causa, assumiu a geriatria e zelava por sua saúde. Garantia-lhe a assistência para o corpo, já que nada podia fazer em benefício da sua mente, que se perdera em alguma encruzilhada da vida.

Em dias de feira ela recebia, de alguns feirantes, frutas e legumes.

Era inútil lhe dar roupas. Ela as recebia com um sorriso esquivo e logo as distribuía entre outras mulheres, que também nada tinham.

Usava roupa muito antiquada, gastíssima que, em tempo hábil, deveria ter tido alguma relação com a posição social que ocupara.

Dona Maria gostava de conversar e contar casos. E como gostava!

Toda sua conversa girava em torno dos seus três amantes secretos, que não podiam saber da existência um do outro, em termos de romance.

Quando se tornava narradora, dona Maria abria um lenço encardido que embrulhava uma caixinha de papelão que, em dias muito remotos, servira para embalar sabonetes da marca Gessy.

Levantava a tampa cautelosamente e ia apanhando pedaços de papel, amassadíssimos pelo constante manuseio. Não permitia que ninguém os examinasse. Neles ela "lia" as mensagens que recebera e, em segredo, tentava explicá-las.

— São cartas que eles me mandam.

Um dia chegou ao Posto muito alvoroçada e cheia de preocupações. Estava literalmente em pânico.

— Vai haver uma revolução. As tropas já estão formadas defronte do quartel-general. Os aviões estão prontos para levantar vôo. Todos os navios da esquadra estão à espera do combate. Dizem que a cidade vai ser bombardeada e haverá luta pelas ruas. Que desgraça! Que desgraça! Quanta gente vai morrer. E pensar que tudo isto foi provocado pela minha falta de atenção. Pois é. Como eu poderia ter confundido os dias e as horas dos encontros? Não podia, mas confundiu. Errei de forma imperdoável. Agora o pior vai acontecer. O ministro da Guerra soube que eu o trata com o ministro da Marinha e os dois souberam que as minhas melhores atenções eram para o ministro da Aeronáutica.

Quando eu cheguei para o encontro com o ministro da Guerra, estavam os três ministros reunidos e de armas desembainhadas. Fui expulsa. Cai na desgraça. Fiquei pobre e à espera da revolução.

Sau sem tomar o seu prato de sopa. Soluçando e desesperada, guardou os papéis amassados na caixinha que um dia abrigou sabonetes da marca Gessy.

Rio de Janeiro, primeiro semestre de 1960.

## O VALOR DA INDENIZAÇÃO

Três amigos se encontraram quando saíam do teatro Municipal. Todos três dispondo de tempo e com vontade de colocarem em dia as suas vivências. Havia ainda o grande assunto da Ópera de Pequim. Sentaram-se em um banco da praça Floriano.

Minutos depois um desconhecido se acercou deles. Homem de uns trinta anos, talhe mediano, extremamente pálido e impecavelmente vestido. Um tipo neutro que se personalizara com um anel de advogado e um escudinho da UDN dominando a lapela.

– Os senhores acham que 14 contos de réis são suficientes? Perplexidade. Qual a razão da pergunta?

– Suficientes para quê?

– Muito seriamente o homem responde à pergunta coletiva.

– Suficientes para uma indenização.

Perguntas e respostas se entrecruzam.

– Que espécie de indenização?

– Noivado desfeito.

A surpresa aumenta.

– Noivado desfeito não precisa de indenização. Basta devolver, se quiser, os objetos ganhos. Ou será que você avançou o sinal e quer cair fora?

– Nada disso. Eu sempre tive muito respeito pela minha noiva.

Quero pagar uma indenização porque gosto da moça.

– Não dá para entender. Se foi ela quem desfez o noivado, por que pagar uma indenização?

– Fui eu que desfiz o noivado. Nós nos amávamos muito e íamos nos casar. Já não pode haver casamento.

– Por quê?

– A minha história é muito triste. Eu vim do interior de Minas para tentar ganhar a vida no Rio de Janeiro. Fui morar numa pensão, no Catete. Lá conheci moça muito prendada, muito boa e muito bonita. Namoro sempre muito respeitoso. Ficamos noivos, de casamento marcado. O meu emprego dava para sustentar a família. Veio a desgraça. Começaram a dizer que ela não era mais moça.

– E era verdade o que diziam?

– Calúnia. Pura calúnia. Ela é moça e sabe se preservar. Maldade de invejosos.

– Mas então por que desmanchou o noivado? Ela ficou doente?

– Nada disso. Uai. Como é que eu podia casar, se diziam que a minha noiva não era mais moça? Fui obrigado a desmanchar o noivado, mas quero dar uma indenização para a minha ex-noiva. Os

senhores acham que 14 contos de réis são suficientes? Meu desgosto foi tão grande que comprei um anel de advogado e entrei na UDN.

Não esperou resposta. Continuou andando e, logo depois, abor-  
dou os ocupantes de outro banco.

Rio de Janeiro, segundo semestre de 1957.

## O CUSTO DA REJEIÇÃO

Dona Teresa enviuvou. Ela, que nunca pensara em trabalhar fora, viu-se diante de uma realidade a ser afrontada.

Viúva, pobre, com dois filhos para criar e encaminhar na vida... Não podia fraquejar.

Durante todo o seu tempo de mulher casada, fora mimada e protegida. Mulher jovem de marido velho e apaixonado.

Com a morte do marido de quem gostava, mas não amava, dona Teresa se sentiu perdida, mas logo levantou o ânimo.

Examinou sua situação financeira e verificou que necessitava partir para soluções radicais.

Mudou de casa e de bairro. Vendeu o que podia ser vendido. Obteve gratuidade para as matrículas dos dois filhos, no colégio onde eles estudavam e eram ótimos alunos. Buscou um emprego.

Através de pessoas conhecidas, solidárias com a sua situação, obteve uma nomeação para ingressar no funcionalismo público municipal. Um modesto lugar de atendente na Secretaria de Saúde e Assistência.

Foi designada para trabalhar num grande hospital.

Timidamente, embora vestida com toda a sua reserva de insuspeitada coragem, apresentou-se à administração que lhe deu, como encargo, a incumbência de preparar cadáveres femininos e conduzi-los ao necrotério do hospital.

Ela não ousou protestar, resignando-se com a macabra incumbência.

Passou uma semana e ninguém morreu.

Dona Teresa, por não ter uma alternativa ocupacional, foi solicitada para prestar ajuda a todas as atendentes que trabalhavam na sua seção. Tão duramente trabalhou que começou a desejar que alguém morresse para que ela, por fim, pudesse definir com precisão a sua área de competência.

Durante toda a semana a viúva recente e corajosa foi examinada, com gula, pelo atendente encarregado de preparar e conduzir cadáveres masculinos para o necrotério.

Uma tarde, na saída do serviço, os dois se encontraram. Seguramente não foi por acaso. Ele não perdeu tempo e lhe fez uma proposta extremamente perturbadora para uma viúva ainda jovem e que se sentia perdida na cama de casal, agora semi-ocupada.

– Dona Teresa, vamos dormir juntos?

A viúva recente repeliu a proposta com indignação. Aqueles não eram modos de se falar com mulher honesta. Exigia respeito. Onde já se viu despropósito semelhante? Ora... Ora.

- Dona Teresa, vamos dormir juntos? Pois, sim. Vê lá se ela ia. Claro que, se ele tivesse feito a corte, bem que ia. Como é que ele descobriu que ela estava tão necessitada? Onde é que já se viu tratar mulher honesta com tanta desconsideração? Queria ouvir palavras bonitas, receber flores, ser convidada para ir ao cinema, fingir que se negava, entrar no jogo do namoro... Ai sim, ela aceitava.

Desiludido com a veemência da recusa, o atendente conquistador arquitetou um plano de vingança. Logo que a oportunidade surgisse, saberia como agir.

Num dos seus plantões, por volta das onze horas da noite, surgiu a primeira cliente para dona Teresa.

Embora chocada, ela executou bem o seu trabalho e tomou o elevador para acompanhar o cadáver ao necrotério.

Entrou no elevador e acionou o botão. A descida foi interrompida entre dois andares.

O pânico tomou conta de dona Teresa. Elevador parado e sem luz. E ela, presa no minúsculo cubículo tendo, como única companhia, o corpo de uma desconhecida que acabara de morrer.

Gritou pedindo socorro. Ninguém veio acudi-la. As horas se passavam parecendo dias, meses, anos. Ninguém a resgatava.

Finalmente o elevador voltou a funcionar. O defeito que deixara o hospital sem um dos seus elevadores foi rapidamente corrigido. O técnico garantiu que não havia defeito algum. A pane teria ocorrido pela simples razão de o circuito elétrico ter sido desligado.

Melhor pareceu a todos não levar o caso ao conhecimento da administração do hospital.

Dona Teresa, ao ser resgatada com o cadáver, perdera a fala e movimentava-se como um autômato.

O médico que a atendeu recomendou a sua transferência para um Posto de Saúde, onde seria lotada no setor ambulatorial.

Rio de Janeiro, primeiro semestre de 1960.

## MAIONESE DE LAGOSTA

A bela e heráldica embaixatriz, jamais abalada no seu pedestal de mulher honesta, esteve a pique de ceder a uma das muitas cantadas que lhe eram feitas.

E tudo por culpa do senhor embaixador que, tendo mulher tão bonita e que tão bem desempenhava o seu papel, andava sempre de aventura em aventura com as mais bonitas e famosas mulheres da sociedade.

A embaixatriz, como sempre, fingia ignorar as aventuras do marido. Considerava-as, inclusive, como inerentes à boa imagem do senhor embaixador.

O esquema desmoronou no dia em que o orgulho da senhora embaixatriz foi duramente atingido. O novo caso do senhor embaixador era uma menina recém-empregada em posto subalterno na chancelaria. Menina linda, esforçada e, sobretudo, deslumbrada por ter caído nas boas graças do senhor embaixador.

A ronda que lhe fazia o senhor embaixador a encantava. Dava-lhe segurança, boas roupas, requintes jamais sonhados para quem dispunha apenas de bolsa minguada e vinha de família pobre e obscura.

A ronda avançou e virou caso. O senhor embaixador, com o amor da menina de vinte anos, sentiu-se apaixonado e renovado. Pouco a pouco foi abrindo concessões na compostura do cargo. Com a senhora embaixatriz comparecia aos compromissos formais. Com a empregadinha da chancelaria, a tudo o que fosse prazeroso.

A novidade começou a rolar pelos meios sociais elevados e, obviamente, a senhora embaixatriz viu-se na contingência de tomar conhecimento da funcionariuzinha que ia ao teatro na companhia do senhor embaixador.

O senhor embaixador excedia-se e merecia ser castigado. E a muito bela, muito virtuosa e muito heráldica senhora embaixatriz arquitetou sua vingança.

Escolheu, talvez por um vago desejo de premiar a sua constância, a quem não desistia de tentar cortejá-la. A quem, encorajado pelo escandalozinho do senhor embaixador, voltara à carga com toda a intensidade.

Aceitou o convite para jantar no restaurante dos Esquilos, recentemente instalado na floresta da Tijuca.

Vestiu-se com capricho e raiva. Escolheu, detalhe por detalhe, o que mais a valorizava como mulher. Usou perfume adequado. Fez-se ainda mais bela.

Na hora aprazada, a senhora embaixatriz encontrou-se com o parceiro da sua vingança.

O carro atravessou a cidade e penetrou na floresta. A noite enluarada e morna favorecia o clima do romance. Floresta adormecida para o dia e desperta para as mil vozes e cheiros que animam as noites.

A conquista, requintadamente estruturada, foi sendo lentamente saboreada.

A senhora embaixatriz passou da raiva para o bem-estar. Nenhum detalhe foi descuidado.

O local escolhido, no restaurante, era perfeito. Lindas flores, especialmente encomendadas, ornavam a mesa.

A senhora embaixatriz, cuidadosa da sua forma, pediu uma refeição extremamente frugal. O seu acompanhante aceitou a sugestão do *maître*.

O jantar correu harmoniosamente. Delicioso, requintado, salpicado de atenções, regado a bons vinhos.

O tempo foi passando e a lua subindo, subindo...

O par se retirou. Ambos pensavam no que viria depois do jantar.

O caminho de volta foi feito com a carícia dos longos e perfeitos silêncios. Na floresta, havia apenas mistérios.

O carro se deslocava lentamente.

Foi então que mal súbito atacou o parceiro eleito para a vingança da senhora embaixatriz. Sentiu-se fortemente indisposto. Tonteiras, ânsias e suor frio. Uma tempestade violenta revolveu-lhe o ventre.

Pensou em voltar para o restaurante. Pensou em sair rapidamente da floresta. As soluções eram impossíveis. O carro estava demasiado longe dos dois refúgios.

Estacionou. Deixando perplexa a senhora embaixatriz, saltou e sumiu no mato. A maionese de lagosta devia estar estragada.

Voltou para o carro. Tentou guiar e sentiu-se novamente tonto e com ânsias. A direção não lhe obedecia.

O pior aconteceu.

A senhora embaixatriz viu-se na desagradável contingência de conduzir o seu acompanhante ao mais próximo pronto-socorro.

O quase vitorioso teve a vida salva, mas a conquista lhe escapou.

Dias depois, consultando um amigo advogado, expressou o seu desejo de processar o restaurante. O amigo aconselhou-o a desistir. A senhora embaixatriz, por hipótese alguma, poderia ficar comprometida.

Retórica tão empolgante, atuando sobre alguém preso a tamanha indignação, levou o advogado a contar o caso à sua mulher.

Ela o contou à sua melhor amiga, a sua melhor amiga o contou às suas muitas melhores amigas, as melhores amigas o contaram aos seus maridos...

Em menos de oito dias todas as altas camadas sociais do Rio de Janeiro tomaram conhecimento de que a honra da senhora em-

baixatriz, possivelmente protegida por um anjo da guarda muito ardiloso, fora salva por uma intoxicação alimentar, provocada por uma lagosta.

Rio de Janeiro, segundo semestre de 1948.

## O QUE FUGIU PARA O TEMPORAL

Violento temporal estrangulou o plantão de domingo no Museu Histórico da Cidade.

A visitação foi nula. Quem iria afrontar chuva torrencial e ventos tão ásperos?

A noite chegou antes da hora.

O Parque da Cidade perdeu a sua beleza amena e se transformou em cenário da fúria do céu. Árvores foram mutiladas. Velozes cor-deiras engoliram os caminhos. Raios anunciaram trovões que silenciaram todas as vozes.

Ligação telefônica, recebida em péssimas condições, anunciou que a caminhonete do serviço estava quebrada. Não havia possibilidade de uma substituição.

O relógio alcançou a marca das cinco horas. O expediente foi encerrado, mas ninguém conseguia sair.

O telefone emudeceu, apagando toda a esperança dum pedido de socorro.

Chuva grossa tomou conta de tudo.

Um raio caiu próximo. Iluminou o céu e apagou toda a rede de iluminação elétrica.

Duas horas se escoaram. Frio e escuridão teceram a longa espera. A chuva continuava embebedando a terra.

Pouco a pouco o ruído da água caindo se foi tornando menos forte. A chuva grossa se fez chuvisco.

Uma estiada!

A turma do plantão resolveu aproveitá-la. Em grupo começou a descida das longas ladeiras. Águas encachoeiradas seguravam passos, pedras obstruíam caminhos, galhos caídos obrigavam a desvios, troncos trazidos pela enxurrada criavam barreiras, folhas encharcadas fizeram-se armadilhas. Caminhada difícil!

Uma nova carga d'água engoliu o chuvisco. O vento soprou feroz e brincou de virar pelo avesso os guarda-chuvas. Pés começaram a boiar em sapatos transformados em piscinas.

A turma do plantão, molhada como ratos d'água, conseguiu chegar ao alto da rua Marquês de São Vicente.

Um bar se abriu como refúgio. Dois empregados buscaram toalhas e sugeriram a cachaa e o café quente.

Foi então que Ele apareceu. Veio ainda mais molhado, mas não demonstrava nenhuma preocupação.

Homem alto, magro e aparentando meia-idade. Gestos rijos, andar solene, nenhuma pressa, nenhum pedido.

Parou diante dos egressos do temporal. Bateu continência e identificou-se.

– Sabem quem sou? Sabem por que estou preso? Não sabem, ninguém sabe, só eu sei, só eles sabem. Querem que eu ame a todas as mulheres do mundo. Não quero, não posso. Quero ser fiel à minha Nadir. Não posso. Não quero.

Curvou-se diante de mim.

– Minha senhora, meus profundos respeitos. Marechal Nei de França. Volto agora para a minha prisão. Volto, mas me recuso a amar todas as mulheres do mundo. Não posso. Não quero. Sou fiel à minha Nadir. Não posso. Não quero.

Juntou aos calcanhares, bateu continência e voltou para o temporal.

Rio de Janeiro, 1951.

## AFRONTA

Depois de experimentar os serviços de muitas empregadas domésticas, numa época que se caracteriza pela extinção da espécie, a esposa do importante médico acabou descobrindo a empregada perfeita. Eficientíssima, limpa, discreta, cheia de iniciativa, educada, simpática. Para completar tantas e tão apreciáveis qualidades, com excelente aparência física.

Ela, que tantas vezes necessitava promover reuniões sociais em função do cargo ocupado pelo marido, sentiu a segurança da tábua salvadora em pleno naufrágio.

Não precisaria mais recorrer à contratação esporádica de serviços domésticos, em agências. Seguramente a nova empregada saberia como servir um jantar à francesa.

Embora fosse generoso o ordenado que lhe pagava, fizera um acordo ainda mais generoso. Todas as vezes que tivesse de servir, em situações excepcionais, pagaria uma suplementação de ordenado.

Tudo seria perfeito se, por razão inexplicável, a empregada perfeita não tivesse feito uma imposição com referência ao uso do uniforme. Recusava-se a usá-lo.

Embora descaracterizasse o requinte vigorante na casa, a exigência foi aceita. Em realidade, a patroa só pensava em cumprí-la no plano da domesticidade.

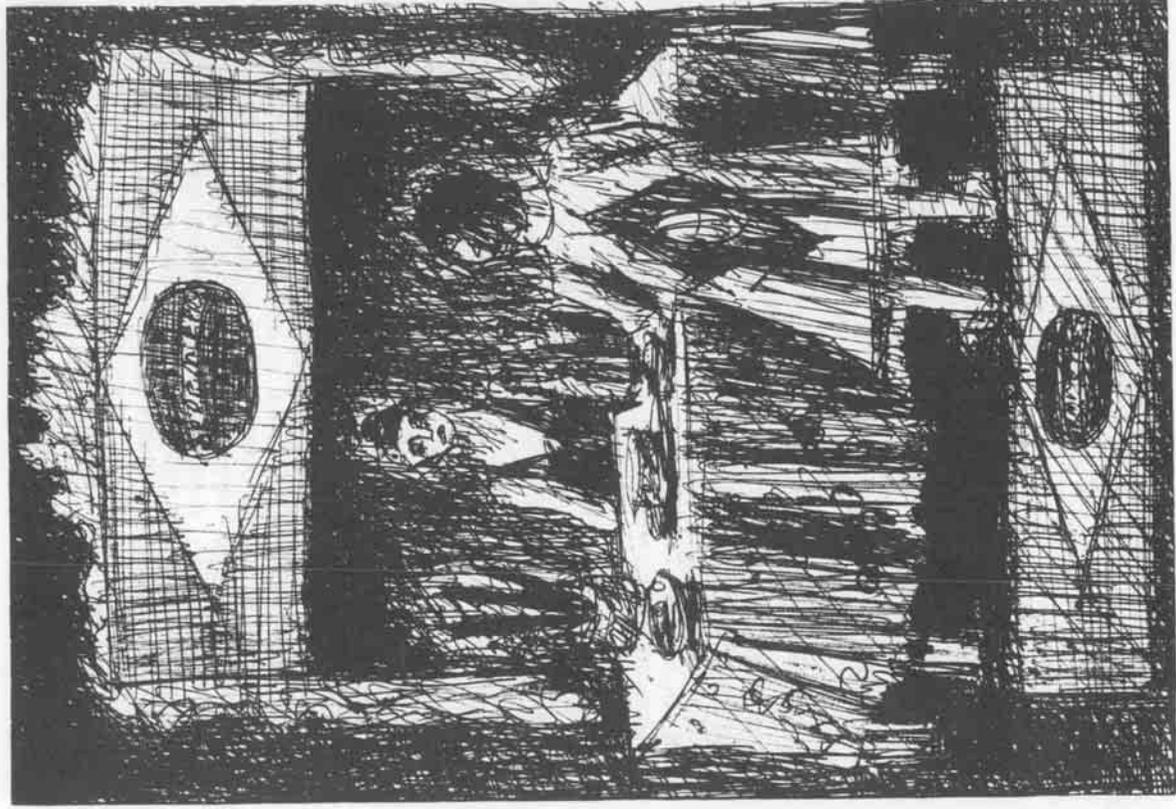
Dois fatos intrigavam a família. As roupas da empregada eram sempre de muito bom gosto, mas só usava duas cores.

Tudo corria bem até que se configurou uma nova situação. Durante o jantar, o marido da patroa anunciou que convidara três casais estrangeiros, que conheceria durante um congresso, para um jantar em sua casa.

Com a segurança muitas vezes experimentada, a patroa começou a planejar o jantar como se fora uma obra de arte a ser criada.

Adornou a casa com espetaculares arranjos florais. Escolheu a mais rica das suas toalhas, elaborou um excelente cardápio, selecionou discos que fariam o fundo musical, supervisionou todos os detalhes e sentiu-se realizada.

De repente, como que atingida por um raio, lembrou da exigência da empregada. Com um resquício de escrúpulo para honrar o compromisso assumido, telefonou para a agência onde costumava contratar serviços ocasionais e solicitou uma copeira, bem treinada.



— A senhora desrespeitou o nosso trato. E o que foi mais grave, desrespeitou a bandeira nacional. A senhora não viu que eu só me vestia com roupas verdes e amarelas? Em todo o tempo em que trabalhei em sua casa a senhora não descobriu que EU SOU A BANDEIRA NACIONAL?

Rio de Janeiro, 1981.

## FESTIVAL DO GRÁTIS

### 1. VERSÃO PUBLICITÁRIA

Promoção de peça que sai de cartaz. Montado esquema agressivo garantindo o lançamento em outra cidade.

A área dos jovens deve ser atingida. O pagamento do ingresso é liberado para quem se apresentar vestido de branco e portando flor branca.

Despedida triunfal. Impacto.

### 2. VERSÃO DA FAMÍLIA

O garoto chega em casa. Brilho de aventura no olhar. Solta a novidade do teatro grátis.

Tem 13 anos. Confere o mundo com audácia e paixão. Criado sem pai próximo e por mulheres que poderiam ser suas avós, faz de cada *conferência* um grito de liberdade.

– Isso mesmo. Teatro grátis para quem estiver de branco e levar uma flor branca. Vou de margarida.

A família, como de costume, entra em pânico.

Santo Deus! Garoto imberbe, cabeludo, adorando modas de vanguarda. Com flor branca... Não!

Seguramente será mal interpretado. Surgem fantasmas na esteira do medo. Risinhos canalhas.

O coração da mãe do garoto se retorce. As horas passam e o distorcido não acontece.

A situação se altera com o toque do telefone. É o padrinho do menino, parteiro da sua adolescência.

– Alô.

– Eu. Diga ao Ricardo que passe em minha casa. A flor branca está comprada.

As tias protestam. A mãe, entre dois focos, vira barco batendo contra o cais. O garoto se sente vitorioso. A conversa continua.

– Com uma flor branca? Não é possível.

A bronca chega violenta e amiga.

— Por favor, atualize-se. Corta esses medos tolos. Deixa o Ricardo viver a sua idade e época. Por mais idiota que seja a florzinha, está proposto um problema de auto-afirmação. Ele irá apreender, ao vivo, o que é a força da publicidade. Faço questão de fornecer a flor.

Chega a hora temida. O garoto toma banho, veste-se de branco e ganha a rua.

Por toda a casa lateja preocupação. Cabelão grande, descalço, com uma flor na mão... É demais.

Horas se arrastam. Por volta das dez e meia, novo toque de telefone. É o padrinho.

Fio de voz e toneladas de medo, a mãe pergunta.

— Tudo bem?

— Tudo bem. Ricardo esteve aqui. Pegou a flor e foi para o teatro. Combinei apanhá-lo no fim da sessão. Acabo de ouvir, na televisão, que está havendo barulho. Gente demais. Chamaram a polícia. Vou para lá. Tome um táxi e vá também. Você está mais perto.

A mãe desliga o telefone. Coração gotejando sangue vivo.

Sai com a irmã. Tomam um táxi e vão para o teatro. Encontram portas fechadas e agrupamentos na calçada e na rua.

Pelas adjacências circulam centenas de adolescentes vestidos de branco e com flores-senhas. Floridos e imaculados robôs do esquema montado.

Para a batalha do ingresso grátis, meninas desencantaram túnicas de alto custo. Fazendas de luxo, bordados. Fios de pérolas. Plumas de avestruz.

A visão é quase fantasmagórica. Carnaval branco? Povo do mar, saindo das águas por ordem de Iemanjá, anunciando que é chegada a Era de Aquário? Ofélias ressuscitadas em versões de 1971? Bem-aventurados atendendo ao toque das trombetas do Juízo Final?

Remanescentes dos pacatos tempos do bairro se assustam. Entram em pânico. *Híppies* e seus perigos... Suas integridades ameaçadas. É preciso ação rápida e segura.

O cheiro das ameaças não chega até aos meninos e meninas que esvoaçam como duendes. Etéreos, brancos, com flores... Nas cabeleiras longas e cascadeantes, salpicos floridos. Coroas, pulseiras, colares como pretextos para exibir flores. Escorregando pelas roupas, mais flores. Brancas, necessárias, quase luminosas.

Mãe e tia captam informações.

A pouca capacidade do teatro foi descosturada pelo excesso de público. Atores sem espaço para trabalhar. E cada vez chegando mais gente.

Conflito declarado entre continente e conteúdo. Para equacioná-lo, a direção prometeu dois espetáculos. Um, na praia; o outro, na praça.

Revoadas de pássaros, portando flores-senhas, voaram para os pontos indicados. Acalmados. Tranqüilos, disciplinados, pacientes, sem indagações.

Alguém chamou a polícia.

A pista do amor à natureza indicou o local onde o garoto deveria estar.

Começou a procura. Carros estacionados. Calçadas repletas de gente. Janelas povoadas à espera do espetáculo. Notícias circulando. Arrastão vem aí.

Praia em festa branca. Calendário litúrgico da Umbanda em descompasso. Luar.

Um Reino Encantado surgiu nas areias. A florida moçada de branco ama areia e mar. Libera fantasias. Aparecem cirandas com cantos de infância. O mar ganha oferendas. Cantigas ninam as ondas.

O garoto é localizado. Sua recém-inaugurada adolescência se rebelou. Não sairá. Irá curtir até o fim o Festival do Grátis.

A situação é grave. O arrastão não tarda. Veio o contorno, a desculpa. Visita nas proximidades.

Heroicamente ele resolve acompanhar a mãe e a tia. Dar-lhes proteção contra o medo que as torturará.

Tomam um táxi. Cem metros ainda não tinham sido rolados, quanto apontou o arrastão.

A moçada de branco foi colhida de surpresa. Arrastão-gigante. Todos os robôs da publicidade foram apanhados.

A despedida da peça foi triunfal.

### 3. VERSÃO POLICIAL

Tumulto no teatro. Solicitada ação policial contra desordeiros. *Hippies* invadem as ruas. Moradores cautelosos informam que grupos de maconheiros simularam cultos a Iemanjá. Possivelmente há marginais e traficantes de tóxicos.

O arrastão agiu com eficiência. Grande quantidade de *hippies*, com roupas brancas, na delegacia. Detidos para averiguações.

### 4. VERSÃO JORNALÍSTICA

Multidão de *hippies* maconhados provocou conflitos no teatro. Fugindo à ação policial, invadiu a praia e simulou culto a Iemanjá. Centenas de jovens, vestidos de branco, foram detidos para averiguações.

Os mesmos jornais, em suas seções especializadas, informam ocorrências policiais de rotina.

Assaltos a mão-armada. Homicídio no Tuiuti. Roubos de carros. Agressões. Atropelamentos. Casos comuns levados ao conhecimento das autoridades policiais.

## 5. VERSÃO DO GAROTO

A transa é a seguinte. Chego lá de qualquer maneira, de qualquer jeito.

Mina, foi um barato!

Entrando gente, entrando gente, entrando gente.

Deu atropelo. Tão baixando o mangá. Quem cai fica jururu.

Não tem condições. Corredor de seis metros de comprimento e um metro de largura... Como é que os artistas vão trabalhar?

Não tem condições.

A transa é atropelá e chegá na areia.

Bom mesmo estava a areia.

Qui é que há? As véia por aqui? Acabô minha tranqüilidade.

Visitando gente no bairro... Cascata. Querem é andar atrás de mim. Pensam que sou criança.

Coitada da minha velha! Assustadinha, assustadinha. Preciso tomar conta dela.

Rio de Janeiro, 1971.

## EPARRÊ! EPARRÊ! EPARRÊ!

Caminho pela areia batida pelas ondas. Tomo a direção das pedras do Leblon.

Encontro, a cada passo, testemunhos de rituais africanos. Lembro que hoje, quatro de dezembro, é dia consagrado a Iansã. A que é senhora dos ventos e das tempestades. A que chama e afasta os peixes. Orixá importante e com muitas valias.

Quando Xangô entrou na terra, disfarçado em raio, ela o seguiu. Tornou-se orixá do fogo, sem deixar de ser das águas. A vida e a morte não têm segredos para ela. Tudo o que muda, tudo o que é indefinido, está sob a sua proteção. Seu nome também pode ser Metamorfose.

Éparrê! Éparrê! Éparrê Iansã! Seu dia é hoje, quatro de dezembro.

Uma prega no tempo me faz voltar a Salvador, num dia quatro de dezembro.

A cidade do povo está em festa para saudar Iansã. O Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros, vestiu-se para a sua festa. Tudo porque Iansã é santa Bárbara e santa Bárbara é Iansã.

Gente entra, sai, se acotovela, brinca, ri, confraterniza. Toda ela vestiu-se de branco e vermelho, porque estas são as cores de Iansã. Flores e bandeirolas de papel de seda são brancas e vermelhas. Todos querem agradar Iansã, que é das águas, que é do fogo.

A alegria escorre borbulhante e dourada como o fervente óleo da flor do dendê. Iansã vai ganhar o caruru que lhe oferecem os feirantes do mercado. Vai comer comida de Xangô, porque é sua companheira, sua esposa principal e porque o ama.

Toda a gente sabe que Iansã faz questão do agrado do caruru. Quando está satisfeita, protege aos que lhe deram a comida de que gosta.

Negócios precisam ser garantidos. Quando Iansã se zanga é um deus-nos-acuda. Sopra o vento e afugenta os peixes. Os pescadores não fornecem mercadoria aos peixeiros e eles nada têm para vender. As cozinheiras esquecem suas sagradas receitas e se tornam incapazes de bem preparar comida que vem do mar.

Santa Bárbara tem dois mercados, em Salvador. Um, na Baixa dos Sapateiros. O que toda a gente conhece. O outro, no Rio Vermelho. O que poucos conhecem. O primeiro é espaçoso e tumultuante. O segundo, pequeno, maneiro, intimista e muito frequentado pelos saveiristas do portinho.

Também fui saudar Iansã. No Mercado da Baixa dos Sapateiros, consumi bocados do caruru propiciatório. No Mercado do Rio Vermelho, encastoei-me na festa de Iansã.

Acompanhei o preparo do caruru gigante. Pescadores trazendo cestos abarrotados com peixes e camarões. Verdureiros chegando com os indispensáveis e gosmentos quiabos que logo soltariam suas esféricas e brancas sementes como espermatozóides divinizados. Merceeiros fornecendo generosos punhados de pimentas rubras e alongadas. Alguns trazendo o dourado e emoliente azeite-de-dendê.

Festa de peixeiros para agradecer Iansã.

Ouvi muitas histórias. Vivi o momento em plenitude.

Quando a tarde se foi fazendo noite, Iansã chegou. A inquietação se apoderou de todos e se fez euforia.

Procissão é coisa séria. Santa Bárbara saiu do seu nicho. Lá, durante todo o tempo, protege aos que mercadejam.

Foi embarcada em andor profusamente adornado com flores brancas e vermelhas. Vermelho, do fogo. Branco, das águas. Vida e morte. Nascer e renascer.

Viagem curta e com apenas duas escalas. A primeira, na polícia, onde a grande dama do candomblé foi saudada pelo doutor delegado e seus policiais. A segunda, no topo da colina, para abençoar crianças que foram abandonadas e se reintegraram na vida.

Como Santa Bárbara, entrou na capela do Recolhimento e abençoou as crianças e os que as amparavam.

Voltou para o Mercado como Iansã. Ganhou o seu agrado, propiciando a todos um novo ano de vida, fartura, amor e abundância.

Éparrê! Éparrê! Éparrê!

Hoje é quatro de dezembro, dia de Iansã e estou na praia do Leblon.

O ontem se apaga no hoje. As oferendas a Iansã pontilham as areias douradas pelo sol. Simbologias arcaicas surgem em muitas oferendas. Curiosamente, a cor predominante é a amarela.

Como é que pode?

Amarelo é cor de Oxum, que também é das águas, que também é mulher de Xangô, mas que não o acompanhou ao reino dos mortos e ganhou o domínio das metamorfoses.

Branco e vermelho são as cores de Iansã, porque ela é da água e do fogo. Muita gente a confunde com Ojá, que é deusa do rio Níger e também é de briga. Muitos pensam que Iansã e Oxum são o mesmo orixá.

Como é que pode? Iansã é santa Bárbara, a senhora dos raios e das tempestades. Oxum é Nossa Senhora da Conceição. Não! É ao contrário. Não pode. Santa Bárbara é mesmo Iansã e Nossa Senhora da Conceição é mesmo Oxum. Mãe Oxum, o doce e faceiro orixá das águas doces. Iansã gosta de pedras e se importa se elas são graúdas e armem cenários para quedas d'água. Quem gosta das águas encachoeiradas é Oxum.

Crianças brincam entre oferendas. Crianças que recordarão, pela vida afora, praias onde aparecem coisas estranhas. Mel e vinho. Flores e frutos. Velas e fitas. Charutos e fósforos. Alguidares de barro branco, contendo oferendas, que poderão ser de peixe, frutos, ovos,

favos de mel e água doce. Toalhas brancas revestindo montículos-altares, onde pousam imagens do culto católico.

Uma mulher, trajando roupas comuns e carregando uma sacola de plástico, entra na praia. Tira os sapatos e caminha na direção das pedras que o limo e os mariscos vestiram de verde e marrom. Elege uma delas para o seu altar. Concentra-se e reza. Toma água do mar e com ela purifica e revitaliza cabeça, mãos e pés. Cobre a pedra escolhida com uma toalha branca e, respeitosamente, dispõe as oferendas. Abre uma garrafa de vinho branco e enche um cálice. Reza e se unta com o misticismo. Dirige-se para o mar e entrega uma flor à primeira onda que chega. Retorna ao seu altar e espera que a maré montante comande as ondas que virão buscar os seus agrados. Não tem pressa. Reza e espera.

A água cresce. Apaga velas acesas. Embebeda flores. Colhe todos os agrados e os leva para além da arrebentação.

Iansã recebeu os seus agrados.

Salvador, 4 de dezembro de 1972

Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1982

## A REVELAÇÃO

A TV Tupi tinha razões de sobra para comemorar o seu quinto aniversário.

Entre os muitos eventos programados, destacava-se o coquetel a ser oferecido às mais representativas camadas da sociedade brasileira, na sede da emissora, instalada no antigo Cassino da Urca.

Cenário em grande estilo. Arranjos florais evocando a explosiva beleza tropical. Animando a festa, a orquestra do Cassino de Sevilha. Convidados selecionadíssimos. Toaletes e jóias deslumbrantes. Serviço impecável.

Sucesso absoluto. Discursos laudatórios saudando o pioneirismo da emissora.

Bebeu-se, comeu-se, borboleteou-se.

A presença de um estranho fardo, aparentemente esquecido, comprometia o ambiente festivo. Qual a razão da sua presença? Por que ninguém tomava providências para removê-lo?

Grande, quadrangular e inteiramente recoberto com tiras de algodão encardido...

Todos fingiam ignorar a sua presença, embora a todos ela chocasse.

Quando a festa descambava para o fim, o misterioso fardo foi convocado para alegrar os convidados.

Uma múmia, oriunda da costa peruana, seria revelada diante das câmaras de televisão.

Alvorozo total. Articulou-se a mesa-redonda que reuniria pessoas altamente gabaritadas para se pronunciarem sobre a múmia.

Ela fora trazida para figurar na exposição peruana, discretamente instalada no salão do Ministério da Educação.

Veio como atração máxima e não conseguiu atrair ninguém. Despojada de recursos expositórios desejáveis, foi colocada como se fora um simples fardo escassamente rotulado.

Sua revelação, diante das câmaras de televisão e com ampla cobertura da imprensa, salvaria a mal preparada exposição.

Encerrou-se com grande brilho e muitas farpas culturais a selecionadíssima mesa-redonda.

Os convidados foram chamados para presenciar o grande momento da revelação da múmia.

Jornalistas e fotógrafos disputavam, com o pessoal da emissora, os mais privilegiados lugares.

O que até então fora considerado como sendo um fardo inoportuno assumiu importância ímpar.

Solenemente foi conduzido ao local onde seria revelado. O arqueólogo que integrou a equipe da exposição, aproximou-se da sua pupila desmorando dramaticidade. (Além de cientista, o homem era um artista em potencial, imprimindo ao seu trabalho uma forte teatralização.)

Como se fora um sumo-sacerdote, aproximou-se do fardo encardido.

Em breve e magnífica explanação, falou sobre os métodos de enterramento praticados pelas grandes civilizações litorâneas que antecederam o poderoso império dos incas.

Como importante detalhe identificador, chamou a atenção para as tiras de algodão e o tamanho incomum do fardo funerário. Provavelmente o morto teria sido proprietário de grandes fazendas de algodão, sendo passível de ser enquadrado no sistema teocrático-governamental que teria funcionado em pequenos feudos.

Com profunda união, oficiou a operação da abertura do fardo funerário.

Os atentos componentes da orquestra do Cassino de Sevilha, todos com indumentária de palco, aproximaram-se. Mostravam-se literalmente fascinados com a espetacular presença de morte tão remota e tão perturbadoramente próxima. (Na disputa pelo espaço visual favorável, conseguiram romper a cerrada barreira formada pelos jornalistas.)

O arqueólogo, com gestos sacramentais, continuou a desenrolar a múmia. Nada acontecia além da constatação de uma estarrecedora quantidade de faixas. O tamanho do fardo diminuía, apenas isto.

Finalmente chegou o grande momento. Surgiram os primeiros testemunhos do ritual fúnebre. Folhas de coca e um vaso de cerâmica. Novo suspense. A expectativa passou do plano da curiosidade para o da tragédia.

Mais uma faixa foi desenrolada. Mais outra, mais outra...

Aproxima-se o grande momento. O arqueólogo emposta a voz e anuncia:

– *Ahora, el muerto.*

Um dos músicos da orquestra do Cassino de Sevilha, ávido por engolir a morte muitas vezes centenária, sentenciar:

– *Ahora, la putrefacción cadavérica.*

Lentamente, a derradeira faixa foi sendo desenrolada. Metros e mais metros.

Finalmente... A revelação!

As câmaras se debruçam sobre o fardo. Jornalistas e fotógrafos se alvoroçam.

O arqueólogo, em êxtase, balbucia:

– *El muerto.*

A faixa não chegou a ser inteiramente desenrolada.

Num gesto inesperado, o arqueólogo apanhou as muitas faixas desenroladas e as jogou sobre o fardo fúnebre.

Estarrecimento geral. Como explicação sumária, sentenciou:

– *No se puede.*

Como um horrorizado sumo-sacerdote que houvesse presenciado a um espantoso sacrilégio, afastou-se do recinto.

No dia seguinte toda a gente comentava o ocorrido. Por que a múmia não foi revelada? Só se falava na espantosa quantidade de faixas que a envolviam.

Um motorneiro de bonde, cidadão luso e dotado de grande espírito prático, expressou a surpresa de todos.

– Que desperdício! Gastar tanto pano com um só morto... Para quê?

Durante o jantar, com o qual um grupo de intelectuais o homenageou, o arqueólogo desvendou o mistério da múmia ir-revelada.

Um desrespeito e uma imperdoável falta de cuidado. Se a múmia fosse revelada seria vista em posição totalmente ridícula e chocante. Agiu como deveria agir. A dignidade de uma múmia não poderia ser comprometida.

Rio de Janeiro, julho de 1966.

## A PROPOSTA

Sempre ouvi dizer que a vida estava pela hora da morte e que as donas de casa eram as grandes mártires da carestia.

Como não era eu quem fazia as compras para a casa, imaginava que uma feira livre fosse um assalto consentido.

Um dia fui escalada pela família para fazer a feira da semana. Senti-me em pânico. Não sabia o que deveria comprar, como comprar e não avaliava o preço das mercadorias.

Tentei, sem resultado, desvencilhar-me do encargo. A empregada faltara e não havia ninguém disponível para substituí-la. Objetivei o meu inútil protesto saindo como estava, ou seja, com a roupa que vestia para uma grande arrumação no meu quarto.

Fiz as voltinhas de reconhecimento, que me foram recomendadas como indispensáveis. Localizei uma barraca com excelentes frutas e legumes. Apenas me aproximei, fui pressurosamente atendida por um feirante jovem, bonito, simpático e de fala lusa.

Fui escolhendo as mercadorias. A gentileza do vendedor me surpreendia. Ajudava a seleccionar o que havia de melhor. Fazia abatimentos não solicitados e não desgrudava os olhos da minha desleixada pessoa.

Nada estava caro, comparado com os preços cobrados em outras barracas. Acabei comprando tudo o que me fora encomendado e, como "agradado" do vendedor, ganhei uma dúzia de laranjas.

Com extraordinária solicitude, o português acomodou, em sacas, a mercadoria comprada.

Sua amabilidade atraía outros fregueses, mas ele nem sequer os olhava.

Quando me preparava para efetuar o pagamento, o português abriu o jogo.

- Diga-me cá, rapariga. É patroa ou empregada?

A pergunta me divertiu e resolvi dar uma espiada no mundo das domésticas.

- Sou empregada.

Um sorriso radioso iluminou o rosto bonito e jovem do feirante. Açúcar escorreu-lhe dos olhos e melou o seu sorriso, que já era deslumbrante.

- A menina é solteira ou casada?

Minha resposta veio rápida.

- Sou solteira.

O rosto radioso encadernou-se em reflexão.

- Ora, pois, pois. Antão a menina é solteira. Ora, pois, pois. Eu me chamo João da Cunha. Sou solteiro e tenho 23 anos. Há quatro

anos vim de Portugal. Trabalho duro e já tenho minhas economias. Não é muito, mas dá para casar. Eu me simpatizei muito com a menina. Quando a menina quiser casar, eu cá estou às suas ordens.

Chegando em casa, nada contei sobre a proposta do feirante. Preferi mostrar a excelente, farta e variadíssima mercadoria que comprei. Ninguém acreditou na quantia que eu dizia ter gasto para adquiri-la.

Rio de Janeiro, 1941.

## CONCESSÃO AO PRECONCEITO

O pai, homem pobre e trabalhador, exercia a função de careteiro nas feiras de Recife.

Muito esforço e pouco ganho. Mulher e sete filhos. A mais velha já encontrou marido. Uma boca a menos para comer.

A segunda, ainda muito "moderninha"<sup>1</sup>, já estava sendo cobiçada por um homem endinheirado, feio e de avançada idade.

Pretendente com intenções de casamento. Só uma dificuldade a ser contornada: a menina não quer casar. De nada adiantam os conselhos e argumentos dos pais, dos tios e da irmã casada.

Homem velho de mulher nova está sempre disposto a gastar com ela tudo o que tem. Feiúra não tem importância. Todos se acostumam com ela. O que vale é o coração e os bons costumes. Casamento rico ajuda a família toda.

A menina resistia e resistiu até os limites da exaustão. Não queria aquele noivo e pronto.

A necessidade de ajudar na criação dos cinco irmãos menores foi o golpe final na sua exaurida resistência.

Consentiu no noivado.

O noivo se apresentou para o pedido formal, que todos fingiam ignorar. Pais encantados. Noiva "cabreira"<sup>2</sup>.

De repente deu uma coisa na mãe da noiva.

Ficou gelada. Todos pensavam que era comoção. Virou os olhos. Todos pensaram que estava extasiada. Ficou dura e desabou. Todos pensaram que era um desmaio.

Rebuliço total. A casa invadida por vizinhos e bisbilhoteiros. Como a desmaiada não voltava a si, chamou-se a ambulância.

Tudo inútil. A futura sogra morreu fulminada pela emoção.

O noivo fez questão de custear o velório caprichado e o enterro de primeira classe.

As duas crianças menores e a filha mocinha foram para a casa da irmã casada. Os três meninos maiores foram para a casa de uma irmã da finada. O viúvo prometeu reunir a família, logo que encontrasse uma nova esposa.

---

1 Termo nordestino que designa moça muito nova. (N. da A.)

2 Sinônimo de arcedia, no nordeste. (N. da A.)

A desgraça familiar trouxe uma esperança para a noiva compulsória.

Quando o tempo de luto passou, o noivo mostrou-se apressado em marcar a data do casamento.

A menina declarou que não queria casar. Foi um deus-nos-acuda. Romper o noivado seria uma terrível traição à memória da finada.

E a data foi marcada. A noiva, sem desejo de casar, ficou imaginando o que faria para escapar do casamento.

Como primeira medida, resolveu não levantar suspeitas. Mostrou-se submissa e interessada nos preparativos do enxoval que estavam sendo custeados pelo noivo. Deixou que passassem os proclamas. Mostrou-se lisonjeada com a fartura que haveria na festa do casamento, também a ser paga pelo noivo apaixonado. Por várias vezes ausentou-se, tomando, como pretexto, as provas para o seu vestido de noiva.

Ganhou a confiança de todos. Circunstância que lhe permitiu articular, com sua melhor amiga, um plano de fuga.

Superada a fase do medo, as duas passaram a examinar as possibilidades de êxito. A amiga, mais sabida do que ela, lhe contou como agiam as meninas que fugiam da tirania familiar.

A melhor maneira era viajar, como clandestina, em navio de cabotagem. Quando fosse descoberta, estaria em alto-mar. Não devia dizer que era menor e estava fugindo. Buscasse comover o comandante ou qualquer dos oficiais, dizendo que embarcara clandestina porque não tinha dinheiro e não podia contar com o apoio do pai. Queria ir ao encontro da mãe que se finava. Chorassem sentidamente, entre soluços de difícil controle, inventasse uma história. A pobre, largada pelo marido, mudou-se para o Rio de Janeiro em busca de emprego. Lutou de forma heróica para sobreviver e estava prestes a morrer.

O golpe surtiu efeito. O navio partiu na véspera do dia marcado para o casamento, quando todos estavam atarefadíssimos para se darem conta da ausência da noiva.

A fujona aproveitou a confusão do embarque e subiu para bordo. Ninguém percebeu que se tratava de uma clandestina em potencial. Quando foi descoberta, contou sua trágica história e encontrou plena receptividade em um oficial que se dispôs a protegê-la.

Desembarcou no Rio de Janeiro, de braços dados com o oficial e sem levantar suspeitas.

Foi levada para uma pensão familiar e recebeu uma ajuda, em dinheiro, que lhe garantiria as primeiras despesas.

Mandou um telegrama para sossegar a família. Pediu a bênção do pai e participou que conseguira um ótimo emprego. (Em realidade estava apenas inscrita, na categoria de doméstica, em uma agência de empregos.)

Não tardou a ser chamada. Com o dinheiro do seu salário, alugou um pequeno barraco em uma favela. Conforto nenhum e paisagem deslumbrante. Dava para se sentir livre, jovem e feliz.

Um episódio rotineiro mudou os rumos da sua vida. Tudo aconteceu por conta da falta de saneamento básico. Quem tinha latrina em casa? O jeito era usar o penico e ir despejá-lo no valão de serventia comum.

Uma tarde, já quase noite, levava o seu penico para o valão quando ocorreu o desagradável esbarrão.

Não viu o moço que cruzou o seu caminho e ele não percebeu o perigo que o ameaçava.

Perdeu o controle do penico e grande parte do seu conteúdo atingiu o homem que passava.

Briga, bate-boca, pedidos de desculpas, recusas de desculpas.

Passada a raiva do primeiro momento, o atingido atentou para a moça encabulada e sentiu-se atraído por ela.

O tumultuado encontro foi absorvido por insólita cordialidade, logo configurada em namoro.

A atração mútua os unia cada vez mais. Os encontros, sempre longe do valão, se tornaram rotineiros.

Resolveram unir suas vidas. Havia um obstáculo a ser transposto. O moço, vindo de Natal, era descasado e sem desquite. Não tinha dinheiro para pagar seu alto custo e estava impossibilitado legalmente para uma nova união.

A situação foi examinada pelos dois apaixonados. Além de caro, o desquite seria demorado. Por que iriam condicionar-se a ele, se podiam se juntar logo?

Ela se mudou para o barraco dele, que era maior e melhor localizado. Pintaram de branco as paredes de tábuas encardidas.

A noiva, que fugiu do noivo indesejável na véspera do casamento, tornou-se a feliz esposa não-casada do homem a quem amou.

Sua união não teve festa. Para quê? A festa foi só deles.

Para o casamento que não ocorreu, imaginou a melhor maneira de testemunhá-lo. Juntou o magro dinheirinho do seu salário e dirigiu-se a uma loja de aluguel de roupas. Escolheu um traje caprichado para ele e um vestido de noiva para ela. (Conseguiu um bom abatimento por conta da sua simpatia e do ocasional bom humor da gerente.)

Os dois apaixonados foram procurar um fotógrafo, amigo do descasado, novamente casado sem formalidades legais. (Pagaram apenas o custo do material.)

No fim de uma semana receberam duas preciosas fotos. Uma foi emoldurada e colocada em posição de destaque no barraco. A outra, como concessão ao preconceito, foi enviada ao Recife.

Rio de Janeiro, década de 1960.

## PERIGO À VISTA

Carmelita, a deslumbrante empregada que se mudou para um apartamento térreo do Jardim Botânico, tirou o sossego da vizinha moradora do também térreo apartamento do edifício vizinho.

A muito bela Carmelita era toda um esplendor bronzeado. Alta, flexível, graciosa, dona de um rosto lindo e sorridente. Além de todos esses atributos, irradiava a felicidade sentida por amar e ser amada. Logo, logo, o seu marinheiro a levaria ao altar. Logo, logo, encerraria os seus anos de empregada doméstica e ingressaria na vida de mulher casada, exclusivamente dedicada ao seu lar.

Por onde passava, Carmelita deixava o seu rastro luminoso. A família que a empregava, embora lamentasse perdê-la, considerava que ela era merecedora da felicidade que a aguardava.

Moça trabalhadeira, discreta e sempre bem-humorada. Gostava de cantar e sua voz era suave. Seu território estava sempre em festa.

De repente, partindo do apartamento vizinho, atos hostis procuravam atingi-la. Sua responsavel ousou até exigir a despedida da empregada dos novos vizinhos, alegando que ela passava todo o tempo tentando conquistar o seu honradíssimo marido.

Como não foi atendida, fechou todas as janelas possíveis de serem bisbilhotadas e colocou um tapume de madeira para ocultar a intimidade da sua área de serviço.

A beleza e a juventude da Carmelita eram, para ela, inaceitáveis ofensas pessoais. O ódio refletia-se em toda sua pessoa. Entre as duas só existiam dicotomias.

Uma noite viu a Carmelita saindo de braços dados com o noivo marinheiro. Sua fúria, apenas contida, explodiu.

Ninguém entendia por que tanto ódio. A bela Carmelita, além de apaixonada por seu também belo marinheiro, encantava a todos por sua meiguice. Era correta, trabalhadeira e discreta. Apenas... Não podia abrir mão da área de serviço, porquanto ela fazia parte do seu território de trabalho.

Quem era o desconhecido e guardadíssimo marido da vizinha? Como um homem podia sujeitar-se tamanha tirania?

O mistério foi sendo desvendado. Juntaram-se os fragmentos dispersos. O marido, tão zelosamente defendido, nada tinha de extraordinário. Um homem gordo, feio, cinquentão e com o andar gingado de quem vive no mar. Por razões profissionais, somente passava, em casa, de três a quatro dias em cada mês. Sendo oficial da marinha mercante, servindo em navio de passageiros que fazia cabotagem para o Nordeste, somente dispunha de pouco tempo para permanecer em casa. Navio e passageiros estavam sempre à sua

espera. Seguramente, devido aos muitos ardis da sua terrível sorte, não chegou a ver a bela Carmelita.

Rio de Janeiro, década de 1950.

## A CALCINHA DA MALVINA

O moleque, desejoso de comprar coisas que a propaganda lhe enfiava na cabeça como sendo de absoluta necessidade, acabou aceitando o perigoso chamado de uma quadrilha.

Coube-lhe a incumbência de assaltar um apartamento térreo em prédio de três andares. Apartamento de fundos e com saídas garantidas para duas ruas. Teria, como dificuldade única, atravessar o terreno de uma casa vizinha onde havia dois cachorros de grande porte.

Recebeu instruções do que deveria fazer, para evitar que um pedaço de sua roupa fosse arrancado pelos cachorros e servisse de pista para chegar à quadrilha.

Cumpriu as ordens recebidas. Tirou as roupas e as escondeu entre as muitas plantas do jardim de um edifício, também de três andares e sem porteiro. Inteiramente pelado atravessou o território dos cachorros e pulou o muro, colando-se contra a parede do edifício.

A consciência da sua nudez começou a incomodá-lo. A longa espera o irritava. As luzes não se apagavam e ele estava pelado.

Numa corda de secar roupa avistou uma calcinha de mulher. Sentiu-se salvo. Apoderou-se dela e rapidamente deixou a condição de gatuninho pelado.

O que diria sua mãe se soubesse que, além de roubar, estaria vestindo uma calcinha cor-de-rosa, ornada com rendas verdes e tendo um nome de mulher, bordado na altura do umbigo? Seguramente a panchadaria seria grossa.

A vontade de comprar roupas da moda foi mais forte que o seu sentimento de culpa e o bruto medo de apanhar.

Finalmente as luzes se apagaram. O moleque pulou a mureta da área de serviço do apartamento.

Foi pressentido pelo marido da empregada, dona das calcinhas cor-de-rosa. Foi pego pelo pé, quando tentava fugir. Ficou dependurado, na mais incômoda das posições, por duas mãos que pareciam garras.

O marido da empregada, que inicialmente pensara apenas em capturar um ladrão, tornou-se furioso quando o viu usando as calcinhas da sua mulher. Calcinhas com o nome de Malvina, bordado com chamativa linha verde e ornado com flores. Não admitia o desaforo.

Por ser pessoa de pouco pensar, não sabia o que pensar diante da terrível prova. Como o moleque safado conseguiu as calcinhas da sua mulher? Não acreditava no que via. A sua fiel e prendadíssima Malvina não iria atraí-lo com um ladrãozinho garoto.

Começou o bate-boca entre marido e mulher.

O barulho despertou a quem o ouviu. Juntou gente, vinda por todos os lados. Um heróico cavaleiro, usando pijama discretíssimo, apareceu empunhando ameaçadoramente um revólver calibre 38. O falatório engrossou. Ninguém sabia o que fazer. O importante era falar, opinar, conjecturar.

Demonstrando um grande senso prático, uma empregada doméstica reconheceu no moleque, candidato a ladrão, o filho adolescente de uma amiga. Pessoa honradíssima e trabalhadeira. Saiu discretamente e foi avisá-la do que ocorria com o seu filho. Felizmente a casa do seu patrão não era longe e ela dormia no emprego.

Discutia-se se chamavam ou não a polícia, quando a pobre mãe chegou. Veio banhada em lágrimas e escudada em sua autoridade materna. Sem que ninguém protestasse, liberou o pé do garoto.

Encarou o filho com severidade e lhe aplicou dois violentos puxões de orelha. O molequeaniu de dor, mas não protestou.

Foi então que ela atentou para as calcinhas da Malvina. Sua indignação transbordou. Dobrou o moleque em dois e, na vista de todos, lhe aplicou uma saraivada de palmadas.

Após ter sido humilhado e exemplado, o moleque saiu escoltado pela mãe. Foi em busca das roupas que ocultara no jardim do prédio vizinho. Vestiu-se no escuro e, morrendo de vergonha, devolveu ao ciumento marido as calcinhas da sua preciosa Malvina.

Sem mortos e feridos, o caso se encerrou sem assistência policial.

Rio de Janeiro, década de 1950.

## CARTA ANÔNIMA

A velha senhora morava em companhia do neto. Rapagão bonito e forte que, de repente, a todos surpreendeu ao manifestar preocupantes sintomas de tempestades emocionais. Abandonou a casa, a mulher e os dois filhos. Foi morar com a avó, em pensão familiar.

Todos os hóspedes conheciam o problema. Para não afligir a avó, fingiam ignorá-lo. A situação era generosamente contornada até que evoluiu para a etapa atentatória do sossego coletivo.

O neto perturbado transferia para a noite as angústias sentidas durante o dia. Dormia em horário diurno e despertava no noturno. Quando todos já se haviam recolhido, começava com suas andanças. Depois de dar voltas e mais voltas em torno do seu quarto, ia para o corredor. Acendia a luz e, pisando forte, o atravessava em grandes e pesadas passadas. Quando se cansava da sua interminável caminhada de ida e volta, apagava a luz e recolhia-se ao quarto. Não ia dormir, ou pelo menos deitar-se. Iniciava uma nova ciranda que só findava quando voltava a caminhar no corredor. Durante todo o tempo acendia e apagava a luz. Ora caminhava na claridade, ora na escuridão.

A situação chegou a limites intoleráveis. Ninguém conseguia dormir.

Os hóspedes, que muito apreciavam a avó, debruçaram-se sobre o assunto em busca de solução.

Um deles assumiu a responsabilidade do protesto, mas nada disse do que pretendia fazer.

Protestar era fácil, mas ele não queria ser identificado. Não queria que sua imagem de homem bom e compreensivo se desgastasse. Também não queria perder a estima da avó, a quem muito prezava.

Depois de muito pensar, optou pela solução da carta anônima. Pareceu-lhe a única perfeita, eficaz e, sobretudo, sem comprometer para a sua cautelosa pessoa.

Durante toda a tarde ocupou-se com a redação da carta-protesto. Atacou energicamente as caminhadas noturnas e a execrável operação do acende-apaga. Escreveu impulsionado pela raiva. Depois de ler o que havia escrito, começou a sentir medo. E se fosse identificado? Por nada do mundo admitia a possibilidade de ofender a velha senhora a quem muito considerava. Só queria é que o raio do neto dormisse como toda a gente e deixasse aos outros o direito de dormir em horas convencionais.

Por três vezes tentou redigir a carta que consideraria como sendo perfeita. Somente na quarta investida julgou-a como satisfatória. Convincente e discreta.

Esperou anoitecer para encaminhá-la à sua destinatária.

Como não confiava em ninguém, assumiu pessoalmente a perigosa incumbência.

Era noite fechada quando ele tocou a campainha da casa do filho da velha senhora. Sabia que a encontraria lá.

A empregada atendeu-o. Juntando sua pouca coragem perguntou pela pessoa visada. Esperou-a como se estivesse numa tocaia.

A velha senhora, ao avistá-lo, mostrou-se surpreendida e sentiu medo. O que teria acontecido com o neto?

Ele acalmou-a e, a seguir, fez a solene entrega da carta que lhe era destinada.

Rapidamente afastou-se e mergulhou na noite.

A velha senhora leu o subscrito. Seu nome estava correto. Só não entendia por que a carta lhe fora entregue na casa do filho.

Releu o subscrito e conferiu o destinatário. Quem lhe mandou a misteriosa correspondência?

Tornou a conferir.

Encontrou apenas duas indicações:

SENHORA DONA IDALINA  
DE MÃO MISTERIOSA.

Rio de Janeiro, década de 1940.

## A DIFÍCIL CONFISSÃO

Apenas desembarcou na estação das barcas, o recruta sentiu-se mal. Suava frio e uma forte tempestade revolveu seu ventre.

Apressadamente foi em busca de um sanitário. Não conseguiu chegar a tempo. A multidão bloqueou sua precisão.

Configurou-se um sério prolema. Voltar para casa significava a perda do exame que deveria prestar e, seguramente, sua próxima folga seria cancelada. Como se sentia apaixonadíssimo pela sua mais recente namorada, a punição lhe parecia intolerável. Ir para o quartel teria, como consequência irremovível, a longa e vexatória viagem. Depois viria o pior. A tróça dos colegas de farda quando sua presença denunciasse a catástrofe ocorrida.

Optou pela segunda perspectiva. Exame e namorada não podiam ser perdidos.

Embarcou em bonde superlotado. Teve sorte. Por haver excesso de passageiros, dificilmente seria identificado com precisão.

Desembarcou na estação Dom Pedro II. Como primeira providência dirigiu-se ao toalete masculino e tentou, com parcos resultados, limpar-se. Desembarçou-se da cueca bombardeada, mas não conseguiu livrar-se da sua memória olfativa.

Tomou o trem das professorinhas que, com suas presenças jovens e bem arrumadas, coloriam a multidão pobre a quase maltrapilha que se comprimia em todos os vagões.

O trem partiu. Seguramente, no meio de tanta gente, ninguém iria descobrir um passageiro fedorento.

Em cada estação o trem se esvaziava, recebendo em troca uns poucos passageiros que embarcavam.

Uma professorinha tentou aproximar-se do recruta de fisionomia dessorando preocupação. Sentou-se ao seu lado, buscando o gancho do diálogo.

O recruta entrou em pânico. Sua atitude, ao invés de desencorajar, tornou mais audaciosa a professorinha. Precisava de um pretexto para começar a conversa. O cheiro, tornado ainda mais forte devido ao calor que fazia, pareceu-lhe o gancho perfeito.

– O senhor está sentindo um cheiro desagradável? Vamos mudar de vagão?

A resposta veio ríspida e pouco encorajadora.

– Não, senhora.

A conversa não conseguiu vingar. Desanimada, a professorinha mudou de vagão. Grosseirão!

O recruta sentiu-se aliviado, mas seu desafogo durou pouco tempo. Na primeira estação subiu uma moça bonita e cheia de encantos. Olhou para o recruta e resolveu atraí-lo.

O alvo do seu interesse sentiu-se duplamente preocupado. Além do vexame, a morena de olhos verdes seria capaz de fazê-lo esquecer a sua recente namorada.

Precisava mostrar-se distante, indiferente. Precisa afastá-la. Um dia, quem sabe, viajariam no mesmo trem e em outras circunstâncias. Apanhou um pedaço de jornal que fora esquecido em um banco e refugiou-se em sua leitura.

A morena de olhos verdes desistiu de conquistá-lo. Desiludida e expulsa pelo inexplicável mau cheiro, também mudou de vagão.

O recruta via, com grande alívio, que o seu suplicio se aproximava do fim.

O vagão estava praticamente deserto. Sentia-se fortalecido para afrontar a troça dos colegas.

Foi então que aconteceu o pior e suas defesas desmoronaram. Entrou mais alguém no vagão. Era uma senhora de avançada idade, gorda, vulgar e curiosa. Jogou suas banhas ao lado do recruta e puxou conversa. Não encontrando a receptividade que esperava, atingiu o alvo.

– O senhor não está sentindo muito fedor? Aqui passou criança.

A provocação arrebenitou com os seus nervos. Partiu para a agressão.

– Estou, sim. Não deu tempo.

Desembarcou na primeira estação.

Rio de Janeiro, década de 1930.

## O MILAGRE DA BOA HORA

Como o episódio chegou ao meu conhecimento com muitas décadas de atraso, veio despojado de detalhes e repleto de moralismos.

Teve como cenário a estrada da Cachoeira, no então bairro niteroiense do Saco de São Francisco. Zona rural então ocupada por grandes chácaras. Local relativamente isolado e com escassa condução.

Os personagens que o animaram foram os novos moradores de uma chacara, herdada por um recém-casado.

O casamento, realizado por pressões sobre os principais interessados, fora de grande agrado para ambas as famílias.

O isolamento, motivado pela localização da moradia, logo deteriorou o pouco articulado relacionamento do casal. Para ambos, a chacara, por sua longitude, tinha o inconveniente de isolá-los dos respectivos interesses.

Para ela ficava longe da família e das amigas. Para ele, da rodinha de amigos que animavam suas noites de solteiro.

Ela buscou distrair-se fazendo jardinagem e assumindo com valor sua posição de dona de casa. Como logo engravidou, encontrou uma grande motivação no preparo do enxoval do bebê.

Ele bem depressa sentiu-se asfixiado com a monotonia dos serões familiares. Não agüentou muito tempo. Apenas os criados terminavam a jornada de trabalho e regressavam para suas casas, ele também saía. Não podia passar sem a rodinha dos amigos.

Dia após dia, seguia a mesma rotina. Caminhava a pé até o ponto do bonde. Não perdia o horário. Desembarcava no Centro e se dirigia à confeitaria onde estavam os seus amigos.

As horas voavam alegres e divertidas, regadas com muita certeza. Era preciso que os amigos o advertissem de que era tempo de pegar o último bonde. Chegava em casa de madrugada e encontrava a cômoda situação de uma mulher adormecida.

A gravidez da esposa progredia. Seguramente sua mãe, muito cautelosamente, advertira-a do que aconteceria quando chegasse a sua boa hora.

Uma noite, embora em descompasso com as lunações previstas, a grávida sentiu a proximidade do parto.

Advertiu o marido, em ocasião imprópria. Ele se preparava para sua escapada noturna e ficou irritado.

Não admitia insistências. O parto não estava previsto. Na ocasião devida, ele tomaria as providências necessárias, começando pela convocação da sogra.

Deu o assunto como encerrado e saiu de casa.

A grávida, amedrontada, chorando copiosamente, foi para o seu quarto. Jogou-se na cama e, durante muito tempo, ficou olhando o teto. Levantou-se e abriu a janela. O céu estava pontilhado de estrelas e a posição da lua lhe indicou que ficaria muito tempo só, até que o marido retornasse.

Sentiu-se desesperadamente desamparada. No casa da chácara não havia telefone. Queria que a mãe estivesse ao seu lado.

Tentou dormir. Trocou de roupa. Deitou-se e o sono não chegou. Em nenhuma posição sentia-se confortável.

Súbito uma dor, profunda como uma punhalada, golpeou seus rins. Levantou-se. A dor passou. Foi até a cozinha para beber água. Voltou para o quarto e jogou-se na cama, frustradamente larga.

Sentiu-se inquieto, nervosa, oprimida e, acima de tudo, dolorida. Deitou-se novamente. A dor voltou e muitas vezes a apunhalou. Quando menos esperava, ela sumiu. Voltou outras vezes. O espaço entre uma e outra diminuía cada vez mais.

Pensou em gritar, pedindo socorro. Quem sabe os empregados acordariam... O terreno da chácara era grande e a casa onde viviam ficava longe. Quem sabe se seria ouvida...

Sentiu vergonha da sua posição de mulher abandonada, afrontado o seu primeiro trabalho de parto. O que diriam? O preconceito dominou o medo.

O pânico a possuiu. Os sintomas do parto eram evidentes. A consciência do seu desamparo mergulhou-se nas águas turvas do desespero.

Arrastou-se na direção da porta e tentou sair em busca de ajuda. Deixaria o orgulho de lado. Caminharia até a casa dos empregados.

Rompeu-se a bolsa d'água. Sentiu-se tragada pelas águas enfiurecidas de uma enchente. As dores se foram costurando, cada vez mais próximas, cada vez mais alucinantes.

Voltou para o quarto. Jogou-se na cama. Sentia-se incapaz de pensar e agir. Sabia apenas que, em sua boa hora, precisava de ajuda.

Pensou na sua total in experiência. Pensou no marido omisso que não chegaria antes da madrugada.

As dores aumentavam em intensidade e diminuía o intervalo entre uma e outra.

A parturiente gemia, rezava e pedia um milagre.

Valei-me, Nossa Senhora da Boa Hora! Valei-me, Nossa Senhora do Parto! Valei-me Nossa Senhora do Bonsucesso! Valei-me Nossa Senhora da Expectação!

E o milagre aconteceu. O enviado de Nossa Senhora da Boa Hora foi um ladrão ocasional, do tipo ventanista, que conseguiu arrombar uma janela e buscava se orientar na casa protegida pela escuridão.

Parecia uma casa desocupada. Se alguém estivesse, dormia profundamente.

Assustou-se com um gemido golpeando o silêncio. Teve medo e pôs-se em guarda.

Os gemidos aumentavam e se faziam cada vez mais doloridos. Quem estaria sofrendo tanto?

Expectativa intolerável!

Pensou em fugir para não ser descoberto. Pensou, mas a piedade o aprisionou.

Com infinita cautela, seguiu o rastro sonoro dos gemidos.

Chegou a um quarto, parcamente iluminado. Diante duma imagem de Nossa Senhora da Conceição, entronizada em pequeno oratório doméstico, ardia uma vela. Jogada em cima de uma cama de casal, avistou uma mulher sofrendo as dores do parto. Quase uma menina. Estava só.

Delicadamente, para não assustá-la, aproximou-se dela. Ganhou-lhe a confiança, contando a sua verdade.

Entrara para roubar, mas nenhum mal lhe faria. Já não pensava em roubar, nem sequer em fugir. Queria apenas ajudá-la. Era pai e por três vezes acompanhara os partos da mulher. Sabia o que devia ser feito. Pediu-lhe para ter calma e seguir suas instruções. Ele a ajudaria.

A criança nasceu antes da madrugada. O ladrão ventanista cuidou da mãe e do filho, como experiente parteiro.

Quando os viu adormecidos, sentou-se numa cadeira e ficou velando.

O marido chegou com a madrugada. Cautelosamente, como costumava fazer para não acordar a esposa, entrou no quarto.

Encontrou a família aumentada.

Um ano após, o parteiro-ventanista, totalmente afastado das atividades que o levaram a contactar família das mais respeitadas, foi elevado à categoria do compadrismo.

Nem parteiro, nem ladrão, apenas o padrinho de uma criança, nascida em circunstâncias muito especiais e altamente sigilosas.

Rio de Janeiro, década de 1910.

## BOLA DE SABÃO

Nos primeiros anos da década de trinta, um negociante muito hábil se estabeleceu em cidade-satélite do Rio de Janeiro.

O casamento com a filha de um bem-sucedido negociante aumentou o seu capital.

O casal teve quatro filhas que foram, desde cedo, amoldadas a princípios e preconceitos castradores.

Sempre acompanhadas pela mãe, submissa às determinações do marido e exercendo feroz vigilância aos seus rebentos, as meninas foram crescendo. De tão submissas atravessaram a infância sem problemas aparentes e entraram na adolescência imunes à inquietação que caracteriza o período. O estudo lhes trouxe informações controladas, mas não liberou suas mentes. A palavra *reação* não entrava no vocabulário da família.

Em realidade o homem não era mau. A família morava confortavelmente e nem sonhava o que pudesse ser preocupação de ordem econômica. Apenas, ele tinha suas idéias e as impunha de forma ditatorial.

As meninas tomaram-se moças e portadoras de diplomas de normalistas. O exercício da profissão, no entanto, foi-lhes proibido por determinação paterna. Mulher trabalhando fora e ganhando o seu próprio dinheiro, isto ele não admitia.

Os anos foram passando e engolindo as esperanças casamenteiras, não apenas acarinhadas por elas, como também ansiosamente esperadas pelos pais, incapazes de entender como seus quatro rebentos, por todos considerados como sendo excelentes partidos, não encontravam pretendentes.

Um dia, o milagre aconteceu e iluminou a vida da mais nova das irmãs.

Mudou-se para a cidade onde viviam um negociante de ramo mais sofisticado e portador dum diploma universitário.

O acaso, configurado numa compra banal, aproximou a moça e o dono do estabelecimento. A comunicação amorosa se processou em instantes e deu início a um romance, logo colorido com a fantasia.

Mãe e irmãs apoiaram a escolhida e o namoro semipermitido evoluiu para um formal pedido de casamento.

Certificado pela mulher sobre a natureza da visita que receberia, o próspero negociante tratou de colher informações sobre o pretendente à mão da filha.

Recebeu ótimas referências. Moço de futuro, com bom tino comercial e capaz de desenvolver o seu pequeno capital. Bons costumes e família bem constituída. Nada de desabonador a prejudicá-lo.

O homem sentiu-se satisfeito. Finalmente uma das suas filhas encontrou marido. Apenas um detalhe o contrariava e se colocava frontalmente contra os seus princípios. A escolhida era a mais nova e isto não estava certo. Se ela casasse primeiro, as irmãs poderiam ficar encalhadas como mercadorias sem demanda.

O problema lhe tirou o sono e, depois de muitas reflexões, descobriu a forma de equacioná-lo.

No dia marcado para o pedido, as quatro meninas nadavam em felicidade. A mãe, sentimentalmente, suspirava lembrando que, em breve, sua caçulinha seria mulher casada. A quase noiva, nervosíssima, experimentava vestidos e mais vestidos para escolher qual deles a valorizava mais. As irmãs zanzavam, distribuindo excitação por todos os cantos. A casa foi enfeitada com flores e mais bruniada que de costume. As criadas atarefadas compartilhavam da alegria geral. Apenas o pai permanecia enigmático e não tocava no assunto. Preferiu trancar-se no escritório, à espera da visita.

Na hora marcada, nervoso e com traje caprichado, chegou o pretendente. O dono da casa, figurando indiferença, recebeu-o na sala de visitas e o convidou para acompanhá-lo ao escritório, onde desejava ter uma conversa particular.

O pretendente, meio nervoso, garantiu o seu amor pela moça escolhida e, logo a seguir, fez a demonstração dos seus recursos e potencialidades para o sustento da família.

O sogro em perspectiva ouviu distraidamente a primeira parte da exposição e atentamente a segunda, cientificando-se de que o candidato apresentava as condições mínimas exigidas.

Depois de ouvir sem interrupções, deu sua resposta.

Sentia-se honrado com a escolha do pretendente e, com muito prazer, concedia-lhe a mão da filha. Havia apenas um detalhe a ser modificado. A noiva seria a filha mais velha e não a mais nova. Caso esse detalhe não fosse aceito, retirava o seu consentimento.

O pretendente empalideceu. Engoliu em seco, tentando argumentar e, antes que pudesse fraquejar, aceitou a troca.

## A GUERRA DOS GLUGLUS

Na segunda metade da década de 30, o mundo estava prestes a explodir, mas isto em nada afetava o comportamento mundinho das meninas bem-nascidas e perfeitamente moldadas em modelos tradicionais.

Em uma das suas tardes vadias, a garota descobriu que era divertidíssimo observar os muitos perus, moradores permanentes no quintal da casa vizinha.

Todos eles com rodas tão armadas que pareciam arquiteturas em movimento. Todos eles comprometidos em manter, sem interrupções, o monótono coro dos gluglus.

Teve uma idéia, logo posta em execução.

Resolveu implicar com os perus. Na melhor das provocações, respondia com gluglus aos gluglus, vindos do quintal vizinho.

Os perus entraram em alvoroço. Desorientados por não saberem identificar de onde partiam os provocadores gluglus, corriam por todos os lados. A perplexidade sucedeu-se a ira. Estourando de raiva, o clã dos perus, em bélicos gluglus, preparou-se para o ataque. Cristas e papadas encharcaram-se com sangue. Rodas, como escudos, marcaram a posição do combate.

Começou a gloriosa guerra dos gluglus contra os gluglus.

A garota se divertia loucamente, quando ocorreu a primeira baixa. A apoplexia vitimou o mais irado dos guerreiros.

Silenciados por alguns instantes, os perus voltaram ao ataque em busca do inimigo invisível que os desafiava com insuportáveis gluglus.

A garota avaliou a gravidade da situação e sentiu medo. Um peru morto, todos os outros unidos numa infernal orquestra de gluglus, pacatas galinhas esvoaçando assustadas... Logo alguém apareceria para verificar o que estava ocorrendo. Covardemente a garota bateu em retirada. Subiu em maternal mangueira e tomou a posição de espia.

Chegou gente para ver o que estava acontecendo. O peru morto foi devidamente carpido. A cozinheira examinou o guerreiro e declarou que não havia vestígios de picada de cobra. Garantiu que o bicho não estava doente e que poderia ser comido. A dona da casa, baseada na opinião da cozinheira, convidou pessoas para o jantar. (Difícil foi explicar o porquê de um jantar à base de peru e sem nenhum motivo especial de comemoração.)

O jardineiro contou que um gambá estava atacando os galinheiros e se prontificou a preparar uma armadilha para apanhá-lo.

O cadáver do peru foi removido para a cozinha e a pasmaceira voltou a reinar no galinheiro.

O perigo fora afastado. A garota desceu da árvore e se refugiou em seu quarto. A família reunida comentava o caso dos gluglus. Provavelmente o galinheiro da casa vizinha fora atacado pelo gambá-ladrão.

Rio de Janeiro, década de 1930.

## ENCOMENDA DOS MIÚDOS<sup>1</sup>

Encerrando uma temporada em casa do filho, que veio para o Brasil e por cá ficou, a avó lusa preparava-se para regressar.

Entre as muitas coisas que levaria para presentear a família e os amigos mais chegados incluía a encomenda dos netos de lá para os netos de cá.

Os de lá, gulosos das bananas brasileiras que consideram mais gostosas que as africanas, pediram aos de cá que lhes enviassem, por intermédio da avó, um cachito de bananas.

A família compareceu em peso ao embarque da visitante, que viajaria pela TAP em voo direto até Lisboa.

Os passageiros da TAP, quase todos portugueses, animavam o nobre aeroporto do Galeão. Levavam montanhas de bagagens, mas nenhuma delas era tão insólita quanto a encomenda enviada pelos miúdos de cá para os miúdos de lá. Dois cachos de bananas douradas que seriam levadas como bagagens de mão.

O comissário de trânsito vetou-lhes o embarque e a avó não se conformou com o despropósito. Recusou as recomendações dos que a advertiam da necessidade de renunciar aos dois cachos de bananas, alegando, como consolo, que os miúdos ficariam muito satisfeitos com outros regalos.

A avó permanecia irredutível. Os cachos foram entregues aos seus cuidados e, de baixo de suas vistas, deveriam chegar a Portugal.

O filho foi confabular com o chefe da agência da TAP e mostrou-lhe credenciais ponderáveis para a colónia lusa. Conseguiu, assim, que ele se comunicasse com autoridade superior que, ao ser informada sobre a identidade da viajante, autorizou o embarque dos dois cachos de banana na categoria de bagagem de mão.

Até a hora do embarque, os dois cachos de banana eram apenas problemas administrativos. A partir do momento em que a avó teve de carregá-los para o interior da aeronave, eles se tornaram problemas reais e de difícil solução. Pensavam demais e tinham de ser conduzidos por alguém que carregava agasalhos e uma bolsa de viagem de tamanho respeitável.

Salva do apuro por um funcionário que passava, a senhora finalmente embarcou.

---

<sup>1</sup> Forma como, em Lisboa, são chamadas as crianças. (N. da A.)

A aeromoça quase perdeu sua inalterável serenidade quando se defrontou com o problema de acomodar dois cachos de bananas, num voo totalmente lotado.

Como opção única, colocou-os nas dependências do comissariado.

O avião decolou serenamente e a rotina de bordo envolveu a senhora em manto de tranqüilidade. Jantou magnificamente e dormiu celestialmente.

Pela manhã as aeromoças entraram em função, servindo a primeira refeição rigorosamente dentro do horário.

O avião, porém, não estava no horário. Péssimas condições atmosféricas obrigaram o comandante a desviar a rota, tomando a direção de Las Palmas.

A viagem, até então das mais calmas, foi-se modificando. Turbulências e mais turbulências. O avião dançava e, de quando em quando, mergulhava em assustadores vácuos.

O serviço de bordo foi interrompido. O painel de avisos se acendeu. As aeromoças providenciaram para que todos os passageiros colocassem os seus cintos de segurança.

Sempre sorridentes, as aeromoças tentavam manter um clima de descontração.

A voz do comandante encheu a aeronave, ordenando que todos se preparassem para a aterrissagem e seguissem as instruções que seriam dadas pelas aeromoças.

O que estaria acontecendo? Ao invés da paisagem de presépio que anuncia a chegada a Lisboa, avistavam-se apenas algumas rochas emergindo do mar.

Todos se sentiram inquietos. As aeromoças acalmavam os mais nervosos e diziam que os desvios de rotas eram mais frequentes do que se imagina.

O avião continuava em voo endoidecido. Um passageiro, com voz trinitruante, soltou o medo que fora contido.

– Raios, raios, raios! Por que não voam mais alto? Faça esta viagem todos os meses e sei que estamos muito longe de Lisboa.

Entre solavancos fortes e desconexos, o avião perdia rapidamente altura.

Novamente o comandante falou aos passageiros. Disse-lhes que o aparelho estava sob controle, mas que um pouso de emergência deveria ser feito em Las Palmas.

As aeromoças acalmavam os mais aflitos e renovavam suas instruções para um pouso que talvez fosse incomum.

Novas instruções do comandante. Tão logo se concluisse a manobra de aterrissagem, todos os passageiros deveriam descer pelas esteiras, levando consigo apenas documentos e dinheiro.

O pouso foi melhor que o esperado e os passageiros aprontavam-se para sair de forma ordenada, quando a portadora dos dois cachos de bananas declarou que só desembarcaria com eles. (Acabou sendo praticamente seqüestrada e sem os preciosos cachos.)

Apenas desembarcaram, os passageiros se deram conta de que haviam passado por grande perigo. O aeroporto estava de prontidão. Ambulâncias, carros de bombeiros, médicos, enfermeiros, padioleiros, repórteres, autoridades policiais...

Quando o avião foi totalmente evacuado, os bombeiros entraram em ação e o cobriram com espuma antiincêndio.

Repórteres colhiam depoimentos. Todos os passageiros elogiavam a tripulação. A única voz discordante era a da senhora portadora dos dois cachos de bananas, que se julgava prejudicada por não ter desembarcado com sua preciosa carga.

– Tanta pressa, tanta pressa para darem um banho no avião. Pois.

Rio de Janeiro/Praia Vermelha, década de 1980.



## COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA

1. *A era das demolições/Habitações populares*, de Oswaldo Porto Rocha e Lia de Aquino Carvalho.
2. *Aforamentos: inventário sumário*, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.
3. *Rio de Janeiro: cidade e região*, de Lysia Bernardes e Maria Therezinha de Segadas Soares.
4. *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio.
5. *O Garatuja*, de José de Alencar.
6. *História da cidade do Rio de Janeiro*, de Delgado de Carvalho.
7. *As mulheres de manilha*, de Joaquim Manuel de Macedo.
8. *Diário do hospício/O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto.
9. *Um Rio em 68*, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural.
10. *Desabrigo*, de Antônio Fraga.
11. *Pereira Passos: um Haussmann tropical* (a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX), de Jaime Larry Benchimol.
12. *Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia*, de Evelyn Furquim Werneck Lima.
13. *A mulher e os espelhos*, de João do Rio.
14. *Mistérios do Rio*, de Benjamim Costallat.
15. *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha.

16. *O mundo de Machado de Assis* (O Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis), de Miécio Tâti.
17. *Dos trapiches ao porto* (um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro), de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão.
18. *O Rio de Janeiro da pacificação* (franceses e portugueses na disputa colonial), de Paulo Knauss de Mendonça.
19. *A cidade mulher*, de Álvaro Moreyra.
20. *Os transportes coletivos na cidade do Rio de Janeiro: tensões e conflitos*, de Maria Lais Pereira da Silva.
21. *Natureza e sociedade no Rio de Janeiro*, Maurício de Almeida Abreu (organizador).
22. *No rascunho da nação: Inconfidência no Rio de Janeiro*, de Afonso Carlos Marques dos Santos.

Também não faltam as tímidas casadoiras, os preconceituosos em luta com as atrações, os bem-sucedidos profissionalmente e o comovedor enredo de "O milagre da boa hora", que fazem de *Estação Rio*, vigésimo-terceiro volume da coleção **BIBLIOTECA CARIOCA**, mais uma vez editada pelo Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, através da Divisão de Editoração, da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, uma obra muito atraente.

Rosemary de Siqueira Ramos

**RIO** Prefeitura  
da Cidade

Secretaria Municipal de  
Cultura, Turismo e Esportes

ISBN 85-85096-32-2